

# **FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS**

**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA – CPDOC**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

## **ROQUETTE-PINTO E A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO**

### **Coletâneas de Documentos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado por

**ADRIANA DUARTE**

E APROVADO EM \_\_\_\_\_ PELA BANCA EXAMINADORA

---

**Profª Drª ANGELA DE CASTRO GOMES (Orientadora)**

---

**Profª Drª ALZIRA ALVES DE ABREU**

---

**Profª Drª LIA CALABRE**

---

**Profª Drª MARIANA CAVALCANTI (Suplente)**

## **RESUMO**

A trajetória da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e o papel crucial desempenhado por Edgard Roquette-Pinto em sua criação e desenvolvimento é o que o presente trabalho retrata, por meio de uma coletânea de documentos do acervo daquela instituição. São apresentados arquivos audiovisuais, entrevistas e depoimentos que comprovam a importância desempenhada pela primeira rádio brasileira, cujo objetivo era difundir educação e cultura a todos os povos, estreitando o liame ciência, tecnologia e informação. O período de sua existência (1923-1936) foi marcado por uma conjuntura política peculiar cujas determinações inviabilizaram a continuidade da Rádio Sociedade nos moldes determinados pelos seus precursores, ou seja: difusão educativa. A rádio foi doada ao governo federal no ano de 1936, passando a se chamar Rádio Ministério da Educação.

## ***ABSTRACT***

The trajectory of the Radio Sociedade of Rio de Janeiro and the crucial paper played by Edgard Roquette-Pinto in its creation and development are what the present work shows, by means of using documents of the collection of that institution. Audiovisual archives, interviews and testimonies are presented to prove the importance played for the first brazilian radio, whose objective was to spread out education and culture to all people, narrowing the tie between science, technology and information. The period of its existence (1923-1936) was marked by a peculiar politic conjuncture, whose determination had made impracticable the continuity of the Radio Sociedade in the molds determined for its precursors, which were: educative diffusion. The radio was donated to the Federal Government in the year of 1936, receiving a new name Radio Ministerio of Education.

## AGRADECIMENTOS

Ninguém faz nada sozinho! Ainda mais quando se trata de um trabalho de pesquisa com tantos detalhes, tantas informações e arquivos de imagem e áudio. Por mais que a boa vontade e paciência possam reinar sempre é preciso buscar um técnico que nos salve da limitação tecnológica e torne o objetivo de caprichar nos detalhes algo concreto.

Assim, agradeço à designer Valeska Mendes, à técnica em informática Hanna Lisboa e aos meus amigos do trabalho e do mestrado – todos que sempre me socorreram em alguma dúvida ou pesquisa.

Família ... sempre presente, principalmente nos momentos de transição e sempre dando um empurrão, quando você só quer descansar. Sophia, pequenina, que nem entende direito tanta papelada, mas que acha tudo engraçado e diverte a todos. Família: imprescindível colaboração!

Aquelas pessoas que, com amor e carinho, aparecem nos acalentam, incentivam e tornam-se bálsamos para o coração.

O rol seria muito extenso e eu poderia cometer alguma injustiça esquecendo algum nome importante, mas não posso deixar de citar Adriana Xavier e Adelande Leotério que foram braços, em momentos diferentes, que moveram a casa quando foi preciso estar ausente.

Obrigada, ainda, à professora Ângela de Castro, que quando conheci só pensei, no mínimo, durona!!! Mas a convivência com ela revelou uma pessoa especial e comecei a descobrir o valor da objetividade e sensibilidade de um orientador. A prof. Ângela analisou todo o material com muito bom grado e, como uma seta indicando o norte, fez várias sugestões, colocando-se à disposição no que era necessário. Eu sempre digo que as pessoas aparecerem em nossas vidas por alguma razão especial e com um dedinho de Deus. E assim foi com a prof. Ângela...um terno e eterno obrigada!

Deus também não poderia ficar de fora, pois essa energia, que nos move e alimenta nossa fé e esperança, é que torna tudo mais fácil, quando as tormentas parecem que vão nos desestruturar.

Obrigada a todos! É o mínimo que posso dizer.

## ÍNDICE

Introdução .....	p. 10
Capítulo I: Roquette-Pinto, o criador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro .....	p. 16
I.1 Os Homens da Academia Brasileira de Ciências .....	p.18
I.2 Edgard Roquette-Pinto. ....	p.19
I.2.1 Depoimentos e Entrevistas .....	p.23
I.2.1.1 Cláudio Roquette-Pinto Bojunga .....	p.23
I.2.1.2 Luís de Castro Farias .....	p.26
I.2.1.3 Sérgio Vasconcelos .....	p.31
I.2.1.4 Beatriz Roquette-Pinto Bojunga .....	p.34
I.2.1.5 Carlos Chagas Filho .....	p.44
Capítulo II: A trajetória da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro .....	p.54
II.1 A Inauguração .....	p.54
II.2 Os Fundadores e os Associados .....	p.62
II.3 Os Símbolos .....	p.71
II.4 A Programação .....	p.74
II.4.1 Visitantes ilustres .....	p.76
II.4.2 Anunciantes .....	p.88
II.5 Depoimentos e Entrevistas .....	p.96
II.5.1 Sérgio Vasconcelos .....	p.96
II.5.2 Beatriz Roquette-Pinto Bojunga .....	p.101

Capítulo III: A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro na Imprensa .....	p.106
III.1. Jornais .....	p.107
III.2 Revistas .....	p.122
Capítulo IV: A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e seus ouvintes .....	p.132
IV.1 Cartas emitidas pela Rádio Sociedade .....	p.134
IV.2 Correspondências recebidas pela Rádio Sociedade .....	p.140
IV.2.1 Telegramas .....	p.140
IV.2.2 Cartões-postais .....	p.155
IV.2.3 Correspondência ao portador .....	p.158
IV.2.4 Cartas Nacionais .....	p.159
IV.2.4.1 Manifestações Infantis .....	p.160
IV.2.4.2 Cartas diversas .....	p.162
IV.2.5 Cartas Internacionais .....	p.171
IV.2.6 Convites Diversos .....	p.175
Capítulo V: O desfecho da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.....	p.182
V.1 Ata da Assembléia dos Sócios da Rádio Sociedade .....	p.185
V.2 Inventário de bens e de funcionários da Rádio Sociedade .....	p.186
V.3 Carta de Gustavo Capanema .....	p.189
V.4 Termo de Recebimento da Rádio Sociedade .....	p.190
V.5 Entrevista com Beatriz Roquette-Pinto Bojunga .....	p.192
V.6 Crônica de Carlos Drummond de Andrade .....	p.194

Conclusão .....p.197

Bibliografia .....p.199

Anexo .....p.202

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ABL** – Academia Brasileira de Letras

**ABC** – Academia Brasileira de Ciências

**ABE** – Associação Brasileira de Educação

**ACERP** – Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto

**AN** – Arquivo Nacional

**BN** – Biblioteca Nacional

**CD** – Compact Disk

**CPDOC** – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

**FGV** – Fundação Getúlio Vargas

**FIOCRUZ** – Fundação Oswaldo Cruz

**INCE** – Instituto Nacional do Cinema Educativo

**RS** – Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

**SOARMEC** – Sociedade dos Amigos da Rádio MEC

**TSE** – Telefonia Sem Fios

## INTRODUÇÃO

No início do ano de 2005, transferi meu domicílio para a cidade do Rio de Janeiro a fim de exercer minhas atividades profissionais na área jurídica de uma rede de televisão. Na verdade, era uma oportunidade de emprego que, inicialmente, não me levou a supor como esse novo rumo me proporcionaria horizontes fantásticos e distintos do próprio exercício da profissão a que me dedico.

A instituição em que fui trabalhar é popularmente conhecida como TV Educativa do Rio de Janeiro, sendo uma entidade privada, mas vinculada à rede pública de televisão, devido a suas finalidades sociais e ao exercício de atividades sem objetivo de lucro. Sua denominação jurídica é ACERP – Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto – e sua qualificação, mediante edição do Decreto 2.442, de 23/12/1997, como "Organização Social", vislumbra sua responsabilidade para com a cultura, a sociedade, a cidadania, os direitos e os deveres do povo brasileiro. Esta instituição abarca não só atividades televisivas, como também radiofônicas, sendo sempre agraciada com prêmios nacionais e internacionais, que reconhecem o valor de suas produções e de sua importante contribuição em sua seara de atuação.

A certeza do importante papel desenvolvido pela televisão na sociedade brasileira como veículo formador de opinião pública e a preocupação com a difusão de programas de qualidade despertaram cada vez mais meu interesse pela instituição, pelos seus propósitos e também para a questão da cultura. Este fato me direcionou para o desenvolvimento de olhares e percepções que ultrapassaram o estrito desempenho da função de advogada.

Este meu liame profissional foi determinante no meu interesse pessoal pela área de bens culturais. Já com essa preocupação, certo dia me deparei com um processo administrativo, cujo objeto era a restauração do acervo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Nunca ouvira falar daquela rádio e, de imediato, ative-me, estritamente, aos aspectos legais da matéria submetida à minha análise. Posteriormente, pesquisando sobre a guarda do acervo, que foi concedida a diferentes órgãos governamentais, tive acesso a documentos que relatavam sua história institucional e remarcavam o propósito

pioneiro de seus fundadores. Dessa forma, tive um contato mais pormenorizado com o ideal que essa rádio representava.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro estava no início de uma longa trajetória, que culminava na criação da instituição que hoje se conhece por ACERP e que administra a atual Rádio MEC. E isso ocorria justamente em uma fase de transição, na qual o governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva criava a EBC – Empresa Brasil de Comunicação, com objetivo de sistematizar toda a rede pública de comunicação, em todos os tipos de mídia, analógicas e digitais.

Esses propósitos de valorização da cultura e da educação por meio de difusão em massa eram já perqueridos na década de 1920, por intelectuais entusiastas que não mediram esforços para a concretização do que posso denominar de uma façanha político-ideológica.

Percebi, então, que esse era um tema historicamente importante e muito pouco explorado, já que a história da Rádio Sociedade não foi, ainda, objeto de estudo sistemático, sobretudo no que tange a seu próprio acervo. Na verdade, existem apenas alguns relatos e textos esparsos, bem como pesquisas fragmentadas. O material sobre o assunto está extremamente disperso e o presente trabalho irá agregar-se à pouca literatura já produzida, ampliando o conhecimento sobre o tema, registrando e difundindo seu conteúdo, quer entre os historiadores, quer entre os interessados nos estudos de mídia e educação.

Persuadida da importância da Rádio Sociedade, decidi torná-la (a rádio e seu acervo), meu objeto de pesquisa. O resultado desse trabalho, que ora se apresenta, é a organização de uma coletânea de documentos do acervo da Rádio Sociedade, que tem como objetivo disseminar o conhecimento sobre a história da primeira rádio educativa fundada no Brasil. Ressalte-se, também, o valor informativo que a socialização, ainda que parcial, do seu acervo pode produzir, levando ao conhecimento de um amplo público, o papel desempenhado pela Rádio Sociedade, tanto no campo da comunicação, como no da educação, na época em que funcionou.

Este acervo ficou muito tempo esquecido no chamado “arquivo morto” da ACERP, mais precisamente num depósito localizado no bairro da Penha. Os documentos que o integram foram encontrados em péssimo estado de conservação e sem nenhum tipo de controle organizacional. O conjunto reúne mais de cinco mil itens, entre livros de registros, atas, cartas de leitores, partituras, algumas fotografias e a bandeira da instituição. Também existem reportagens publicadas nos jornais da época e revistas especializadas em radiodifusão, mas a maior parte do acervo é composta por manifestações dos ouvintes da rádio, o que representa mais de quatro mil itens do universo total de documentos. Este material é fonte imprescindível e obrigatória de pesquisa, quando o objetivo é identificar tanto os ouvintes da rádio como o seu alcance territorial e social. É bom ressaltar que trata-se do arquivo da Rádio Sociedade, mas ele foi colecionado por Roquette-Pinto, que pode ser considerado seu titular.

Atualmente, está sendo efetivada a restauração deste material e o acervo encontra-se interditado para pesquisa externa. Tais documentos estão passando por um processo de higienização e organização, pois estavam desordenados dentro de envelopes, pastas e caixas. Finalizado este processo, o acervo será disponibilizado ao público em diferentes mídias, sendo que o presente trabalho só foi viabilizado, neste período, porque sou considerada público interno da instituição. Aliás, este trabalho foi peça fundamental para o início do processo de recuperação do acervo e, até certo ponto, é um de seus primeiros produtos, cujo objetivo é socializar o próprio acervo.

Nesta coletânea, a figura de Roquette-Pinto e de outros personagens, a trajetória da Rádio Sociedade, o contexto em que foi fundada e funcionou são apresentados e ilustrados através do uso de uma documentação textual e audiovisual. A coletânea é composta por seis capítulos.

Destaca-se, no primeiro capítulo, a pessoa de Edgard Roquette-Pinto no rol de pioneiros do rádio no Brasil, principal idealizador da criação da Rádio Sociedade. Um intelectual que não mediu esforços para sua criação e manutenção, estreitando o vínculo entre ciência, tecnologia, educação e cultura.

Roquette, como era chamado e como o chamaremos aqui, afirmava que o “*rádio era a escola de quem não tinha escola*” e insistia em transmitir a um amplo público ouvinte, via recursos sonoros, o melhor da educação e da cultura brasileiras. Ele estava convicto da função social a ser desempenhada pelo rádio, meio capaz de levar aos confins do Brasil, notícias, informações e reflexões, contribuindo, sobremaneira, para o processo de conscientização política da população. O seu desejo e sua persistência em permitir o acesso de todos a uma forma de educação acessível, pelo uso do rádio, demonstraram sua preocupação incessante em instruir e educar os ouvintes da Rádio Sociedade.

O segundo capítulo dedica-se à trajetória da Rádio Sociedade, que foi criada em 20 de abril de 1923, com o propósito de ser um veículo de comunicação eminentemente artístico, cultural e educativo, conforme estipulado em seu estatuto social, que continha uma cláusula proibindo a prática ou propaganda de fatos políticos, religiosos e comerciais. A emissora surgiu no seio da comunidade científica brasileira e viveu momentos gloriosos, irradiando uma programação que contava com a participação de muitos intelectuais famosos, entre os quais membros da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências, professores do Museu Nacional, artistas e cantores de renome, numa época em que os astros do rádio tinham fama nacional e eram populares.

A Rádio Sociedade foi a primeira estação da América do Sul a irradiar uma ópera completa, a apresentar um programa de teatrinho infantil e a tocar jazz com regularidade. Recebeu visitantes ilustres de todas as partes do país e até do estrangeiro, entre os quais vale ressaltar as presenças de Albert Einstein e Mary-Curie, comprovando um dinâmico intercâmbio nas áreas das ciências e da cultura em geral.

O terceiro capítulo tem como intuito demonstrar de que forma se deu a recepção da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nos diferentes veículos da imprensa escrita existentes àquela época, ressaltando que os recortes de jornais e revistas que integram o acervo foram selecionados segundo a ótica do titular e organizador do arquivo, Roquette-Pinto.

No que tange aos jornais, eles traziam notícias da Rádio Sociedade e também notícias de acontecimentos ocorridos no período. No caso destas matérias de cunho jornalístico e não institucional, pode-se deduzir que foram arquivados alguns recortes que, provavelmente, eram utilizados nas irradiações diárias para a transmissão de notícias aos ouvintes. Uma outra interpretação é a de que tais notícias podiam interessar ao titular do arquivo, particularmente no que diz respeito aos meios de comunicação.

A Rádio Sociedade, além de cuidar de uma programação radiofônica que era transmitida diariamente, sempre se preocupou em manter um veículo de comunicação impresso, sendo responsável pela edição de revistas de conteúdo radiofônico desde sua criação. Com o intuito de fazer conhecer uma pequena parte destas revistas, contidas no acervo da Rádio Sociedade, denominadas *Radio* e *Electron*, o capítulo mostra parte de seu conteúdo editorial e informa que elas eram voltadas para a radiofonia, assunto de grande popularidade naquele momento histórico.

O quarto capítulo trata da relação entre a Rádio Sociedade e seus ouvintes, a partir da seleção de uma pequena amostra da volumosa correspondência do acervo daquela emissora. O conjunto de missivas permite a identificação de um público extremamente eclético, no que se refere a idade, sexo, origem e assuntos de interesse. T tamanha diversidade de ouvintes pode ser explicada pela variedade da programação difundida pela Rádio Sociedade, que se direcionava a diferentes faixas etárias, tratando de questões de interesse geral e para ouvintes com graus de instrução diversos. É preciso ressaltar, nesse sentido, a grande importância documental destas cartas, que constituem uma fonte rara, no Brasil, para estudos de recepção, em particular de ouvintes de rádio nos anos de 1920 e 1930.

O último capítulo versa sobre o desfecho da Rádio Sociedade que se deu, formalmente, com sua doação ao Ministério da Educação e Saúde, dirigido, na época, pelo ministro Gustavo Capanema, numa cerimônia realizada no dia 7 de setembro de 1936. No entanto, a situação da Rádio Sociedade começou a se desestruturar muitos anos antes, quando as determinações mantidas pelo governo federal acabaram tornando o rádio um empreendimento comercial por excelência.

Modificações na legislação de comunicações exigiram que todas as estações aumentassem a potência de seus transmissores, demandando uma reestruturação técnica e funcional das emissoras, e uma conseqüente busca por maiores recursos financeiros. Uma alternativa que poderia ser adotada pelos diretores da Rádio Sociedade seria a abertura das portas da emissora para espaços publicitários e a venda de matérias transmitidas, o que já era comum dado o boom de rádios comerciais naquele início da década de 1930. Mas isso não ocorreu e tais mudanças inviabilizaram a manutenção da Rádio Sociedade apenas como instrumento de disseminação de cultura e educação, como queriam seus precursores e seu principal incentivador, Roquette-Pinto.

Durante os treze anos de sua existência, esta rádio manteve uma programação estritamente cultural e foi precursora da idéia do rádio educativo. Seu ideal, contudo, continua extremamente atual, tendo em vista que ainda se discute, na área educacional, como educar aplicando-se os processos tecnológicos hoje existentes e disponibilizando-os para a população.

Por fim, em razão da importância histórica do material pesquisado, cabe ressaltar que esta coletânea de documentos não tenciona fazer uma análise pormenorizada de todos os temas e aspectos que poderiam ser abordados e aprofundados em uma pesquisa sobre a Rádio Sociedade. O intuito é, por meio desse pequeno conjunto de documentos ora apresentado, ressaltar a importância da Rádio Sociedade e seu significado para a história do Brasil, das comunicações, da educação e da cultura do povo brasileiro. Isso pode ser feito, ao menos em parte, socializando-se parte da documentação que compõe o seu acervo e destacando o papel desempenhado por Roquette-Pinto, idealizador da Rádio Sociedade e protagonista da organização de seu acervo e de seu desenrolar institucional.

Acompanha a presente coletânea um CD, contendo documentos de áudio: a execução do Hino da Rádio Sociedade; um pronunciamento do próprio Roquette-Pinto num evento em homenagem aos pioneiros do rádio, em 1953; e uma entrevista com Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, filha de Roquette, concedida ao radialista Renato Rocha em 1990, para um programa especial da Rádio MEC em homenagem a Roquette-Pinto.

## **CAPÍTULO I**

**ROQUETTE-PINTO,**

### **O CRIADOR DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO**

O propósito de inaugurar uma rádio transmissora no Brasil foi resultado do estreitamento do vínculo entre ciência e educação, a primeira determinando sua viabilidade tecnológica e a segunda delineando os seus conteúdos pedagógicos.

Assim, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi criada em 1923, sendo oriunda da soma de ideais comuns de intelectuais numa conjuntura político-cultural favorável.

No início do século XX, o rádio era entendido pela maioria da população como um misto entre telégrafo e telefone e representava o que havia de mais moderno em termos de comunicação de massa e tecnologia “de ponta”.

Some-se a esta poderosa aliança – ciência e educação, a inspiração de um grupo de entusiastas, movidos pelo ideal de transmitir cultura pelas ondas do rádio e impulsionar o progresso do Brasil. Um grupo que era liderado por Roquette-Pinto,

admirado pelo que já fizera pela ciência brasileira. A introdução do rádio no país era, a rigor, apenas a sua segunda ou terceira façanha, e estaria longe de ser a última.<sup>1</sup>

O Rio de Janeiro, então capital federal, estava inserido num contexto de plena atividade cultural, social e política, sendo que o embrionário meio de comunicação possibilitava novos contornos para o futuro, criando possibilidades reais de acessibilidade à informação pelos brasileiros, independentemente da região em que se

---

<sup>1</sup> CASTRO, Ruy. “Roquette-Pinto: o homem multidão.” *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996, p.4.

encontravam e também do fato de saberem ou não ler. O rádio era uma promessa revolucionária dos meios de comunicação, não havendo fronteira para o analfabetismo e encontrava-se numa conjuntura inserida dentro do movimento modernista.<sup>2</sup>

O panorama do setor educativo estava muito influenciado pelas mudanças implementadas pelas várias experiências de reformas que ocorriam nos estados e também pelo movimento da Escola Nova, que propunha uma escola pública, laica,

democrática e gratuita, sob a intervenção do Estado, e voltada para a formação do cidadão e para o interesse da sociedade. (...) Para isso, propunham a realização de reformas educativas que introduzissem um ensino menos teórico e mais prático voltado para a realidade econômica do aluno e do país. (...) A reestruturação do ensino profissional também fazia parte da plataforma educativa defendida pelos escolanovistas. (...) Assim, apostavam na redução das disciplinas de “humanidades” (latim, grego, francês etc.) e no aumento das de ciência (biologia, matemática, química, física etc.). Esta proposta estava relacionada com a crença de que a ciência era capaz de ajudar o aluno a desenvolver suas aptidões individuais e a aprender por si mesmo.<sup>3</sup>

O período de criação da Rádio Sociedade, início da década de 1920, é peculiar na história brasileira, sendo caracterizado por uma efervescência de idéias nas áreas das ciências e da educação, evidenciado tanto pela criação da Academia Brasileira de Ciências, em 1916, como pela criação da Associação Brasileira de Educação, em 1924. Estes são fatos relevantes, tendo em vista que influenciaram a forma pela qual a Rádio Sociedade se relacionou com estas mudanças e as incorporou em sua proposta e, conseqüentemente, na sua programação que era difundida ao público. Assim a seara da radiodifusão destaca-se como importante instrumento neste contexto.

---

<sup>2</sup> Movimento modernista numa conceituação ampla e não restrita apenas ao movimento implementado no estado de São Paulo. Trata-se de um modernismo entre intelectuais, principalmente a busca pelo moderno na cultura, com reflexos diretos na educação, nas artes e nas ciências.

<sup>3</sup> ROSA, Cristina Souza. “Para além das fronteiras nacionais – Um estudo comparado entre os institutos de cinema educativo do Estado Novo e do Facismo (1925-1945)”, pp.23-27.

## I.1 – OS HOMENS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS



Fundadores da Rádio Sociedade.  
Roquette-Pinto, ao centro, ladeado pelos colegas da ABC, 1923.  
Acervo SOARMEC.

A Rádio Sociedade surgiu no seio da Academia Brasileira de Ciências, que já tinha sido fundada em 1916 e, concretamente, já era ambiente de criação intelectual e integrada por um seletto grupo de pensadores e pela reunião de figuras ilustres de todos os ramos do saber, para quem era importante difundir os conhecimentos necessários à plena formação dos brasileiros.

Esse grupo de acadêmicos, entusiastas e idealistas, na sua maioria engenheiros, médicos e professores, participava intensamente de diversas atividades e, dentre elas, uma se destacou pelo pioneirismo – a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A foto acima ilustra os precursores da Rádio Sociedade, reunidos na sala de física da Escola Politécnica da ABC, no dia 20 de abril de 1923, discutindo e analisando a fundação da Rádio Sociedade. O quadro-negro, ao fundo, demonstra um esquema de

transmissão de ondas capazes de efetivar a transmissão radiofônica e enuncia o nome da Rádio Sociedade. Roquette-Pinto, ao centro, fazia anotações e era ladeado por seus colegas da ABC.

Neste dia, este grupo declarou criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o código de transmissão PR-1-A. No dia 1º de maio daquele mesmo ano, fizeram a sua primeira transmissão em caráter experimental, por meio da estação localizada na Praia Vermelha.

Era preciso mais para um país de grandes extensões e muitas dificuldades. Na visão de Morize, era fundamental “espalhar a importância da ciência como fator de prosperidade nacional”. E é nesse ambiente agitado que, em 20 de abril de 1923, surgiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, nas salas da ABC. Era uma ação independente – sem ingerências governamentais. Um tipo de iniciativa altruísta que movia um grupo de pessoas lideradas pelo prof. Edgard Roquette-Pinto.<sup>4</sup>

O maior responsável pela criação da Rádio Sociedade, patrono da idéia de fundá-la e idealizador de sua estrutura, foi Edgard Roquette-Pinto, então uma figura ilustre no cenário nacional.

## **I.2 – Edgard Roquette-Pinto ( 1884-1954)**

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.

Roquette-Pinto

---

<sup>4</sup> MILANEZ, Liana (org.). “RÁDIO MEC – Herança de um Sonho”. 1ª ed. Rio de Janeiro: ACERP, 2007, p.18.

Para referir-se a Edgard Roquette-Pinto é preciso ir além de sua caracterização como médico, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta. Este carioca do bairro de Botafogo, nascido em setembro de 1884, era extremamente dinâmico, possuindo múltiplos interesses.



Roquette-Pinto, em 1924.

Acervo Academia Brasileira de Ciências.

Não por acaso, um de seus biógrafos, nomeia-o como “Homem Multidão”,<sup>5</sup> procurando captar assim uma imagem de modernidade, vinculada à nova sociedade urbano-industrial, mas também de sensibilidade para com o “povo” de seu tempo e país.

Filho do rico advogado Menélio Pinto Vieira de Mello, foi, na verdade, criado por seu avô materno em uma fazenda perto da cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. Esse fato o levou, inclusive, a alterar seu registro civil, passando seu nome original Edgard Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello para, simplesmente, Edgard Roquette-Pinto, em homenagem a seu avô.

---

<sup>5</sup> CASTRO, Ruy. “Roquette-Pinto: o homem multidão.” *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996.

O jovem Edgard formou-se em medicina, em 1905, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Dedicou-se à antropologia, tornando-se professor da cadeira de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, logo após sua graduação. Seu interesse nesta área foi consagrado por uma das experiências mais marcantes da sua trajetória: sua incorporação à expedição do tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, a quem foi apresentado em 1911. Nesta expedição, realizada em 1912, foram percorridas as florestas do Mato Grosso e do Amazonas, as bacias de diversos rios, havendo contato com algumas tribos indígenas.<sup>6</sup>

A grande bagagem que Roquette trouxe desta expedição foram as anotações de campo e as memórias de tudo o que havia observado e apreendido durante a viagem. Com elas, Roquette passou os quatro anos após seu retorno ao Rio de Janeiro, escrevendo o livro *Rondônia*, hoje um clássico da antropologia brasileira, publicado em 1917, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional.<sup>7</sup>

Era membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia, da Academia Nacional de Medicina e de inúmeras outras associações culturais, notadamente o Museu Nacional, de onde foi diretor por quase dez anos, entre 1926 e 1935.

Roquette era uma figura intensamente presente no cenário nacional e, segundo Ruy Castro, as pessoas o apontavam ao vê-lo nas ruas, quase sempre com um charuto na mão. Quando não era um charuto, o objeto mais presente em sua mão era um lápis de duas cores (vermelho e azul), com que circulava e sublinhava qualquer texto que o interessasse. Sabia-se que falava francês, italiano, espanhol, inglês, alemão, tupi (...) tocava piano e escrevia poemas sem intenção de publicá-los, que desenhava e pintava e que era capaz de montar ou desmontar qualquer aparelho mecânico ou elétrico.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ibidem, pp. 4-5.

<sup>7</sup> Arquivos do Museu Nacional XX, várias edições e também editado pela FIOCRUZ (já na 7ª edição em 2005).

<sup>8</sup> CASTRO, Ruy. "Roquette-Pinto: o homem multidão." *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996, p.9.



*Roquette na Academia, com Taunay.*

Roquette com Taunay, na Academia Brasileira de Letras.

Foto retirada da *Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996.

Roquette sempre se mostrou um homem fascinado por novas tecnologias e sua aproximação com a radiodifusão deu-lhe a convicção de que esta nova forma de comunicação deveria servir para a divulgação da cultura no país. Mais especificamente, a fim de instruir e educar uma população com maior dificuldade de acesso à escola formal, devido a dimensão continental de nosso país, a falta de recursos existentes, dentre outros fatores.

Imbuído deste propósito, Roquette começou um trabalho, com vistas a criar a primeira emissora de rádio educativa no Brasil. Conseguiu o apoio da Academia Brasileira de Ciências e, juntamente com outros intelectuais, criou a Rádio Sociedade, em abril de 1923.

Roquette acompanhou toda a trajetória da Rádio Sociedade, que terminou sendo doada ao governo federal em 1936. A partir daí, continuou sua empreitada, engajando-se em inúmeros outros projetos, sempre voltados para a divulgação do conhecimento.

Foi, nesse sentido, responsável por vários outros empreendimentos no cenário nacional, como por exemplo, a fundação da *Revista Nacional de Educação*, do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) e do Serviço de Censura Cinematográfica. No INCE, colaborou com várias produções cinematográficas, numa parceria realizada com Humberto Mauro,<sup>9</sup> especialmente durante os anos do Estado Novo (1937-1945).

Faleceu em 18 de outubro de 1954, enquanto escrevia um artigo para o *Jornal do Brasil*, em seu apartamento na avenida Beira-Mar, vítima de um derrame. Homem de trajetória singular, que se destacou em sua época por seus ideais e propósitos, Roquette-Pinto foi figura exemplar da história da educação no Brasil, desempenhando um papel pioneiro, que vem sendo crescentemente reconhecido e estudado.

## **I.2.1 Depoimentos e Entrevistas <sup>10</sup>**

---

### **I.2.1.1 Cláudio Roquette-Pinto Bojunga <sup>11</sup>**

Eu me lembro dele, muito: um avô não muito próximo, mas extremamente carinhoso, amigo, gostava muito de mim. Mas, por outro lado, tem a figura pública que é uma coisa indissociável disso. Ele morreu quando eu tinha catorze anos.

Quando criança, evidentemente, você não tem uma dimensão muito exata da história pública. Ele era um homem ilustre e ao mesmo tempo modesto. Eu o conheci morando no apartamento da avenida Beira-Mar – prédio São Miguel. Ele morava num andar e o Manuel Bandeira em outro. O apartamento era pequeno, cheio de livros... Ele era

---

<sup>9</sup> Humberto Mauro foi um dos pioneiros do cinema brasileiro e criou filmes entre 1925 e 1974, sempre com temas brasileiros.

<sup>10</sup> Os depoimentos integram o acervo da SOARMEC e foram realizados pelo radialista Renato Rocha, em 1990, para o programa especial sobre Roquette-Pinto transmitido pela Rádio MEC, no dia 3 de maio daquele ano.

<sup>11</sup> Jornalista, escritor, neto de Edgard Roquette-Pinto.

visivelmente um homem dedicado a certos valores que não reverenciavam a banalidade, o prestígio, o dinheiro. Era um homem de estudo e infundia um respeito espontâneo, tanto na família, como nas pessoas, mas que não era baseado nunca na força e na autoridade, era como um maestro com a orquestra. Volta e meia, nos domingos, a gente almoçava junto e ele chegava com aquele cachecol, já estava curvado, tinha um reumatismo crônico – sofria muito, tomava muita aspirina. Ele era um *causer*, como se dizia antigamente, cheio de casos, cheio de explicações. Nós éramos cinco netos: três filhos do irmão mais velho de minha mãe –, e eu e minha irmã, filhos de Beatriz, que era o xodó dele, certamente. Cada neto tinha um apelido colocado por ele: como "Cientista" era um, como "Princesa" era outra e eu era o "Moleque". Eu tenho muita pena de não ter podido aproveitar mais a convivência com ele. Só um pouco mais tarde é que fui perceber que ele era realmente uma personalidade.

Uma coisa que me impressionava é que ele nunca fazia apelo no sentido da autoridade. Dizia que o título do qual mais se orgulhava era o de professor, pois havia um propósito militante nessa profissão, que não se esgotava na sala de aula.

Quando íamos a Petrópolis no seu belo Ford azul, dirigido pelo Matheus – seu motorista e amicíssimo da vida inteira –, durante a viagem ele falava sobre que árvore era aquela, que nuvem era aquela, as montanhas começavam a ter nome e, de repente, você via o mundo de maneira diferente. Qualquer pergunta que eu fizesse sabia que ia ter resposta. Uma coisa estranha e agradável.

Ele formou-se em medicina com dezesseis anos, na virada do século. Nesse período, foi perito em medicina legal, viu o sofrimento do povo, como médico da Santa Casa; ele teve contato com a realidade. Ao mesmo tempo era físico, químico e estudou teologia, então começou a se interessar pelo homem brasileiro, pela sociedade. Na verdade, esse período o leva à antropologia, ao problema da reabilitação antropológica e à dignificação do homem brasileiro – esse que é o ponto central. Ele vê uma república velha – o elemento negro, caboclo, mestiço, os elementos do interior, marginalizados – e uma incorporação de uma visão racista importada das teorias colonialistas da época. Ele tenta lutar contra isso, na prática antropológica. E é uma batalha que eu acho

extremamente importante, porque ele é muito marcado, aí, pelo Euclides de Cunha, no livro *Os sertões*, que foi publicado em 1902. Ele lê esse livro e fica extremamente chocado. Dizia que *Os sertões* podia vir a ser o *Dom Quixote*, *Os luzíadas* desse período.

Nesse momento é que vai acontecer o encontro com Rondon, que é extremamente importante. Ele dizia que quando se conversava com Rondon se ouvia a voz do sertão e tinha uma admiração extraordinária pela sua integridade. Este homem, que tinha sangue indígena, representava uma antítese do espírito predatório do bandeirantismo: ele levava a linha telegráfica, mas com respeito. O lema dele era: "morrer se preciso for, matar nunca". Então, já havia esse sentido de que o homem devia ser protegido e respeitado em sua evolução e não violentado. Então, ele vai a uma expedição para o Mato Grosso, em 1912 e o resultado disso tudo é que ele traz da Serra do Norte uma tonelada de material, entre fichas antropométricas, fonogramas, as músicas dos índios – nós em crianças sabíamos cantar. (...)

Eu acho que ele desempenhou um papel muito importante entre Euclides da Cunha, que faz o primeiro resgate do homem do interior do Brasil, e a geração dos modernistas dos anos 1920, que redescobriram o Brasil. E aí, na parte social, seria Gilberto Freire, que vai resgatar o negro, passando também por pré-modernistas, como o Monteiro Lobato. Na segunda metade do século, Roquette é uma peça chave e os modernistas admitiram isso: Mário de Andrade respeitava e gostava muito dele. Havia, então, essa ponte de uma consciência da nação.

Depois dessa fase inicial, que termina com a publicação de *Rondônia*, em 1917, vem o professor, que precisa brigar para que esse homem seja educado. A marca chave da luta pela educação, pela democratização do saber é o rádio, em 1923. Eu diria que isso seria a essência da trajetória dele. Tem muita coisa em volta, a escola normal, o Museu Nacional, a Academia, mas eu diria que ele é amado por isso, por essa luta.

Era de uma abnegação pessoal muito grande e não se apegava às coisas materiais, o que infundia respeito. Isso funcionava como exemplo num país como o nosso, em que os

homens públicos não têm ainda uma dimensão tão grande. É nesse sentido que o Drummond falou, quando ele morreu, no feiticeiro – porque tinha uma coisa de feiticeiro nele. Tem uma borboleta que foi batizada com o nome dele. Isso é uma coisa, no mínimo, bonita.

Quando Gilberto Freire estava estudando nos EUA, viu um navio brasileiro parar e os marinheiros brasileiros descendo, mirrados, mal alimentados, raquíticos, atarracados. Este fato o tomou de uma profunda desesperança. Quando voltou para o Brasil, teve uma conversa séria com o Roquette-Pinto, de quem muito gostava e admirava, sobre esse problema da constituição do homem brasileiro. Roquette lhe assegurou que não era problema de constituição e sim social, puramente de alimentação e de educação. (...)

Ele tinha várias preferências artísticas, eu posso até dizer algumas de cor, mas uma que é muito reveladora do que seria o espírito geral dele, é Goethe. Lia alemão fluentemente e tinha tudo: todos os livros, todas as poesias, todas as peças: tinha uma enorme admiração por esse escritor humanista, absolutamente multifacetado que é um poeta, cientista, patriota e é uma inspiração pra todo mundo. Eu me lembro de um outro inteiramente diferente que ele gostava muito, que era o poeta Vicente de Carvalho.<sup>12</sup> Ele fazia versos lá em segredo: não gostava de mostrar, mas também não se pode ser tudo...

---

### **1.2.1.2 Luís de Castro Farias<sup>13</sup>**

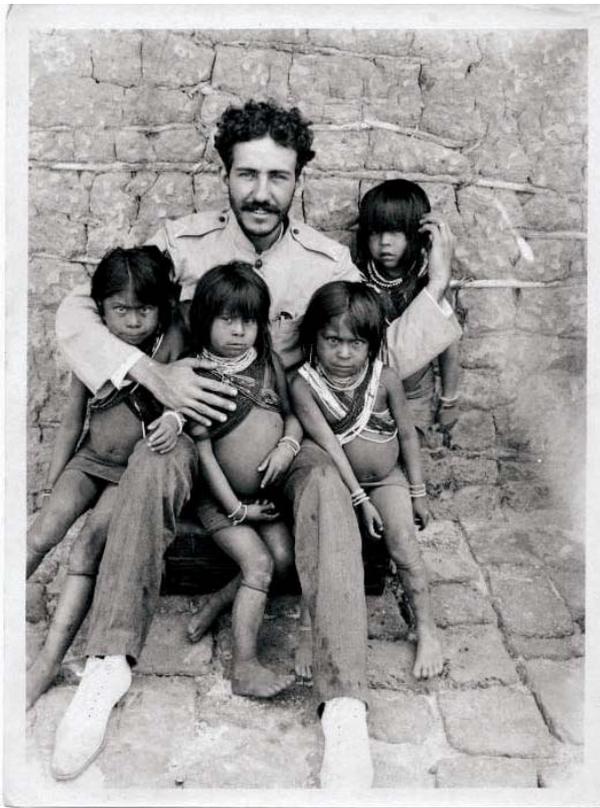
Eu já o conheci doente. Ele tinha um problema sério de coluna: o pescoço estava cada vez mais curvado – praticamente olhava para baixo e isso foi se agravando. Mas, apesar dessa situação, era um homem notável pela presença intelectual, pela vivacidade do olhar, pela maneira como conversava, sabia conversar como poucos. Então, era uma figura extremamente agradável.

---

<sup>12</sup> Vicente de Carvalho foi advogado, jornalista, político, magistrado, poeta brasileiro e tinha a alcunha de Poeta do Mar.

<sup>13</sup> Luís de Castro Farias é antropólogo e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e substituiu Roquette-Pinto na direção do Museu Nacional.

Era um intelectual e uma figura bonita – o retrato dele, lá com os nhambiquaras, é de um rapaz excepcionalmente bem-dotado, fisicamente.



Roquette-Pinto, em 1912, com os pequenos índios nhambiquaras da tribo Kozarini.  
Foto original do acervo da SOARMEC.

Sabia francês, inglês, alemão; conhecia a literatura de todos esses países. Foi um homem que teve uma educação primorosa. Fui examinado por ele num concurso para uma função no Museu Nacional, que foi ocupado durante anos por ele, e, na defesa de tese, tentou que eu declarasse uma coisa que eu não queria declarar. Insistia que na minha tese eu tinha deixado de fazer alguma coisa que ele achava importante e, num certo momento, eu dei um soco na mesa. Ele perguntou se eu ia confessar e eu disse: "Não confesso. O que está em julgamento é o que está na mesa, diante dos seus olhos: eu não fiz o que o senhor queria que eu fizesse." Eu pensei: "acabei a carreira", e fui saindo cabisbaixo. De repente, uma mão bateu nas minhas costas: *"Eu tinha te dado 8, agora eu te dei 10."*

Roquette era homem de começar muitas coisas, realizá-las muito bem, mas de cansar-se em pouco tempo e começar outra. Quando dizem que ele foi pioneiro é porque realmente tinha todo o caráter do pioneiro, precisava sempre encontrar coisas para desbravar. Uma vez desbravada, ia adiante. Ele criou, aqui, <sup>14</sup> a seção de Assistência do Ensino e ajudou imensamente o ensino de nível médio por meio de toda essa ação, inclusive instituindo um prêmio.(...) Antes do projetor, ele criou uma máquina que fazia projeções, que qualquer aluno podia usar – era um inovador.

Como diretor do Museu Nacional, a sua administração trouxe a mesma marca que deixou gravada em todos os lugares por onde passou: inovar e criar. Roquette-Pinto criou o Setor de Exposição de Etnografia Sertaneja – foi o primeiro a colecionar, reunir e expor, não só coisas de índio e de negro, mas coisas de brasileiros. Neste ponto, foi pioneiro mais uma vez, pois esta “etnografia sertaneja” seria a etnografia do povo brasileiro – isso que chamam hoje de folclore. Depois, surgiram todas as comissões e conselhos, etc. A todo esse colecionamento de produtos artesanais, ele chamou, na época, de etnografia sertaneja, e criou uma sala, que se chamava Euclides da Cunha – Etnografia Sertaneja.

Roquette não passou por lugar nenhum que não tivesse criado alguma coisa de novo, embora, justamente porque queria criar sempre, algumas não tiveram continuidade. Depois, partiu para o rádio, o cinema – ele estava sempre inovando. Provavelmente cansou-se de ficar aqui, criando coisas.

Era uma figura excepcional, sob todos os aspectos. Sabia conversar como poucos, era um conferencista absolutamente excepcional – ele me deu uma lição que guardo até hoje. Eu estava começando a minha carreira e ia fazer uma conferência, e ele: "Castro Faria, toda a minha vida eu segui um princípio: escolho três idéias centrais sobre as quais vou discorrer e nunca vou além dos cinqüenta minutos. Faça isso e você terá sempre sucesso." Ele tinha horror de cansar o público, usar uma linguagem pretensiosa ou se dispersar, então, tinha muito cuidado em fazer um roteiro bastante nítido.

---

<sup>14</sup> Referência ao Museu Nacional, de onde Roquette foi diretor por quase dez anos (1926-1935).



*Santos Dumont visita Roquette-Pinto (de jaleco) no Museu da Quinta, em 1928.*

Roquette de jaleco branco ao centro da foto e, à esquerda, Santos Dumont.  
Foto retirada da *Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996.

Roquette foi um expoente. Era membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Brasileira de Letras, era professor do Museu Nacional, foi diretor do Museu Nacional, era jornalista e poeta e tinha vários livros de conferências publicados – insisto que o Roquette era um conferencista fora do comum. Os trabalhos escritos são variados: muitos têm um caráter realmente pioneiro de percepção que ele tinha da relevância daquele tema e que transformava em uma conferência ou em um ensaio. Mas não prosseguia, porque, na época, o escritor e o cientista não tinham preocupação com a questão de competição, de aprofundar-se num tema que ele circunscreve de uma maneira muito bem elaborada. Na época, era um grande intelectual, com formação científica.

Muitos trabalhos dele foram pioneiros, porque ele foi pioneiro ao escrever muito dos seus ensaios: indicava pistas e deixava que outros viessem a fazer, porque, como eu já disse, cansava-se muito rapidamente das coisas. Deixou uma série de conferências. (...)

Ele fazia um pouco, e muito bem, História da penetração da Serra do Norte, com uma expedição constituída não só de militares, mas também de cientistas, zoólogos, botânicos, geólogos, etnólogos e um antropólogo – e esse antropólogo era o Roquette-Pinto que acompanhou Rondon numa expedição, em 1912. É preciso lembrar que as grandes expedições no interior do Brasil – que acabavam por descrever tribos e paisagens e fazer levantamentos geográficos, traçar mapas do interior – eram feitas por estrangeiros. O Roquette-Pinto, então, participou da expedição e escreveu *Rondônia*, que surge numa edição feita como volume dos arquivos do Museu Nacional, cuidada pelo próprio Roquette. Era um homem que conhecia tudo: fotografia, litografia e acompanhou todo o trabalho de impressão.

Trouxe de Rondônia uma grande coleção de chapas que ele mesmo fez. E foi o primeiro a levar um gravador Edson – um pequeno gravador de mola, com cilindro de cera, e o primeiro a gravar músicas indígenas. A palavra exata, a proporção muito bem estabelecida, um estilo muito espontâneo e muito correto, ao mesmo tempo. O fato desse expoente ser também antropólogo, resultava num prestígio enorme para a antropologia. O nome de Roquette-Pinto é um nome sonoro, todo mundo reconhecia. Prestou não só uma grande contribuição à antropologia, pelo que produziu, mas pela posição que ocupava dentro desse campo intelectual.

Escreveu pouco sobre rádio e cinema, mas o que ele fez pelo rádio e pelo cinema é muito mais do que muitos autores fizeram.

Roquette-Pinto criou a *Revista Nacional de Educação*. São 22 números, apenas, mas é uma revista belíssima, embora em papel de qualidade inferior. É uma revista nacionalista, porque Roquette queria recuperar o Brasil inteiro com a educação. Queria ensinar ciências aos jovens e promover uma verdadeira revolução no ensino, porque as crianças brasileiras, em geral, são educadas com temor de bichos e plantas e ele queria mudar isso. Pretendia que cada escola construísse os seus museus. Ele não dava museu de presente; os alunos deviam colecionar plantas e pequenos animais, e aprendiam a preparar e a conservá-los. Enfim: ele foi profundamente dedicado ao problema da educação e sua motivação era nacionalista.



*Roquette com Walt Disney no INCE: unidos pela paixão do cinema.*

A legenda da foto diz o seguinte: “Roquette com Walt Disney, no INCE: unidos pela paixão do cinema.” Foto retirada da Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC. Rio de Janeiro, 1996.

---

### **I.2.1.3 Sérgio Vasconcelos <sup>15</sup>**

Roquette era pitoresco, era um gênio, um homem paciente, guerreiro – esse contraste. Quando conheci o dr. Roquette, em 1928, eu era jovem demais. Eu tinha revistas de discos, morava em Santa Teresa numa casa muito pitoresca, um silêncio de noite. Eu ouvia muito a Rádio Sociedade, cujo equipamento, Marcone, era de uma nitidez primorosa e aquilo com o disco resultava muito bem. Então, eu pensei: "Por que não divulgar o que eu já sei sobre isso, sobre uma sinfonia de Beethoven, sobre uma ópera, sobre uma coisa qualquer de música clássica, sobre a vida desses artistas, sobre tudo isso?"

---

<sup>15</sup> Sérgio Vasconcelos é radialista e trabalhou na Rádio Sociedade. É ex-diretor das rádios Tupi, Guanabara e Nacional.

Quando fui à Rádio Sociedade, que ficava na rua da Carioca, 45 – um sobrado com aquele corredor enorme até o morro, procurei o gerente, sr. Mesquita.<sup>16</sup> Ele informou que eu deveria falar diretamente com o dr. Roquette.

Nessa época, começava a introdução da publicidade no rádio e Roquette estava preservando a Rádio Sociedade, que ele amava, enquanto as outras – a Rádio Clube, a Rádio Educadora – já estavam se abastardando. Ele não, ele não deixava, mas a casa não estava mais se agüentando e era Roquette que sustentava aquilo. Ele resolveu aturar, até o dia em que ouviu o Francisco Alves<sup>17</sup> cantar uma música de carnaval que se chamava "Eu quero uma Mulher bem Nua". Telefonou: "*Seu Mesquita, diga a este moço que eu também gosto muito de mulher nua, mas não digo a ninguém. Tira esse homem daí!*" – "*Mas dr.Roquette, é o Francisco Alves....*" – "*Negativo.. acabou*". Isso foi uma das coisas gozadas que eu soube dele, antes de conhecê-lo, porque o Mesquita me contou.

Ele usava casaco branco até os pés. Apresentei-me e expliquei: "Dr. Roquette estou habilitado a divulgar meus conhecimentos, porque trago os melhores discos da praça, que não são meus, são da minha loja. Basta que eu me refira à loja no fim do concerto – esses discos foram fornecidos pela Casa Paulo Coelho – basta isso." Porque eu queria fazer concertos semanais de música erudita.

Ele olhou pra minha cara, viu que eu era muito moço: "*Bom, meu filho, se você não vai dizer bobagem, então pode ir...*" Comecei a trabalhar. No fim de um mês, quatro concertos já realizados, ele me chamou, todo alegre, que eu estava muito bem, e perguntou como eu tinha aprendido aquilo tudo. Eu disse: "Bons livros, dr. Roquette, livros que vieram de Paris, o sebo de Paris. E depois as gravações vinham em álbuns com muita literatura. Fora discos avulsos que não havia problemas, bastava que você estivesse com a vida do compositor na mão." Gostou; tempos depois ele me chamou pra ajudá-lo.

---

<sup>16</sup> Sr.Mesquita era o gerente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e muito amigo de Roquette.

<sup>17</sup> Francisco Alves foi um dos maiores ídolos do rádio brasileiro.

Ele sofria muito. Em todo o tempo que o conheci, a artrose estava atacando-o. Tomava muita aspirina. Imagino o que sofria, lombar, servical: andava com um pouco de dificuldade e não se queixava – o engraçado é que não se queixava. A gente sabia que ele estava sofrendo, mas ele não se queixava nunca. Fora isso, o físico do dr. Roquette, o andar dele já era de uma pessoa idosa, premido pela doença. Mas era um homem bonito, tinha traços muito bonitos, os olhos, o feitio do rosto, o equilíbrio da face, era um homem muito bonito. Aliás, dizem que, quando moço, foi muito bonito. (...). O resto é aquilo, roupa larga: tinha outras, mas não usava. Era sempre a mesma coisa, sempre aquela roupa preta – Beatriz <sup>18</sup> quase morria de desgosto. Mas a inteligência daquele homem!

Na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, houve um período em que se deu o trabalho de levar o microfone para a casa dele e, de manhã, levantava, chupava o café – porque se ouviam ele chupando o café e o ruído dos jornais que estavam ao redor dele. Fazia aquilo com a maior simplicidade, não tinha nenhuma técnica. Abria o jornal e, nada de política não, quando o jornal pegava uma coisa científica interessante, explorava aquele terreno, fazia um comentário e explicava tudo. Atendia o telefone, dava o telefone para o ouvinte, que o consultava, porque a biblioteca dele ficava em casa, para esclarecer o ouvinte.

Quando o dr. Roquette cansou, quem foi substituí-lo foi o Paulo Roberto da Rádio Nacional, o famoso Paulo Roberto, que fez também um serviço muito bom, mas não com aquela simplicidade. As explicações de Roquette eram tremendamente fantásticas, que coisas ele dizia, que pesquisa! Eu aprendi com ele a pesquisar: se aparecia um Alexandre Nevisk, do Prokofiev, eu ia nas enciclopédias saber quem era esse Alexandre Nevisk, antes de apresentar o programa.

Um dia, comprou dois terrenos na Barra da Tijuca e resolveu fazer uns piqueniques lá. Levou o Humberto Mauro, de calção de banho. Ele, de calção de banho. Um cocar na cabeça de todos e com nomes – ele dava nomes indígenas a todos. Agora, pensa bem, Matheus Collaço <sup>19</sup> fininho, com aquele calção largo, balançando; o Mauro, que até na

---

<sup>18</sup> Referência a Beatriz Roquette-Pinto, filha de Roquette.

<sup>19</sup> Matheus Collaço consta como auxiliar de operador na relação de funcionários da RS.

roupa de banho era relaxado; o dr. Roquette com aquele negócio na cabeça, de roupa de banho; Beatriz com aquele negócio na cabeça, mulher bonita como o diabo, no meio daquela gente feiosa toda e outras pessoas que ele convidava. Um dia uma senhora me encontra, amiga dele, na cidade: "*Sérgio, vem cá! O que houve com o dr. Roquette? Parece que ele está maluco, está tocando corneta na praia.*" Agora, imagine eu ter que explicar isso. Eu a chamei no canto e disse: "Não diga isso, o dr. Roquette é uma pessoa pitoresca, você sabe disso. Ele quer fazer seus piqueniques. Sabe o que ele dava para a gente beber, naquele sol desgraçado? Suco de uva, pra fermentar bem. E a filha, que paixão que ele tinha pela Beatriz! Ela ia para a praia, e o Humberto Mauro: "*Mas a Tiza é uma belezaaaa!*". "*Eu é que fiz*", ele respondia.

Tá aí a figura do meu querido mestre, que pessoa admirável, eu fico tão emocionado quando falo dele.

---

#### **I.2.1.4 Beatriz Roquette-Pinto Bojunga <sup>20</sup>**

A compreensão humana que papai tinha era uma coisa fantástica, porque sabia tirar das pessoas o que elas tinham de melhor. Por exemplo, quando ele fundou o cinema educativo, estava com aquilo já estudado há muito tempo com Jonatas Serrano, com o "Grupo de Brasileiros", mas ele era diretor do Museu Nacional e, um dia, aparece um rapaz vendendo aparelhos domésticos e, sabe quem era? Humberto Mauro. E ele começou a descobrir o Humberto Mauro dentro do Humberto Mauro. Daí pegou o Mauro e nunca mais deixou. Ele dizia: "*O Mauro é uma das pessoas mais inteligentes e cultas que eu conheço.*" Quer dizer, (...) ele entendia as pessoas, porque procurava dentro delas o que tinham de melhor; ele tinha essa arte. Eu sou suspeita para falar dele, não é?

---

<sup>20</sup> Beatriz Roquette-Pinto Bojunga é filha de Roquette e o texto apresentado são trechos da entrevista que ela concedeu para o programa especial sobre Roquette-Pinto, gravada em maio de 1990, ao radialista Renato Rocha. A íntegra da entrevista está em arquivo de áudio que compõe o CD, anexo deste livro.

Ele achava que o pensamento tem que ser livre como a respiração. Você não pode fazer nada de grande no mundo sem amor e sem liberdade. Isso é uma coisa primordial. E os amigos, então, essa plêiade de grandes amigos que me fazem muita falta: é o Carlos Drummond, é o Anísio Teixeira, é o Lourenço Filho, é o Venâncio Filho, era o Tude de Souza, era o Murilo Miranda na parte da Rádio, e tantos, como o Matheus Collaço, é uma plêiade.<sup>21</sup>

Roquette-Pinto e Villa-Lobos,<sup>22</sup> eles eram muito amigos! Quando o Villa-Lobos veio de Paris. Eu até o conheci lá, ele morava num apartamento e nós, os brasileiros, íamos lá uma vez por semana. Ele chamava "Club de Sardine", o "Clube das Sardinhas", porque a gente sentava no chão, aquela coisa. Depois, voltou para o Rio e estava com aquela idéia de fazer os orfeões. (...) Que é uma coisa muito boa, é uma coisa que o Roquette sempre dizia, *"O nosso povo tem que ser educado é pelo futebol, é pela música, é pelo orfeão, é a disciplina."* Tanto que existe a profissão de fê do orfeão e foi feita por papai. E o Villa era muito amigo dele. Quando o Humberto Mauro fez *Descobrimento do Brasil*, papai falou com Villa-Lobos para fazer a música (...). E é muito engraçado porque ele compunha lá na praça da República, nós trabalhávamos em cima, no Cinema Educativo: Humberto Mauro, o Roquette, eu, todos nós. E embaixo tinha um estúdio grande. Então, papai cedeu e o Villa ficava compondo. E quando ele fazia uma coisa assim, mais bonita, subia: *"Vem cá, Roquette, vem ver!"* Papai descia, e os dois ficavam ouvindo aquela música do Villa, aquela coisa. Um dia, subiu e disse: *"Ah, Roquette, vem ver que beleza! Vem, Tizinha, vamos, vamos!"* Descemos, uma beleza de música! Não sei qual foi o trecho, era *O Pássaro!* Não era o uirapuru, não, era um outro pássaro, não me lembro agora o nome. E ele botou a música, e "tam, tam", fortíssima! Uma beleza de música! Quando acabou: *"Então, Roquette, que tal?"* Papai disse: *"Uma beleza! Só tem uma coisa, sabe, Villa? É que esse pássaro, ele canta... fininho, baixinho. Mas não muda, não, que ninguém sabe."* Está lá, no *Descobrimento do Brasil!* Eles foram feitos para se entender, não é?

---

<sup>21</sup> Todos eram amigos de Roquette, sendo alguns intelectuais, educadores, poetas e amigos da família.

<sup>22</sup> Heitor Villa-Lobos foi um compositor brasileiro, célebre por unir música com sons naturais.

Ah, o Garrenaud,<sup>23</sup> também, muito amigo dele e o grande amigo Capanema,<sup>24</sup> também. O Capanema foi uma coisa impressionante, porque nunca, aliás, isso é uma coisa que precisava até ser dita, meu pai nunca foi político, não dava para a política. Era uma pessoa que vivia da educação, vivia da antropologia, vivia da fisiologia. Era um homem eclético, de esquerda, quer dizer, um homem de esquerda no sentido humano da coisa, que todos nós somos. Mas ele não tinha o senso, o sentido político. Papai não tinha dinheiro para ser político, não tinha espírito político, não sabia o que era a política. Ele me dizia assim: *"Minha filha, o meu ideal de político seria este: eu estou deitado, na minha rede, estudando ou lendo; vem um grupo de brasileiros dizendo: 'Dr. Roquette, o senhor foi escolhido para ser eleito deputado.' Ai, eu ia ver se aceitava ou não."*

Ele tinha idéias políticas! Ele era um homem que não podia viver sem idéias políticas, sem pensar. Pois um homem que dá uma rádio para um povo, quer um homem mais político que esse? Não pode ser! Ele era político, humanamente político.... mas foi um grande brasileiro! E digo mais: talvez um dos maiores brasileiros, do ponto de vista de educador, porque sempre dizia isso: *"Minha filha, eu não sou nada disso de grande que dizem. Eu sempre fui e serei um simples e modesto professor."* E ele parava e dizia assim: *"Na nossa terra, é título de honra."* Quer dizer, ele é um homem que nasceu para isso. Então, não tinha essa faceta, digamos assim. Não vamos dizer que ele não fosse político; ele não tinha a faceta do político normal.

Muita gente até conhecia pouco e dizia, no começo da vida: *"Ah, mas ele não pára em coisa alguma, ele faz tudo ao mesmo tempo."* Absolutamente! Ele começou a vida como médico. Ele se formou em medicina, porque foi criado pelo avô na Fazenda Bela Fama, uma fazenda linda perto de Juiz de Fora. Até estava pensando em entrar para a Marinha, uma coisa de rapaz mineiro, dezessete anos, e veio buscar o Chico de Castro, pai do Aloísio de Castro, que era professor, para tratar do avô dele. Foi quem o criou, o velho João "Roquêtte" (como dizem em Minas)<sup>25</sup> Carneiro de Mendonça, porque a nossa família é Carneiro de Mendonça. O "Roquette-Pinto" só tem ele, porque foi feito por ele. (...) O avô era conhecido por "Dr. Roquette", e ele era o "Dr. Edgard", estudante

---

<sup>23</sup> A pesquisa não revelou maiores detalhes sobre Garrenaud.

<sup>24</sup> Gustavo Capanema foi um importante político brasileiro, era amigo de Roquette e chefiou o Ministério da Educação e Saúde Pública no governo Getúlio Vargas.

<sup>25</sup> Acentuado propositalmente para expressar o sotaque de Minas Gerais.

de medicina. Quando se formou, sempre contava isso, a minha bisavó, a avó dele que o criou, chamou todos os escravos (naquele tempo havia escravos na fazenda), pôs todos alinhados e disse: “*De agora em diante não existe mais dr. Edgard aqui, existe dr. Roquette. É o nome do avô.*” Então, em homenagem ao avô, tirou o Carneiro de Mendonça e ficou Roquette-Pinto. O interessante é que ele ficou tão conhecido por "Dr. Roquette" que, até no momento em que morreu, os repórteres perguntavam: "*Como é o nome dele?*" E eu me lembro que eu gritei: "Edgard!" E ninguém sabia, era "Dr. Roquette", "Dr. Roquette". Ficou o nome dele. Ele tinha paixão por esse avô, que o criou.

E ele se casou com a minha mãe. O meu avô, pai da minha mãe, era médico, parteiro e papai foi trabalhar com ele. Começo de vida, trabalhou na Santa Casa (...)



*Roquette-Pinto, biólogo, em 1906: positivista.*

A legenda da foto diz o seguinte:

“Roquette-Pinto, biólogo, em 1906: positivista.”

Foto retirada da *Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996.

Deve ter casado em 1906, 1907, por aí. Mas depois, foi trabalhar, fundou o Laboratório, foi fantástico! A vida dele é uma coisa, é uma epopéia! Foi trabalhar como laboratorista, e fazia sucesso, ganhava dinheiro. Mas aprendemos com ele a não nos interessarmos muito por dinheiro. Depois fez um concurso para professor do Museu Nacional, para antropologia. Ficou com aquela paixão pela antropologia. E, nesse intervalo, conheceu Rondon.

Em 1911, foi o ano em que eu nasci, ele foi para Londres, no Congresso das Raças, representando o Brasil. Tinha vinte e sete anos. Eu fui com seis meses. Tinha vinte e sete anos, representando o Brasil no Congresso das Raças, em Londres. Depois, voltou e, em 1912, foi com o Rondon para Mato Grosso, estudar os índios nhambiquaras e bororos, na Serra do Norte.

Na volta, fez uma sala de exposições toda "Roquette-Pinto". Trouxe os fonogramas com as músicas "Nozanina Aurecuá Couaá Casaetê", a dos índios bororos, da Serra do Norte, e nhambiquaras, que o Villa-Lobos aproveitou para orquestrar, não é? E, depois dessa parte, foi diretor do Museu Nacional muito tempo. Ele estudou, antropológicamente, profundamente, o homem brasileiro. E tem uma comparação muito interessante: chegou à conclusão de que você não pode dizer que há uma raça melhor do que a outra. Ele apresenta a raça humana como espectro solar. Não sei se isso está no livro dele. As raças têm as mesmas características que o espectro solar; você não pode pedir a uma que dê calor, quando ela dá luz. À que dá luz, você não pode pedir calor. É assim que ele compara as raças. Cada uma tem as suas qualidades, a que dá calor não pode dar luz.

Em 1916, fez um curso para professor da Escola Normal, atualmente Instituto de Educação. Professor de história natural. E escreveu até um livro lindo, que é *História natural dos pequeninos*, para as crianças. Outro dia, eu li no artigo de Drummond, ele falou sobre esse livro.

Tinha trabalhado com os dois irmãos, Álvaro e Miguel Osório, grandes amigos dele, porque eu considero como tios. Trabalhou, fez uma experiência de fisiologia e se encantou, e tudo aquilo que o encantava ele estudava profundamente, e acabava um professor na matéria. Então, foi mandado pelo governo brasileiro para ser criador da

Cadeira de Fisiologia na Universidade do Paraguai, porque não havia ainda essa cátedra; ele fundou essa cátedra. Tanto que, muitos anos depois, ele me telefonava: "*Minha filha, você quer receber o Ministro da Educação do Paraguai, que foi meu aluno?*" Muitas vezes eu recebi vários ministros que foram alunos dele nessa ocasião. Ele foi professor de lá e o Paraguai tinha uma paixão, o Roquette-Pinto lá era qualquer coisa.

Gostava muito de ópera, gostava muito de concertos, tudo o que era muito bonito ele gostava muito. Dirigiu durante uma certa época, o Teatro Municipal, aqui no Rio de Janeiro. E ele se preocupava muito com a juventude, com a mocidade. E quando dirigiu o Teatro Municipal, era uma Companhia, me lembro, Companhia Francesa. Como eu estudei na Europa muitos anos, na França, eu conhecia até os atores que vinham – Jean Lebert, Jean Archeant. Quando era mocinha lá em Paris, aquela coisa toda, eu ia às peças e papai disse: "*Não, umas três peças eu vou fazer de graça.*" Ele tinha quase obstinação por educação do povo, sabe? Ele disse: "*Eu vou fazer de graça para os estudantes brasileiros.*" Muita gente dizia "*Ah, mas eles não vão*", aquela história que "brasileiro não entende", que "brasileiro não gosta"! O povo não entende porque não dão! Você pode não entender francês, mas se você vai a uma boa peça, bem representada, em que tem um livreto traduzido, você fica conhecendo Corneille, você fica conhecendo El Cid, você fica conhecendo pelo menos quem é o Shakespeare. Agora, você não dá. Você está vendo agora a quantidade de gente que vai para a Quinta da Boa Vista, a quantidade de gente que vai levar livro. Eu acho uma maravilha isso. Levam um livro e entram de graça no Teatro Municipal. Eu nunca vi meu pai dizer: "*Esse Brasil não vai pra frente.*" Nunca vi meu pai dizer: "*Qual, esse pessoal não vale nada!*" Nunca!

A única classificação do homem brasileiro que existe hoje é a do Roquette-Pinto: "Chatodermos"<sup>26</sup>. E ele chegou à conclusão de que o mestiço é ótimo, é formidável! Eduque esse homem! Eduque, ensine a ele para ver onde vai, longe! A figura dele era tanto humana como musicalmente, muito ampla. Ele gostava muito de música popular, gostava, naturalmente – eu acredito que a música moderna atual de rock ele não

---

<sup>26</sup> Conotação humorística, tendo em vista a classificação feita por Roquette. Ver páginas 51 e 52.

gostasse – mas ele gostava muito de canção. Gostava muito do gênero dessa época: Elisinha Coelho, Noel Rosa (...) de tudo o que era bonito ele gostava! Agora, bonito e bem-feito.

Tinha uma concepção de vida muito grande. Nasceu realmente com o dom de explicar as coisas, nisso ele tinha razão de ser professor. Por exemplo, uma ocasião, tinha uma amiga nossa que tinha uma filhinha pequena, e nós íamos almoçar com papai. E ela perguntou para o pai, que estava ao nosso lado: "*Papai, o que é sorte?*"; o pai disse: "*Ih, nós vamos visitar o dr. Roquette, você vai perguntar a ele o que é sorte.*" Aí nós chegamos, aquela coisa toda, e eu disse: "Pergunta!". E ela perguntou o que era sorte. Ele disse: "*Me dá uma moeda*" – naquele tempo tinha aquela moeda – "*Cara ou Coroa, Cara ou Coroa? Você ganhou; então, sorte é a quem o azar protege.*" Quer dizer, ele tinha o dom, então ele falava com as crianças. Por exemplo, ele morava na rua Vila Rica, aqui perto do túnel, e tinha aquela "sensitiva", não é, aquela plantinha. Os meninos iam lá, adoravam! Porque o papai pegava uma folha e contava uma história.

Todo domingo ele vinha almoçar comigo. Realmente, nós tínhamos um relacionamento muito grande, eu e ele, porque eu sempre caçoava com ele: todo homem tem que ter uma mulher na vida. O meu pai, a mãe tinha morrido (...) e ele não tinha encontrado companheira – ou se encontrou, não ficou. Então, era a filha! Nós tínhamos um relacionamento, nos entendíamos muito bem! Por exemplo, ele ia fazer uma palestra qualquer no Instituto Histórico Geográfico. Eu ia sempre com ele. Papai não dizia: "*Vem comigo*", não: "*Tizinha, você quer me levar ao Instituto Histórico?*" Eu estava sempre pronta, não é? Aí, ele dizia: "*Olha, minha filha, eu vou ler para você um trecho. Vê se está bom:...*" Quer dizer, é impressionante, ele lia para mim e estava sempre bom, porque escrevia muito bem, o que ele dizia era muito simples, porque papai falava "simples".

E... voltando, vinha todo domingo almoçar comigo. E, afinal, o meu filhinho, o Cláudio, tinha nascido, era pequenininho, eu já não podia mais estar fazendo almoço aqui, e ele comprou um terreno na Barra. Naquele tempo, era vazio, não tinha nada lá. Para lá de São Conrado um pouco não tinha coisa alguma. E ele disse: "*Ah, eu comprei um terreno, vamos fazer um piquenique.*" Eu digo: "Vamos!" Então era minha filha, meus

sobrinhos, minha cunhada, meu irmão (...) o Matheus, aquele famoso Matheus era tudo, para nós. Meu irmão e nós íamos. Então, ele levava os sanduíches (ele fazia uns sanduíches que até hoje eu me lembro), porque papai era um grande cozinheiro, e fazia uma sopa de camarão, nunca mais tomei! Uma salada temperada por ele, ninguém tempera igual! Ninguém! Então, fazia os sanduíches de agrião, foi a primeira vez que eu comi sanduíche de agrião. E levava aquela coisa toda e nós íamos. Ele mandou fazer um caramanchão, grande, redondo, de palha. E lá ele deu, a cada um de nós, um nome indígena. Eu era "Apoema" – era o "nascer", o "nascimento agora". O Cláudio, meu filho, eu me lembro que era "Pindá" – o "anzol". Cada um tinha um nome. Ele era "Uiraçu", quer dizer, "o de penacho", "o Chefe de penacho". Era só isso. E ele mandou fazer até umas faixas, botava no chapéu, "Uiraçu", aquela coisa toda. E nós íamos para lá. Ia o Humberto Mauro, com a mulher, com a filharada toda, o Zequinha. Ficávamos o dia inteiro (...) ouvindo rádio, conversando, aquela coisa toda; quando chegava às quatro horas, nós vínhamos embora.

Um dia, o meu irmão encontra na avenida um amigo de papai, que não via há muito tempo, e diz: *"Ô Paulo, vem cá: me contaram uma coisa, que o Roquette não está bom da cabeça, que ele vai lá para Barra, se veste de índio, canta e dança."* Era um piquenique à toa, só que tinha nome de indígena, de índio.

(...)

Sobre o caso das gravatas, eu conheço duas histórias. Uma, eu trabalhava com meu pai no Museu Nacional, nós chegávamos de manhã cedo para o trabalho e o seu João, o porteiro, estava nesse dia discutindo com um rapazinho, que devia ter seus dezessete, dezoito anos. Papai chegou e o seu João com aquele respeito todo: *"Professor!"*, o papai disse: *"O que é que há, seu João?"*, *"Professor, o rapaz quer entrar, mas não pode! O regulamento, não pode entrar sem gravata!"*. O papai disse: *"O regulamento fala alguma coisa do diretor do museu entrar sem gravata?"*, e o João disse: *"Não, não fala."* Papai tirou a gravata dele: *"Então, ponha o senhor a gravata"*, e o papai entrou sem gravata.

E a outra, que eu acho muito engraçada. Ele foi para um Congresso de Raças em Gotemburgo, na Suécia, levou a casaca e, na hora de se vestir, viu que não tinha levado a gravata branca, e chamou a mocinha, não é, a *femme de chambre* que estava ali, e perguntou se não podia comprar uma gravata. Ela disse: "*Ah, não, tudo fechado, tudo fechado*"; papai disse: "*Meu Deus, como é que vai ser...*". Nisso, diz que a moça volta assim, ele olha e vê o aventalzinho dela branco, amarrado com um lacinho que era uma beleza; ele pediu a ela para cortar. Só o papai, mesmo! E lá foi ele, com a casaca, com o lacinho da empregada do hotel! Mandou ela coser, ficou direitinho.

Sobre o patriotismo do Roquette-Pinto... era uma coisa muito profunda! Era uma coisa muito séria! Porque o patriotismo dele vinha com a obrigação de fazer qualquer coisa para o seu país. A idéia que ele me deixou do patriotismo é que "o bom patriota é aquele que faz qualquer coisa para a sua pátria". E não diz que não vai para frente, não bota para baixo, não! Agora, não quer dizer também que é o país melhor do mundo, não! Tem que ver, tem que ajudar, tem que fazer! O patriotismo dele para mim era isso: era fazer qualquer coisa para o seu povo e sua gente. E no dia do enterro do Getúlio Vargas,<sup>27</sup> eu estava em casa e toquei para o papai, e disse: "Papai, mas como é que está aí o enterro?" Ele só disse isso: "*Ah, minha filha! A ignorância do nosso povo é de enternecer...*" Vê que coisa bonita, parece que fala de filho. Você fala de filho: "A ignorância de meu filho é de enternecer"; você não diz: "Ah, que ignorância! Que gente que não sabe nada, gente que não quer aprender." Não! Disse: "*A ignorância do nosso povo, minha filha, é de enternecer.*". Eu nunca mais esqueci isso. Porque ele via aquilo tudo. Quando aquela fase do Getúlio começou,<sup>28</sup> ele foi ao Palácio e pediu ao Getúlio demissão do cargo. Era diretor do Museu Nacional e não podia continuar; era contra as idéias dele, não podia continuar. Aí, o Getúlio teve uma atitude muito bonita: "*Nós, professor Roquette-Pinto, não fizemos a Revolução para afastar homens como o senhor; eu peço que o senhor continue no cargo.*" E nunca! Mas nunca, durante todo esse tempo, o professor Roquette-Pinto – eu sou testemunha, que trabalhava com ele na mesa assim, ao lado dele – nunca pediu nada que ele imediatamente não desse! Foi o presidente da república que foi quatro ou cinco vezes lá.

---

<sup>27</sup> Getúlio Vargas faleceu no dia 24 de agosto de 1954, no Rio de Janeiro.

<sup>28</sup> Referência à Revolução de 1930.

Ele escrevia para o *Jornal do Brasil*, essa coluna, que hoje é do Josué Montelo, ele herdou de papai. Quando papai morreu, estava justamente na máquina, escrevendo um artigo sobre educação e a última frase que ele escreveu foi essa: "Ensinem os que sabem o que sabem aos que não sabem." Aí ele caiu com o derrame, me telefonou, ainda falou comigo no telefone, apesar do derrame.

Ele foi enterrado em Petrópolis, porque sempre quis ficar perto de sua mãe, que estava enterrada lá. E ele dizia: "*Aliás, vocês não vão se preocupar, eu quero me enterrar em Petrópolis porque a Academia paga tudo, porque senão eu ficava aqui mesmo, vocês não pagavam.*" Mal sabia ele que a Academia não paga fora do Rio! Mas ele morreu de repente, escrevendo essa frase sobre educação, foi velado na Academia de Letras, ficou desde as 11 h da manhã até as 11 h da manhã do outro dia, e tenho os discursos todos que fizeram, que agora é que eu posso ler – até então eu não lia – do Carlinhos Chagas, do Pedro Gouveia, todos os acadêmicos (quase), o Peregrino Júnior, muito emocionados, muito bonitos. Depois – isso é interessante contar – nós saímos daqui e fomos para Petrópolis, foi aquela caravana, família, os acadêmicos. Quando nós entramos no cemitério de Petrópolis, é um cemitério muito bonito e parece um jardim, tinha tanta gente, chovia e tinha tanta gente, tanta gente... Eu olhei assim – eu me lembro que eu estava com o Elmano Cardim, ele estava de braço comigo – eu disse: "Elmano, por que tem tanta gente aí? O que é isso?" Ele disse: "*É seu pai, minha filhinha, é seu pai!*" Eu achei bonito porque o povo, em geral, se comove muito com essas figuras. É verdade que ele, naquele momento, era o "Homem do Rádio", todo mundo estava falando do "Homem do Rádio". Mas ele teve a sua consagração como brasileiro!

Sempre que eu penso nele, eu choro duplamente! Eu choro meu pai, o companheiro, trabalhei com ele, a vida inteira ao lado e choro muito a falta do brasileiro, muito! Porque eu acho que precisava ter muitos Roquettes agora, no Brasil. Sempre! Com aquele espírito que ele tinha, aquele amor pela gente dele, mas é um amor consciente, amor de pai para filho, que vê que o filho tem seus defeitos e que tem que educar!

---

### I.2.1.5 Carlos Chagas Filho <sup>29</sup>

Alto, um tronco forte com boas espáduas, movimentos harmoniosos, marcava-se sua presença pela cabeça, parelha à de um imperador romano. Era seu rosto iluminado pelos seus olhos escuros, profundos e penetrantes, sempre vivos e o sorriso, muitas vezes ligeiramente irônico, capaz de se transformar em um riso franco na hora adequada. As marcas principais eram o vigor e a serenidade. Mas dele brotava uma voz inconfundível. Voz na qual os baixos se faziam sentir a cada passo, como para melhor fazer vibrar nossos corações. Por seu timbre, por sua perfeita estruturação, permanecia a fama conosco depois de os termos deixado.

Assim, vejo o grande brasileiro Edgard Roquette-Pinto, cujo centenário hoje comemoramos. Portava em si a fé no poder da ciência. “A ciência vai transformando o mundo” são as palavras com que Roquette-Pinto abre o seu *Rondônia*, cuja primeira edição é de 1917. Tal afirmativa esclarecida indica, na era dos vôos espaciais, da televisão, dos computadores, da genética, a visão de quem legou ao Brasil um dos seus maiores patrimônios culturais.

Formado pela Faculdade de Medicina em 1906, Roquette nela viveu um período áureo da história da velha instituição. É que a reforma ao dar melhores condições de ensino, ao criar novas cátedras, novas enfermarias e laboratórios, havia atraído para sua docência jovens mestres que davam ao estabelecimento novo fulgor, a eles não furtando, ao lado do saber, esta qualidade indispensável ao professor universitário, que é de estabelecer com o aluno uma interação sem a qual não pode haver ensino.

---

<sup>29</sup>Discurso de Carlos Chagas sobre Roquette-Pinto, proferido na Academia Brasileira de Ciências, em 11 de setembro de 1984. Acervo Academia Brasileira de Ciências.

Roquette terá vivido, primeiro-anista, o pesar que assolou o corpo estudantil pela morte de Francisco Castro – o divino mestre ao dizer dos próprios estudantes – que em todas as séries se cobriram com as marcas do luto que sentiam. É que entre os alunos e mestres dominavam a simpatia e admiração e não havia, como sentimos hoje, incompatibilidades, não nascidas da incompreensão ou de privilégios, mas somente da extensão aos centros universitários de uma relação atritiva de classes. Aos alunos de então aplicava-se o dito que vi escrito, pela primeira vez quando ali entrei, no laboratório dirigido por Pedro Augusto Pinto, “Ama esta casa como se fosse a tua própria.”

Mas, entre os jovens mestres para os quais o ensino e a prática médica eram um sacerdócio, um havia que pela sua estrutura intelectual e competência atraía desde logo os mais dotados: era ele Miguel de Oliveira Couto. Este gigante da medicina, formador de escola, a mancheias, impunha-se a todos não pelo seu vigor disciplinário, mas pelo seu saber e bondade. De alta estatura, olhos claros, calvo desde cedo, o extraordinário mestiço foi o primeiro grande encontro de Roquette-Pinto. Ao seu lado, Roquette aprendeu a medicina que nunca esqueceria: aquela em que os sinais mórbidos são ligados a perturbações funcionais bem reconhecidas, ligação que Miguel Couto mostrava nas constantes necrópsias praticadas por suas próprias mãos.

Ao pensar nesse tempo, vejo na minha mente Couto, como um quadro de Rembrandt: um mestre em torno de uma mesa cercado dos discípulos, entre ao quais distingo Roquette-Pinto, Álvaro Osório de Almeida, meu pai, Miguel Osório de Almeida, Arthur Moses, Silva Melo e tantos outros que, em épocas diversas, o acompanharam na sua incansável atividade hospitalar.

Creio que a influência de Couto sobre Roquette-Pinto se fará em duas vertentes: a primeira, a da sua extraordinária capacidade médica do aperfeiçoamento de suas aptidões de observador. A outra, a do pleno convencimento de que não podem existir diferenças entre raças senão aquela imposta pelas condições do desenvolvimento cultural e social.

Durante o curso, Roquette-Pinto prepara-se para a vida profissional. E com a ajuda do ilustre cirurgião, dr. Raul Batista, seu futuro sogro, inicia a clínica com relativo sucesso. Mas a medicina com seu acanhado âmbito, ainda que o mais humanitário, não poderia apresentar a universalidade que o espírito de Roquette-Pinto procura. O mundo, a sociedade, o meio ambiente, as civilizações antigas, o grande Brasil com sua gente, sua pobreza e suas riquezas fazem parte de um vasto e tentador panorama, em que o desconhecido se junta à poesia.

Roquette deixou assim a clínica, que já florescia, para se voltar para os domínios mais amplos da ciência e entra, por concurso, como professor assistente, para o Museu Nacional. No Museu chegaria a diretor, cargo que exerceu por onze anos. De novo encontra Roquette-Pinto o meio ideal para o desenvolvimento de sua potencialidade intelectual.

Roquette teria feito notável carreira médica, pois seu destino era o sucesso, mas penso também que as frustrações, que são o cotidiano do clínico honesto, iriam assombrar os horizontes de um otimista invencível que Roquette sempre o foi e assim bem escolheu.

O Museu Nacional não tem merecido do público brasileiro, principalmente a partir da República, o apreço que merece. É ele a instituição mais antiga do país, fundada no dia 6 de junho de 1818. Seu nome provavelmente deriva da instituição semelhante que enriquece a ciência francesa: o Museum de Histoire Naturelle. A casa dos Pássaros, situada na rua dos Passos, de um português, o Xavier dos Pássaros, foi a origem do Museu. Posteriormente, foi ele transferido para a praça da República já com o nome de Museu Nacional, e mais tarde localizado na Quinta da Boa Vista, ao término da Assembléia Constituinte que se realizou na casa de Pedro II. Mas quem vê o nosso Museu, não sabe que dentro do Palácio do Imperador se encontram laboratórios que tornam grande a ciência brasileira. Durante anos, muitos dos quais dirigidos por Ladislau Neto, botânico, o Museu formou os nossos melhores naturalistas. Quando Roquette aí chegou, ainda dominava o ambiente, pela excelência de sua personalidade,

o grande João Batista de Lacerda, sem dúvida o primeiro cientista brasileiro, se dermos ao termo a sua conotação moderna.

Ladislau Neto deixara completadas as coleções botânicas e zoológicas, que eram fonte de informações de estudos para os cientistas brasileiros e estrangeiros. E a elas várias vezes voltou-se Roquette-Pinto.

A etnologia e a antropologia, bem como a geologia e a mineralogia ocupam seus lugares apropriados neste admirável conjunto de atividades científicas. Além do mais, nesta instituição foi instalado o primeiro laboratório de Fisiologia Experimental da América Latina, criado pela vontade do Imperador D. Pedro II. Laboratório que, entre outras características, teve a de ser o sítio de formação de Batista Lacerda. A ele Roquette se referia com frequência e o que viu foi-lhe de imensa utilidade quando ensinou no Paraguai.

Assim, repito, quem, ao passar pela amena Quinta da Boa Vista, lembrando-se da austeridade que comandou aquele palácio quando era residência de Pedro Alcântara de Orleans e Bragança, não sabe que, por trás das exposições abertas a um público cada vez mais crescente, predominam os adolescentes – e com que alegria, na sua ansiedade transmitir conhecimentos científicos ao povo brasileiro, Roquette gostaria de sabê-lo – esconde-se uma colmeia de cientistas ocupados com problemas científicos dos mais significativos, alguns dos quais são indispensáveis hoje ao conhecimento da ecologia e da biotecnologia e para tanto, de moderníssimo interesse, diria melhormente, de interesse inato.

Nesse meio ardente de intelectualidade, os interesses multidisciplinares logo atraíram Roquette-Pinto. Ali iria completar o aperfeiçoamento de saber. Na leitura de sua obra científica, publicada no boletim do seu Museu Nacional, encontramos pouco a pouco o médico bom, o inovador, transformar-se paulatinamente em botânico, zoólogo, biólogo, etnólogo e antropólogo. Tal complexidade de conhecimento se coaduna com o pensamento de quem cada dia mais se voltava para o homem brasileiro, para as condições de redenção de nossa pátria.

Permita-me, antes de continuar, abrir um pequeno parêntese para acentuar a semelhança das vidas de Roquette-Pinto e de meu pai. De ir à mesma faculdade e formação, e a definitiva influência de Couto.

Perseguir a complementação da formação em instituições científicas de alto nível: o Museu e o Instituto de Manguinhos, depois o encontro intenso e frutuoso com dois dos mais ilustres varões que o Brasil já produziu: Cândido Rondon e Oswaldo Cruz. A seguir, a penetração pelo Brasil afora para estudo das gentes e da doença do nosso povo.

Roquette inicia seu trabalho no Museu com o estudo dos sambaquis. Admiráveis vestígios de antigas eras, resultantes da deposição de conchas e moluscos que se tornam fossilizados, o trabalho de Roquette é ainda de grande atualidade, principalmente pelo fato de que a cobiça comercial praticamente destruiu em nosso litoral os maravilhosos sambaquis para fornecimento de cálcio às indústrias. A destruição dos sambaquis, de valor arqueológico inestimável, malgrado os esforços de Roquette, só muito recentemente foi proibida – graças sobretudo à atuação de Paulo Duarte. O trabalho de Roquette-Pinto sobre sambaquis apresenta um interesse todo especial: mostra que o seu autor, aos 25 anos, já havia adquirido completa autonomia e maturidade científica.

Seguem-se, após este, numerosos trabalhos de naturalistas. Não entrarei em seus detalhes, pois quero focalizar, aos poucos, o antropólogo que se foi formando. Sua atividade, como um dos fundadores da antropologia em nosso país, encontra-se em memórias públicas no boletim do Museu Nacional e estão enfeixadas em dois livros de extraordinário interesse. *Rondônia* foi publicado em 1917 e *Ensaio de antropologia brasileira* teve sua primeira edição em 1933. Esta atividade maior de Rondon começara, na verdade, com a sua participação nos trabalhos da Comissão Rondon. Roquette-Pinto assim se refere ao grande varão:

“há homens que diminuem à medida que deles nos aproximamos, outros de longe brilham como estrelas e, quando chegamos, vemos que são mundos ainda maiores de sentimentos e de caráter”.

Ao preparar este modesto trabalho, procurei definir, na multiplicação de suas atividades, o que foi Roquette-Pinto como antropólogo. Definição difícil: antropólogo social, antropólogo cultural, antropólogo físico ele o foi. E de maneira excepcional. Sua atividade como antropólogo começa nas viagens que fez com Rondon e se concentram na expedição que fez em 1912 do rio Juruena ao rio Madeira. Foram 1297 kms nos quais enfrentou dificuldades de toda ordem, como bem se pode pensar que, entretanto, procura reduzir na sua descrição. No seu trabalho o da flora, a fauna, a geologia, os hábitos e os costumes não só dos índios parecis e nhambiquaras, como também a população esparsa que vai encontrando. Reconhece a peculiaridade da linguagem dos brancos e mestiços e estabelece as ações possíveis entre a situação atual dos índios que encontra e as suas origens.

O contato com homens e a selva dá pleno desenvolvimento à semente de humanista que se encontrava no cientista e em muitos passos é este humanista que emoldura a obra do cientista, sem a diminuir. Ao lado da apresentação científica, mas sem abaixá-la, há descrições de certos pitorescos hábitos, como a do fazendeiro que afirma a um dos seus tropeiros: “Quem achar boi gordo pode tocar p’ra cá que é meu; ferro eu respeito é só magreza.” Em outros pontos, sente a poesia do campo, das nossas matas, de nossos rios e a pena do naturalista é substituída pelo pincel de um pintor: “enfileirados em banco de areia, ao lado de batalhões de araras vermelhos com grandes manchas de sangue assistiam ao rude trabalho da tripulação”. Bem posso imaginar a sensação de beleza e de sobrenatural que Roquette terá sentido nesta ocasião, pois eu mesmo tive a oportunidade de assistir a uma revoada de araras de asas multicolores na beira do São Francisco quando me embrenhei no sertão brasileiro.

Entretanto, se o livro é um marco na antropologia nacional, veremos, é ele assinalado pelo interesse que Rondon tem pelo Brasil e por suas gentes. Em seguidas páginas nós o encontramos preocupado com a necessidade de educar a gente do nosso povo ou, ainda, a sua severa crítica aos latifundiários e a sua exploração do homem pelo homem, problema que se assevera até os dias de hoje e é tratado em vários pontos da *Rondônia*, como, por exemplo, quando descreve a odisséia do seringueiro Benedito que saía das matas e procurava recursos, pois que os dele haviam sido consumidos por um certo D.João, residente em Tapirapoã.

Há surpresas que nos mostram o detalhe com que o observador anotara o que viu e chegou ao seu conhecimento. Assim, lemos em trecho: “Quem não provou do mel das abelhas do Brasil e só conhece o da “*Apis Melifica*” ignora uma riqueza desta terra abençoada. O mel da manduri, da mandaguari, da urucu, da tatá, da bojuí, que sei eu! Tem requintados todos os perfumes das matas brasileiras, resume um poema de cheiro e sabor. Aquele que sabe derrubar um palmito e abrir um “mel”, em vez da maldita fome encontra na floresta um ágape divino.

Roquette também incursionou no terreno da medicina. Por onde passou verificou o estado das endemias e, algumas vezes, de modo inteiramente original e interessante. Encontrou uma nova dermatomicose que, devido às condições de trabalho em que vivia, não pôde identificar completamente. Estudou com mais detalhes o purupuru. Como sociólogo, é admirável a sua descrição da vida, dos costumes e até dos aparelhos de uso diário dos aborígenes, como também a sua análise dos tipos antropológicos fundamentais do índio brasileiro, particularmente daqueles que estudou na Serra do Norte.

Ao estudar detalhes anatomorfológicos, dando-lhes valores biométricos, Roquette-Pinto caracteriza a diferenciação morfológica sob uma orientação diversa da usada até então. Não limita as suas considerações exclusivamente às medidas que obteve, mas procura discernir diferenças entre raças, entre tribos de índios, seja aquelas provenientes do próprio sistema auto-regulador endócrino de cada indivíduo, seja das próprias condições mesológicas. Deste modo, Roquette-Pinto completa a diferenciação

dos índios da Serra do Norte. Seu material é mais abundante do que o de qualquer outro antropólogo que se tenha arriscado a tal iniciativa. Daí seu extraordinário valor.

Pode-se dizer que, dentro das limitações impostas pelas distâncias, pelas dificuldades de trabalho em campo, pela fadiga experimentada, é *Rondônia* um dos grandes livros sobre antropologia do homem original das terras brasileiras. Mas o livro é muito mais do que isto. É uma peça em que a vida, os costumes, o folclore de uma vasta região da nação, hoje em franco progresso, estão admiravelmente descritos, pintados com uma mão de mestre tal que quando surge um personagem local tem-se a viva impressão de que alguém saltou vivo fora das páginas do livro. É o que se encontra, por exemplo, na seguinte descrição: “João Cavalcanti é sertanejo inteligente e bondoso. Fiz-lhe algumas perguntas, respondeu com clareza. O saber da gente matuta tem sabor especial. Quando nos conta coisas e fatos não se prendem às teorias e liames com que se acham embaraçados os letrados. A sua voz ainda é a própria natureza quem fala, ganhando e escutando. Disse-me que a mata da Porréia, outrora, ia de sua casa até Tapirapoã, quinze léguas adiante, estendendo-se entre o Paraguais e o Cipotuba. Grande parte dela é hoje desolado sapezal, campo de ciperáceas, onde se acham espetados negros como valões de ferro, carbonizadas as grandes árvores que as queimadas não puderam derrubar.”

Pra mim, *Rondônia* é um documento tão importante para o Brasil quanto são “*Os sertões*”.

Volto-me agora para os *Ensaio*s. Ao lado de ser um estudo cabal da patologia do homem brasileiro nas suas variedades, é uma defesa à mestiçagem e não da mistura – como bem diz Roquette – que deu origem a mulheres e homens do país. Aqui encontramos ainda mais nítidos, talvez, os impulsos de generosidade, de educação e de brasilidade que são elemento motor da ação de Roquette-Pinto.

Os *Ensaio*s são também uma compilação incrementada dos trabalhos publicados nos boletins do Museu Nacional e neles Roquette-Pinto analisa a população brasileira e a sua mesclagem. Para fazê-lo, reúne em quatro grupos: os leucodermos (brancos), os

faiodermos (branco e negro), os antodermos (branco e índio) e os melanodermos (negros). Ao lado do aspecto físico dado pela análise de amostras colhidas ao acaso, Roquette-Pinto procurou ver mais longe e analisa a população do ponto de vista das suas diferenças, vale dizer, no contexto tão variável do individual. Roquette apresenta seus resultados, que ele mesmo considera aleatórios, pois que a sua amostra era por demais pequena, mas nem por isto perde de interesse seu trabalho, pela utilização de uma metodologia estatística sobre a qual voltarei.

É interessante o estudo realizado, em que Roquette-Pinto procura encontrar as variedades de comportamento psicológico dos quatro grupos estudados. Evidentemente, os seus dados correspondem a uma formulação moderna, na época, mas hoje desusada. Mas é importante notar a abrangência de sua atividade, que não se limita aos dados antropométricos, de fácil obtenção, mas procura ir além e estudar o próprio comportamento do brasileiro.

Entretanto, o trabalho de Roquette se estende, com profundidade, no campo da antropologia física e os vários grupos analisados. É o mesmo que havia feito na tribo parecis e que se encontra nas últimas tabelas de *Rondônia*.

O que há de interessante no trabalho não é só o emprego do “retrato falado” que, na ocasião do inquérito sobre os parecis era uma técnica extremamente moderna. Mas, no caso dos trabalhos de antropologia física que se encontram nos *Ensaio*s, o que há de mais interessante é o emprego do teste de significação estatística, criado por Student e divulgado por Ronald Fisher para o mundo saxônico e por Marcello Boldrini para o latino e cuja aplicação, ainda, nos anos 1940, causava fortíssimas disputas entre grupos partidários de grandes números ou os que, só tendo amostras pequenas, eram forçados a utilizar outro método. Roquette-Pinto, ainda neste pequeno detalhe, é um pioneiro. Estou certo ter sido ele quem primeiro empregou em nosso país o admirável recurso estatístico que hoje faz parte da própria linguagem de apresentação de um trabalho científico.

A obra de Roquette-Pinto é ampla demais para ser comentada de uma só vez. A cada momento em que falo sinto o quanto são insuficientes as minhas palavras para descrever o que Roquette realizou na época em que se dedicou mais à antropologia.

A sua atividade se completa com a sua dedicação à difusão científica, à educação e a tantos outros problemas.

Ao terminar, quero assinalar que me parece mais do que adequado que a Academia Brasileira de Ciências faça hoje, com pompa e orgulho, a celebração do centenário do nascimento deste benemérito varão. Foi estimulado e auxiliado por um grupo de membros da instituição da qual foi fundador, entre os quais citarei somente Carneiro Felipe, Tobias Moscoso, Amoroso Costa, Álvaro Alberto, Arthur Moses e outros com que Roquette lançou uma das mais ousadas, profícuas e belas iniciativas que um homem jamais realizou em nossa terra: a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira estação de transmissão do país, manejada por idealistas e destinada à difusão da ciência, da educação e da cultura em nosso país. Cultura, educação e ciência foram o sentido místico da vida de Roquette-Pinto.

Mergulhado sobre as dificuldades do homem brasileiro e ansioso pela sua recuperação, há nos escritos de Roquette-Pinto uma constante: a da acentuação das dificuldades em que vivia e vive, infelizmente ainda, o povo brasileiro, em contraste com as riquezas do país. Não se trata de um ufanismo de tão malfadadas conseqüências como aquela que tivemos que agora revive nas telas da televisão. O seu ufanismo era realista porque baseado no seu profundo conhecimento da realidade do nosso povo, de sua força, que, dentro do embate como o meio onerado pelo processo da educação benfazeja, pode tornar o Brasil um país para ser vivido em termos de paz e de qualidade de vida.

Ao pensar na vida e na obra de Roquette-Pinto, ocorre-me um epílogo que tiro de Thomas Elliot para quem São Thomas Moore era: *“Um homem para todas as estações”*, o que talvez só é melhor na língua original: *“A man for all seasons.”*

## CAPÍTULO II

### A TRAJETÓRIA DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

“É certo que nós não fundamos a Rádio Sociedade para irradiar só o que o público deseja. Nós a fundamos para transmitir, principalmente, aquilo de que o nosso povo precisa.”

*Roquette-Pinto*

#### II.1 - A Inauguração

Foi relatado, anteriormente, que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi preconizada por integrantes da Academia Brasileira de Ciências, que representavam um grupo de entusiastas cientistas, sendo fundada em 20 de abril de 1923.

A primeira transmissão radiofônica, no entanto, só foi ao ar no dia 1º de maio de 1923, dia do trabalho, utilizando o prefixo PR-1- A, foi uma transmissão experimental, realizada na estação da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Às 20h30 em ponto, Cauby de Araújo, um dos signatários anunciou a declaração de Roquette-Pinto comunicando a fundação da rádio. Roquette tomou o microfone e, com grande otimismo e exagero, disse: "[A partir de agora] todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte pelo milagre das ondas misteriosas que transportam, silenciosamente, no espaço, as harmonias.<sup>30</sup>

Roquette-Pinto tinha conhecimento que, para a organização estrutural e composição da rádio nos moldes de uma empresa de radiodifusão, era preciso mais do que o afã de jovens muito bem intencionados e, ciente deste fato, começou a trilhar todas as etapas necessárias para construir, efetivamente, uma empresa de radiodifusão.

---

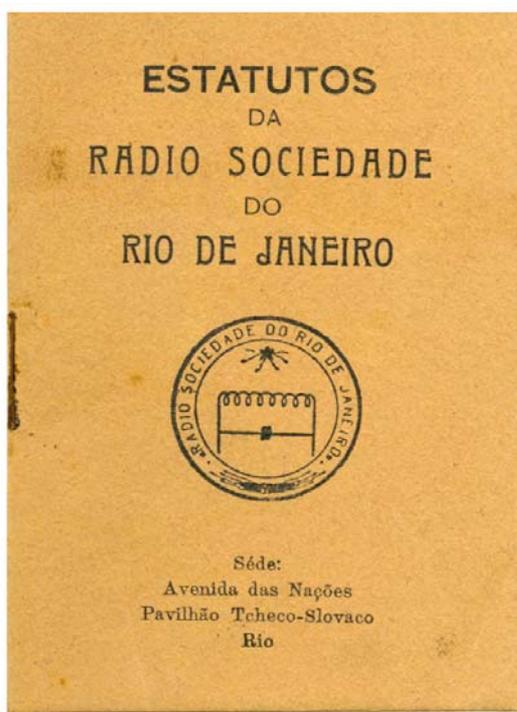
<sup>30</sup> CASTRO, Ruy. “Roquette-Pinto: o homem multidão”. *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996, p.11.

Esta seria a primeira emissora no Brasil, denominada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e que viria, a contento, ser estruturada nos moldes formais e legalmente exigidos naquela época.

Legalmente, a Rádio Sociedade foi constituída sob a forma de associação, reunindo inúmeros associados, popularmente chamados filiados, que contribuíam mensalmente com certa quantia monetária para a manutenção da instituição, no que se referia a despesas ordinárias de funcionamento: água, luz, funcionários etc.

Roquette-Pinto providenciou a elaboração do Estatuto Social da instituição, cuja capa é exibida abaixo.

O documento indica a sede da instituição, localizada na Avenida das Nações, Pavilhão Tcheco-Slovaco, Rio de Janeiro.



Estatuto Social da Rádio Sociedade  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

A análise deste documento também permite destacar as finalidades da Rádio Sociedade, seu caráter altruísta e a preocupação com a educação popular. Essa determinação é muito clara no art.3º do seu Estatuto, que assim preceitua:

“A Rádio Sociedade, fundada com fins exclusivamente científicos, técnicos, artísticos e de pura educação popular, não se envolverá jamais em nenhum assunto de natureza profissional, industrial, comercial ou política.”<sup>31</sup>

Financeiramente, a Rádio Sociedade foi inaugurada e mantida com um orçamento pequeno, composto das contribuições mensais dos seus associados e também de anunciantes, que colaboravam com o propósito de torná-la uma instituição sólida. Não havia nenhuma ajuda financeira do governo para a manutenção do sistema de comunicação radiofônico e Roquette-Pinto tinha o propósito de manter a instituição com fins estritamente culturais e científicos, o que significava não permitir ingerências políticas.

Nesse sentido, Roquette-Pinto se dedicou a legalizar os serviços de radiodifusão no país, já que as atividades radiofônicas eram vistas com muita cautela por parte do governo brasileiro, que as considerava perigosas.

Segundo Lia Calabre, o setor radiofônico brasileiro era, na década de 1920,

uma área de incertezas, investimento caro e retorno duvidoso. Podemos conjecturar que o desenvolvimento do rádio brasileiro, no período anterior à década de 1930, foi freado não apenas por razões de ordem técnica, mas também pela turbulenta conjuntura política. Foi um tempo de instabilidade, com as revoltas tenentistas, as constantes declarações de estado de sítio; nesse contexto, o rádio poderia vir a se tornar um perigoso veículo de comunicação, de divulgação dos

---

<sup>31</sup> *Revista Electron*, ANNO I, NUM 7. In MILANEZ, Liana (org.). “RÁDIO MEC – Herança de um sonho”. 1ª ed., Rio de Janeiro: ACERP, 2007, pp.18-19.

acontecimentos e de propaganda contra o poder estabelecido (...). No final da década de 1920, o rádio buscava o caminho da profissionalização (...) e na década de 1930, as inovações tecnológicas, somadas à nova legislação, fizeram surgir mais emissoras de rádio com finalidades comerciais.<sup>32</sup>

Somente em agosto daquele ano de 1923, foram, oficialmente, autorizadas as irradiações para fins educativos.

Embora a primeira transmissão tenha ocorrido no dia 1º de maio de 1923, oficialmente, a inauguração da Rádio Sociedade ocorreu no dia 19 e o evento contou com a participação da alta sociedade carioca, dando início a uma nova etapa da trajetória da rádio e sua efetivação como instrumento de comunicação. A solenidade foi noticiada em vários jornais da época, como é possível depreender das notícias transcritas abaixo e dos recortes selecionados pelo próprio Roquette-Pinto ou a seu comando.

O jornal *Gazeta de Notícias*, em 19 de maio de 1923, noticiou o seguinte:

“Será instalada hoje, sábado, definitivamente, às 4 e 30 da tarde, na sala de física da Escola Politécnica, sob a presidência do professor Morize, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada pelos amadores do telefone sem fio.

Em homenagem à Radio Sociedade será feita pela Western ElecCompany uma interessante demonstração prática, no local da reunião, para a qual são convidadas todas as pessoas que aderiram ao patriótico e elevado programa da Rádio Sociedade.

A instituição já conta cerca de 150 adesões entre as quais numerosas pessoas do mais alto relevo social, científico, industrial, artístico etc.

---

<sup>32</sup> CALABRE, Lia. *A era do rádio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, pp. 15-18, 23.

Por uma carta que nos foi gentilmente mostrada, soubemos que a estação montada na Praia Vermelha foi admiravelmente bem ouvida em Chicago. Não tardará muito tempo em que os pobres seringueiros, perdidos nas florestas da Amazônia, os criadores de gado do nordeste e das longínquas paragens da Rondônia, tenham as asperezas de sua vida suavizadas pelo esforço da Rádio Sociedade.”<sup>33</sup>



Recorte do jornal *Gazeta de Notícias*, 19.5.1923

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

<sup>33</sup> Foi efetivada atualização ortográfica na transcrição do documento.

Embora a notícia seja curta, transmite o pleno significado do papel e das expectativas colocadas na função a ser desempenhada pelo rádio, num país de dimensões continentais como o Brasil e com tamanha dificuldade de proporcionar acesso à educação, o que, aliás, é um fato notório ainda nos dias de hoje. A notícia relata que o povo, pobre e isolado dos grandes centros urbanos, teria a possibilidade de se informar e também de ter um pouco de lazer e distração com a programação transmitida. Na notícia é destacada, ainda, a figura do presidente da Rádio Sociedade, Henrique Morize e a audição da rádio no estrangeiro.<sup>34</sup>



Recorte do jornal *A Pátria*, 20. 5.1923.

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

---

34 Henrique Morize era francês e naturalizou-se brasileiro. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), de 1916 a 1926, e presidente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, além de atuar em outras funções, tais como diretor do Observatório Nacional e comissário no Ministério das Relações Exteriores.

No dia seguinte, foi noticiado, no jornal *A Pátria*, um relato mais minucioso e interessante para demonstrar o clima de festa, com direito a grande foto.

*“No amplo anfiteatro de física da Escola Politécnica, teve lugar ontem a instalação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, destinada a intensificar entre nós, a prática da T.S.F .<sup>35</sup> Às 4.30, o dr. Henrique Morize, subindo ao estrado, pronunciou um discurso que foi bastante aplaudido pela assistência, na qual se destacava um grupo de senhoritas e senhoras, dentre elas, Mme Laurinda Santos Lobo.<sup>36</sup>*

*O Discurso do dr.Morize salientou o estado de quase clandestinidade em que se acha o estudo da T.S.F no Brasil, onde até hoje o estudo é disfarçado, escondido.*

*Mostrou os benefícios que trará a aplicação da T.S.F. ao povo brasileiro, principalmente aos habitantes do interior.*

*A Rádio Sociedade, esperava do governo – concluiu o dr.Morize – um estatuto mais liberal para a T.S.F.*

*Uma salva de palmas coroou as últimas palavras do notável sábio.*

#### *A LEITURA DA ATA*

*Terminando a sua oração, o dr.Morize passou a palavra ao dr.Roquette-Pinto, que passou a ler a ata da Rádio Sociedade. Terminada a leitura das bases da Rádio Sociedade, o dr.Roquette pronunciou algumas palavras sobre o ato, e depois, por pedido do dr.Morize, leu a representação que aquela entidade ia enviar ao sr.ministro da Viação, solicitando seu apoio para a intensificação da T.S.F. no Brasil.*

#### *A DIRETORIA DA RÁDIO SOCIDADE*

*O dr..Henrique Morize, declarando instalada a Rádio Sociedade, pediu aos seus sócios efetivos que se manifestassem sobre a organização da diretoria que daquela data em diante deveria gerir os destinos da sociedade.*

---

<sup>35</sup> T.S.F. é a designação tradicional abreviada de *Telefonia Sem Fios*, que era como se chamava o rádio nos seus primórdios.

<sup>36</sup> Laurinda Santos Lobo, vanguardista da belle époque carioca, cujos salões testemunharam transformações artísticas e políticas no país.

*Foi então que um senhor propôs que a eleição fosse feita por aclamação, ficando assim organizada a diretoria:*

*Presidentes de honra – Dr.Francisco Sá, dr.Octavio Mangabeira, dr.Ozório de Almeida, dr.João Teixeira Soares; diretores: dr.Henrique Morize, presidente; dr.Roquette-Pinto, secretário; Demócrito Lartgau Seabra (tesoureiro).*

*Além destes, também fazem parte da diretoria os srs.: dr.Luiz Betim Paes Leme, dr. Álvaro de Almeida, Francisco Lafaytte Pereira, Mário de Souza, Carlos Guinle e Costa Lima.*

#### *UMA CASA ARGENTINA PRESENTEIA A NOVEL SOCIEDADE COM TRANSMISSOR E UM RECEPTOR*

*Ja terminar a sessão de inauguração quando o sr.M.B.Astrada, representante da casa argentina “Pekan”, em nome dessa firma declarou aos diretores da RS que a firma acima resolvera presentear a Sociedade com dois aparelhos para a recepção e transmissão a fim de que os mesmos fossem instalados em sua sede.*

*Uma salva de palmas coroou as últimas palavras do sr.Astrada, trocando-se, então, vários discursos de fraternidade entre as duas nações sul-americanas e vivas ao Brasil e à Argentina.”<sup>37</sup>*

Pode-se depreender da notícia acima transcrita que a primeira diretoria da Rádio Sociedade já estava constituída e era representada por Henrique Morize (presidente), Roquette (secretário), Demócrito Lartgau Seabra (tesoureiro). Também integravam o Conselho Diretor: Carlos Guinle, Luiz Betim Paes Leme, Álvaro de Almeida, Francisco Lafaytte, Mário de Souza e Ângelo M.da Costa Lima. O presidente honorário era Francisco Sá e os diretores honorários eram o francês General Ferrié, prof. Abraham, General Rondon, dr.Octavio Mangabeira, dr.Gabriel Ozório de Almeida. Todas estas pessoas eram intelectuais, empresários e representavam uma elite da sociedade brasileira daquele período e são considerados os pioneiros do rádio no Brasil.

---

<sup>37</sup> Foi efetivada atualização ortográfica na transcrição do documento.

Influenciadas pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foram fundadas rádios amadoras em várias partes do país, como a Rádio Clube Paranaense, a Rádio Clube de Pernambuco, a Rádio Sociedade Rio-Grandense, a Rádio do Maranhão, a Rádio Sociedade Educadora Paulista, a Rádio Clube de Ribeirão Preto, dentre outras.

## II.2 – Os Fundadores e os Associados



Almoço em homenagem a Roquette-Pinto no Hotel Itamaraty, na véspera de sua partida para Suécia – Junho de 1924

Foto dos Pioneiros da Rádio Sociedade, junho, 1924.

Roquette-Pinto, ao centro segurando bengala e chapéu, Henrique Morize ( o mais alto à direita de Roquette) e os seguintes companheiros: Catulo da Paixão Cearense, Adalberto Santos, Edgard Sussekind de Mendonça, Francisco Lafayette, Dulcídio Pereira, Alirio de Matos, Juvenil Pereira, Carlos Lacombe, Alberto Jacobina, Paulo Carneiro, Rui Castro, Carlos Sussekind de Mendonça, Otto H. Leonardos, Francisco Venâncio Filho, José Jonots Koff de Almeida Gomes, Carlos Morize, Jorge Leuzinger, Hiron Jacques, Cosme Pinto, Elizio Rodrigues Lima, Paulo Roquette-Pinto.<sup>38</sup>

Acervo SOARMEC

---

<sup>38</sup> Esta foto também está inserida na obra de MILANEZ, Liana (org.). *RÁDIO MEC – Herança de um sonho*. 1ª ed. Rio de Janeiro: ACERP, 2007, pp.14-15, sendo que a descrição dos nomes encontra-se na página 16 do citado livro sem, contudo, revelar a sua ordem.

Muitos dos fundadores da Rádio Sociedade pertenciam à classe média alta da sociedade carioca, o que permitiu que criassem a Rádio por meio de cotizações, que era uma espécie de mensalidade que os filiados pagavam para manutenção da estação radiofônica.

Denominados associados e com a estrita finalidade de difundir assuntos culturais, científicos e artísticos, o grupo se dedicou ao empreendimento como uma nova forma de integrar o país e educar seu povo.

O Livro de Registro de Associados da Rádio Sociedade é um importante documento do acervo daquela instituição, porque evidencia não só todos os associados que a ela estavam filiados, bem como registra visitantes recebidos, mensagens deixadas por eles, identificando a programação de algumas irradiações e as homenagens que eram feitas durante os programas.

Logo, representa um importante documento do acervo pesquisado, sendo referência para a análise da estrutura, organização e dinâmica da Rádio Sociedade. Adiante, são mostradas a capa e a primeira folha deste Livro de Registro da trajetória da Rádio Sociedade.

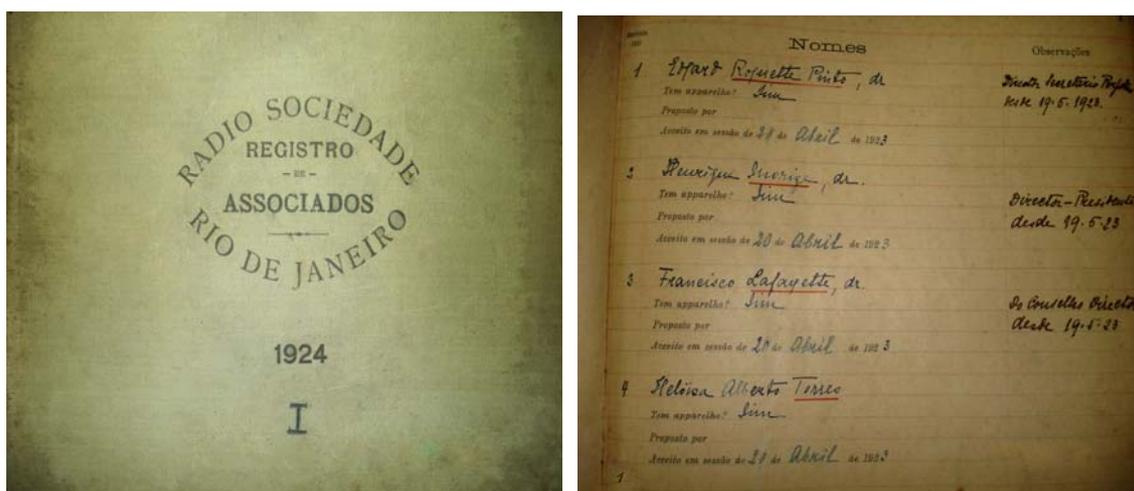


Foto do Livro de Registro de Associados, 1924.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

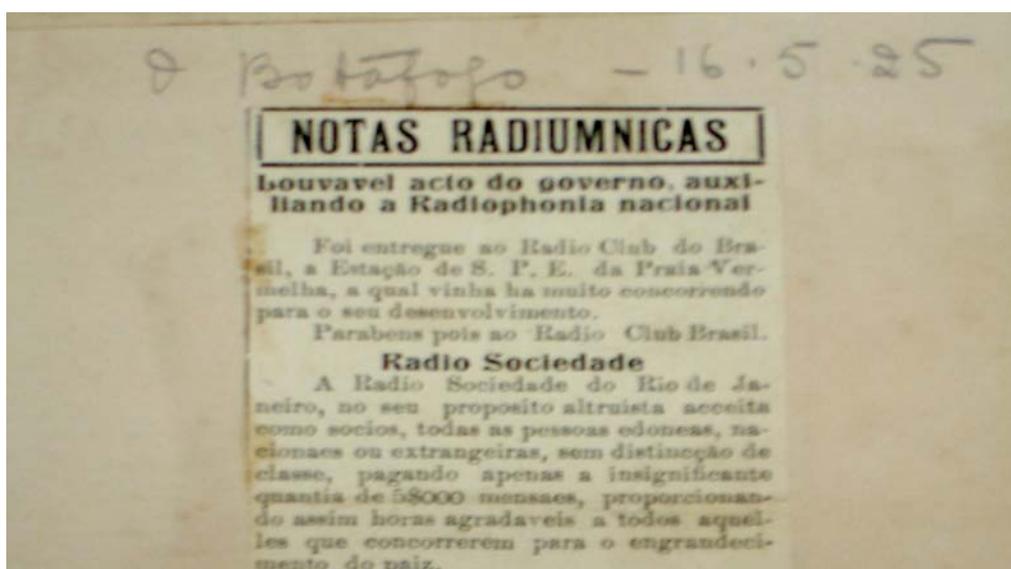
Além da diretoria, a Rádio Sociedade contou com mais de trezentos sócios efetivos, dentre membros da Academia Brasileira de Ciências e outras pessoas que acreditaram no potencial que a emissora tinha e apoiaram sua criação.

Todos os nomes estão enunciados no CD que acompanha a presente obra, no qual Roquette-Pinto cita cada um dos membros signatários da ata de fundação da Rádio Sociedade. São pessoas cujo mérito deve ser reconhecido porque contribuíram para um importante fato histórico nacional.

A Rádio Sociedade contava também com um extenso rol de associados contribuintes, que ajudavam a manter a instituição, mediante contribuições mensais destinadas ao custeio de suas despesas.

A diretoria da Rádio aceitava, como sócios, quaisquer pessoas idôneas, inclusive estrangeiros, que se interessam em ajudar no propósito institucional da rádio. Logo, os filiados constituíam um grupo bastante heterogêneo, de origens diversas, graus de instrução bem díspares e residentes em diversas localidades do país.

Qualquer pessoa podia requisitar sua inscrição, conforme se depreende do anúncio do jornal *O Botafogo*, de 16 de maio de 1925, abaixo transcrito:



Recorte do Jornal *O Botafogo*, de 16.5.1925.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

“A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no seu propósito altruísta, aceita como sócios, todas as pessoas idôneas, nacionais ou estrangeiras, pagando apenas a insignificante quantia de 5\$000 mensais, proporcionando assim horas agradáveis a todos aqueles que concorrem para o engrandecimento do país.”

No acervo da Rádio Sociedade é possível identificar algumas centenas de correspondências destes associados para a direção. Esta correspondência é representada, em quase sua totalidade, por cartas e telegramas, mas também existem alguns cartões-postais e até bilhetes, encaminhados via portador.

O teor dessa correspondência é de uma variedade imensa, indo desde congratulações, manifestações de apoio, elogios às irradiações e pedidos dos mais diversos teores, conforme se pode observar pelos exemplos abaixo selecionados:

Tais exemplos procuram acompanhar, desde propostas e pedidos de filiação até elogios à excelente qualidade das emissões da rádio.

Correspondência 1

---

*Rio de Janeiro, 15 de março de 1925.*

*Ilmos.Srs.*

*Saudações.*

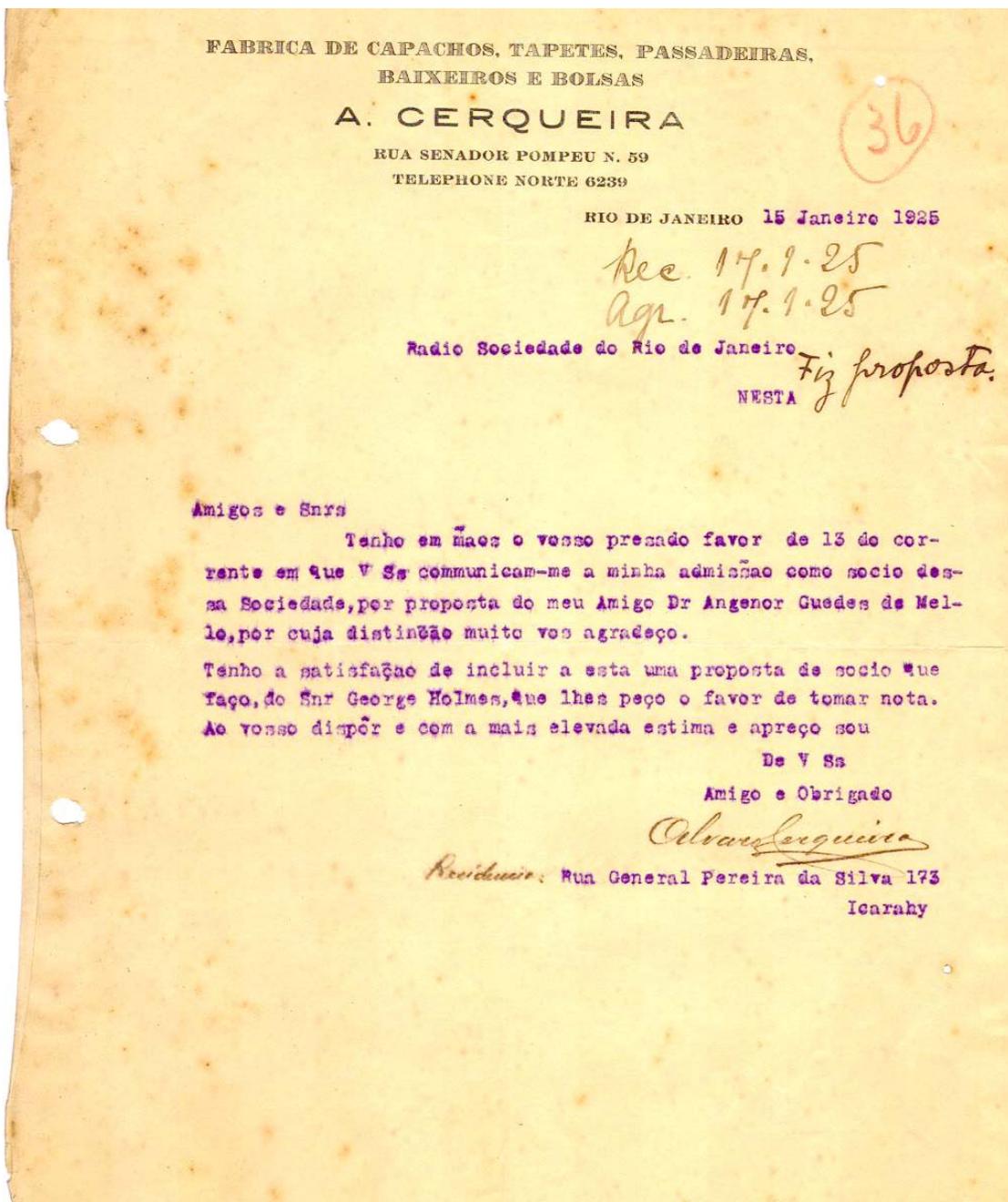
*Desejando fazer parte como associado dessa tão útil instituição, tomo a liberdade de solicitar seja enviada à minha residência (rua D.Anna Nery, 652, na estação do Riachuelo) uma proposta a fim de preenche-la, bem como satisfazer as demais exigências regulamentares. Penso dever adiantar desde já que sou guarda-livros nesta praça, brasileiro, com 59 anos, e possuo, devidamente licenciado um aparelho de galena.*

Sem mais, subscrevo-me.

Criado e Obrigado.

João Rodrigues da Matta.

Correspondência 2



*Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1925*

*Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*

*NESTA*

*Tenho em mãos o vosso prezado favor de 13 do corrente em que V.Ss comunicam-me a minha admissão como sócio desta Sociedade, por proposta de meu amigo Dr. Angenor Guedes de Mello, por cuja distinção muito vos agradeço.*

*Tenho a satisfação de incluir a esta uma proposta de sócio que faço do Sr George Holman, que lhes peço o favor de tomar nota.*

*Ao vosso dispor e com a mais elevada estima e apreço*

*De Vsa.*

*Amigo e obrigado*

*Olavo Serqueira*

*Rua General Pereira da Silva, 173*

*Icarahy*

Correspondência 3

---

Pro, 13 de Outubro de 1925

81<sup>ma</sup> Sm. Rec. 14. 10. 25

Ag: 15. 10. 25

Na qualidade de associado da Radio Sociedade, talvez o mais obscuro, venho pela presente manifestar e meu reconhecimento pelas audições sobretas durante a Temporada Hygien do Municipal.

Podê-se calcular a dorosa expectativa dos radio-amadores-galestas, em saber que o Radio Club não se occupar desta tarefa, em virtude das suas fôrmas irradiadas, mas felizmente a "Radio Sociedade" veio em socorro dos seus administrados.

As transmissões foram perfectas, claras, bem audições, nada deixando a desejar, e na verdade que no momento sentem os seus associados e socios.

Agradecendo, peço felicitar os vossos dignos auxiliares apostados de uma cruzada toda noite.

De Vra.

Amo. att. do

Alfonso Leijn

"Contador"

663

“Rio, 13 de outubro de 1925

Exmo.Sr.

Saudações,

Na qualidade de associado da “Rádio Sociedade”, talvez o mais obscuro, venho pela presente manifestar o meu reconhecimento pelas audições soberbas durante a temporada lírica no Municipal.

Não pode V.Ex.calcular a dolorosa expectativa dos rádio-amadores-galenistas, em saber que o Rádio Club iria se ocupar desta tarefa, em virtude das suas péssimas irradiações, mas felizmente a Rádio Sociedade veio em socorro dos seus admiradores.

As transmissões foram perfeitas, claras, bem audíveis, nada deixando a desejar, a não ser a saudade que no momento sentem os seus associados e sócios.

Agradecendo, peço felicitar os vossos dignos auxiliares, apóstolos de uma cruzada tão nobre.

De V.Ex.

Amos. Attos. e obros.<sup>39</sup>

Affonso Lima

“Contador”

Correspondência 04

---

---

<sup>39</sup> Expressão latina muito usual nas correspondências do acervo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

*Bordo do Vapor “Cabedello”, 19 de abril de 1926.*

*Ilmos. Srs Diretores da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*

*Avenida das Nações*

*Na qualidade de sócio dessa utilíssima Sociedade cumpro o grato dever de levar ao conhecimento de V.Srs que tenho vindo apreciando todos os dias os programas dessa Sociedade, ouvindo ainda hoje a irradiação da “Aída”, cantada no Teatro Lírico dessa cidade, apesar deste navio, de meu comando, se achar navegando ao largo das costas das Guianas, ou seja a uma distância em linha reta, por cima do nosso País, de 1.830 milhas marítimas. Hoje V.Srs terminaram a irradiação dizendo: são 12 horas e trinta e cinco minutos, pelo relógio do observatório etc. etc. etc. Uma noite destas, não me recordo qual, V.Srs chamaram o Sr Menna Barreto, se bem me lembro, do Ceará, agradecendo-lhe o telegrama enviando sobre essas irradiações.*

*Hoje ouvi ainda as estações SQZ SQV, de Buenos Aires, apesar de muito prejudicado pelas fortíssimas descargas desta região. Ouvi ainda SJY, de New York e tenho ouvido várias noites a EAJ7, Union Radio de Madrid, tudo isto em alto falante, num aparelho de 5 válvulas, a ressonâncias. Buenos Aires a 2.450 milhas, New York a 2.490 e Madrid a 3.200, sendo este o máximo que consegui em alto falante. Parecendo-me, pois que, logo que V.Srs, diariamente, dizem que a Rádio Sociedade é regularmente ouvida do Rio Grande ao Pará, ser-lhes-á agradável saber que, essas irradiações ultrapassam de muito as fronteiras do Brasil, concorrendo assim para a grandeza da nossa terra.*

*Saudações afetuosas.*

*M.Teixeira de Souza*

*Comandante do “Cabedello” em viagem para New Orleans*

*Rua Márquez de Valença nº 83*

*Rio de Janeiro.*

*Rio, 13 de outubro de 1927.*

*Prezado Diretor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*

*Afetuosas saudações.*

*Associada da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, apreciadora das mais primorosas peças musicais, dirige-lhe esta missiva, pedindo-lhe sejam executadas, pela orquestra e todos os mais que tomam parte nos programas desta Sociedade, peças do gênero de Chopin, Beethoven etc., (para os clássicos), Verdi, Puccini, Mascagni, Rossini etc. (para as óperas). E Léo Fall, Franz Lehar etc. (para as operetas).*

*Obrigada pela atenção que V.S. lhe dispensará, a missivista é convicta de que as peças que se têm executado não são do agrado geral, razão porque sai da sua obscuridade e lembra a V.S. tal alvitre e faz-lhe semelhante pedido.*

*Uma apreciadora da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.*

### **II.3 – Os Símbolos**

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro possuía seus símbolos identificadores, que são parte muito importante do acervo pesquisado, tendo em vista que representam a imagem que a Rádio queria consolidar e ressaltam seus significados.

Assim, é um especial conteúdo do acervo que se destaca dentro do conjunto de documentos que o integram, materializando e fixando a identidade da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Os símbolos utilizados pela Rádio Sociedade eram a bandeira, o hino e o carimbo com sua insígnia.

A bandeira encontra-se em bom estado de conservação. O tecido está perfeito, apenas não apresentando a vivacidade das cores, em decorrência do próprio envelhecimento causado pelo tempo. Ela pode ser descrita como um quadrado branco, cujo centro é representado por um círculo azul, dentro do qual há um bordado, em dourado, uma representação das ondas do rádio e uma estrela na parte superior. Não há registros de quem foi o autor do desenho da bandeira, nem explicações expressas sobre o seu significado. Porém, é fácil perceber que a intenção foi destacar que as ondas do rádio poderiam partir de um único local e seguir diversas direções, pelo azul do céu.

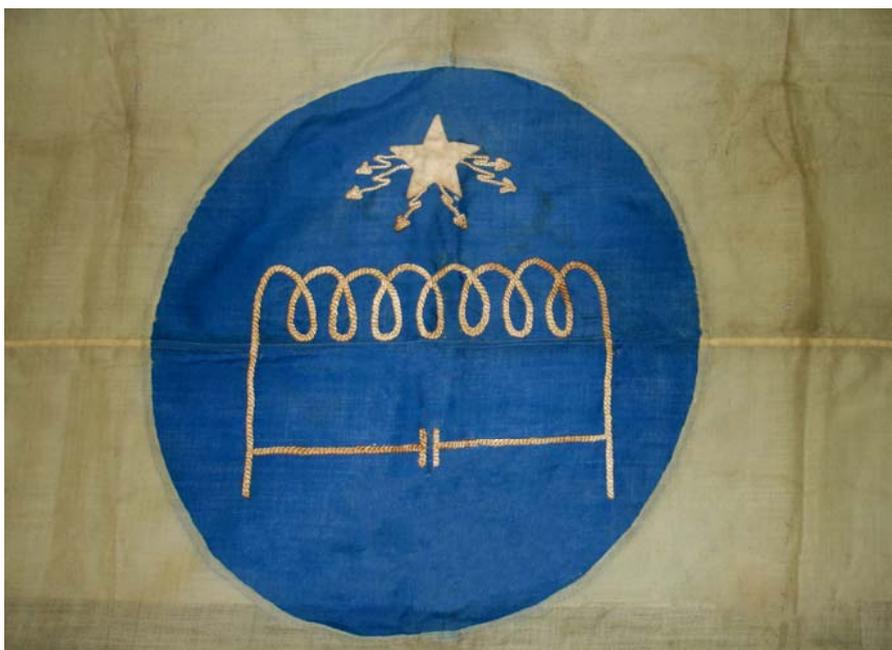
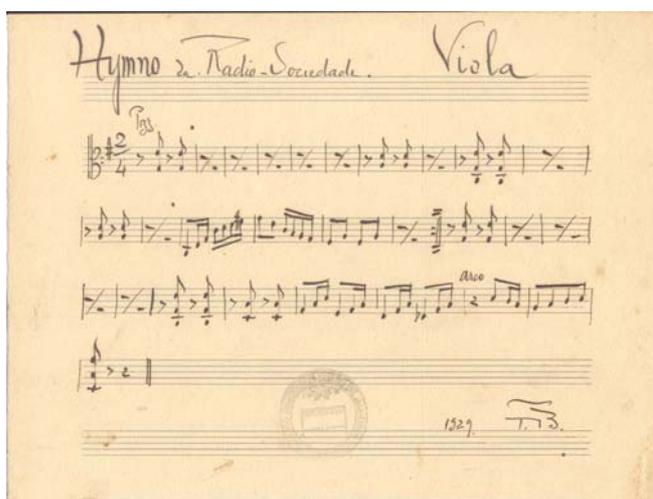


Foto da bandeira da Rádio Sociedade.

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A Rádio Sociedade também possuía um hino, cuja execução pode ser ouvida no CD que acompanha este trabalho. Também não há registro de sua autoria, mas a letra da composição traz o lema da emissora, traduzido no seguinte refrão: “Pela cultura dos que aqui vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil.”

O acervo da Rádio também contém partituras deste hino para diversos tipos de instrumentos musicais. Adiante, uma ilustração de partitura para viola e para piano.



Partitura para Viola  
Hino da Rádio Sociedade  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro



Partitura para Piano  
Hino da Rádio Sociedade  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Outro símbolo muito utilizado pela Rádio Sociedade era uma insígnia, aposta em toda a sua correspondência expedida, papéis timbrados, envelopes, partituras etc. Tal logomarca pode ser descrita como um círculo em cuja borda interna se encontram os seguintes dizeres: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No centro deste círculo, repete-se o desenho da bandeira.



Insígnia utilizada em todas as correspondências emitidas pela Rádio Sociedade  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

#### **II.4 – A Programação**

Coerentes com o projeto de educação que os impulsionou, Roquette e os membros da Academia Brasileira de Ciências mantinham uma programação voltada para a cultura no sentido mais restrito: ciência, literatura e arte, filosofia, moral etc.

Logo pela manhã, o próprio Roquette comentava as notícias dos jornais. Um dos sócios tocava seus discos de música clássica, comentando sobre os compositores,

músicos e autores. Outro lia poesias; um terceiro preparava palestras sobre saúde; um quarto, sobre história, língua portuguesa, ciências etc. E havia os que se apresentavam nos programas, recitando poesia, cantando ou tocando piano – entre os quais o próprio Roquette. Ninguém recebia salário, mas fazia o que gostava.

Roquette, portanto, dava o exemplo: acordava todos os dias às cinco horas da manhã, lia os matutinos, circulava com seu lápis de duas cores tudo o que lhe parecesse interessante e, duas horas depois, estava diante do microfone apresentando o programa *Jornal da Manhã*. Lia as notícias, com destaque para o noticiário internacional, e comentava-as para os ouvintes.

“Os ilustres membros da Academia de Ciências distribuíaam entre si, a incumbência da programação. Eles escolhiam os discos a transmitir. Chamavam os artistas. Redigiam os jornais falados. (...) A princípio, a Rádio Sociedade foi dando entrada muito parcimoniosamente, às artes populares. Seus programas eram muito severos e rigorosamente “policiados” pela plêiade de intelectuais que a governavam com Roquette-Pinto à frente. Ali nasceram artistas como Oscar Borgeth,<sup>40</sup> Nelson Cintra, Mário de Azevedo e Arnaldo Estrela, entre *tantos outros*. *O próprio Roquette, bom pianista, apresentava-se, às vezes em duo com Alexandre Taunay.*(...) *A Rádio atingiria seu esplendor com a colaboração de cantores do porte de Heloisa Bloem Mastrangioli, Ivone Gall, Tito Schipa e Bidu Saião, tendo saído esta cantora dos estúdios da Rádio Sociedade para o palco do Municipal e para a glória do mundo.*<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Nesta citação o autor descreve a participação de pianistas, cantores e intelectuais na programação da RS.

<sup>41</sup> MATEUS, Roberto Ruiz de Rosa. *Edgard Roquette-Pinto: aspectos marcantes de sua vida e obra*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1984, pp.51-52.

Como se vê, muitos intelectuais famosos, inclusive membros da Academia Brasileira de Letras, artistas e cantores de renome realizavam programas para a estação.

Na programação educativa, palestras para senhoras, “histórias morais” para crianças, conselhos médicos e de higiene, além de informações úteis relativas à agricultura. Professores do Museu Nacional e outras instituições e membros da Academia Brasileira de Ciências, em grande maioria sócios da Rádio Sociedade, exploravam esse novo meio de comunicação para irradiar cursos e palestras científicas, sobre temas de física, química, história natural, botânica etc.

Os programas infantis eram produzidos por João Kopke, Heloísa Alberto Torres, Beatriz Roquette Pinto, Maria Luiza Alves, Estela Vilmar, Sara Magalhães, Maria Reis e Hermes Fontes. Todos eram educadores e atuaram ativamente na Rádio Sociedade.

Roquette gostava também de ver os programas educativos em forma de radioteatro e vibrava com os programas sobre literatura, poesia, teatro, cinema, folclore e jazz. Era o sonho feito realidade: o rádio como professor.

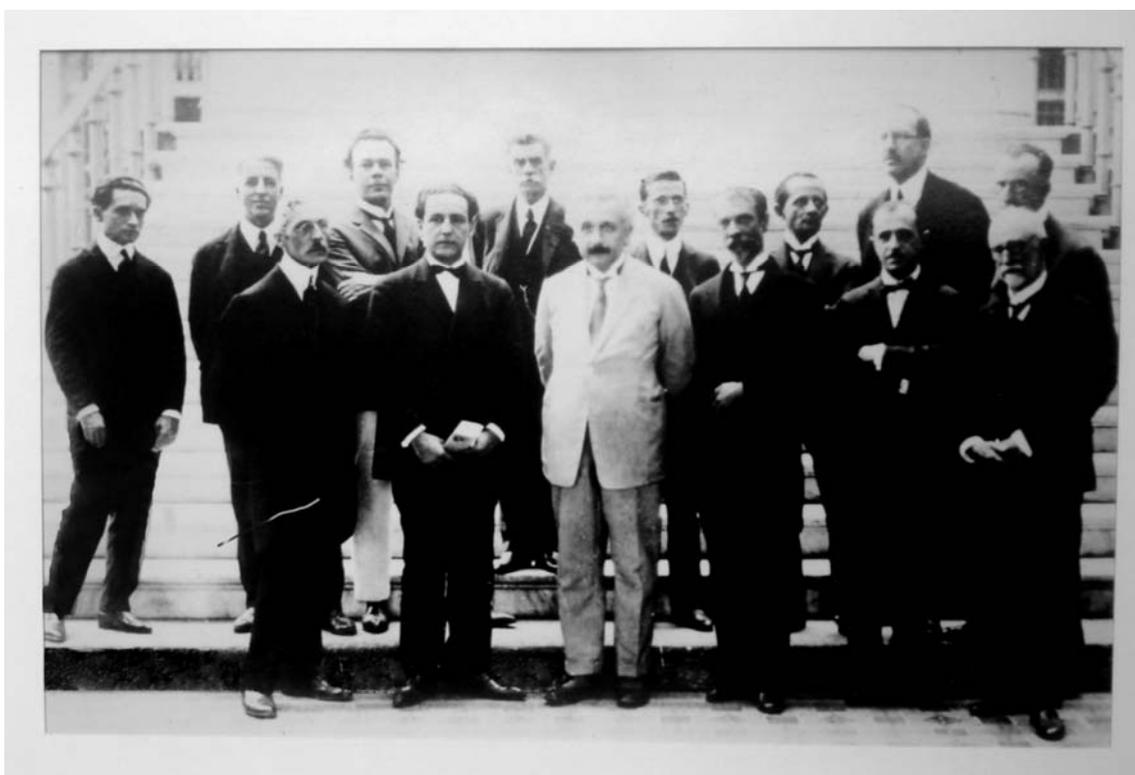
A Rádio Sociedade foi a primeira estação da América do Sul a irradiar uma ópera completa, *Rigolletto*, o que ocorreu no dia 4 de julho de 1926 e, posteriormente, óperas ao vivo. Também foi a primeira rádio a apresentar um quadro com teatrinho infantil e um programa de jazz com regularidade.

#### **II.4.1 - Visitantes Ilustres**

A Rádio Sociedade, após o início de suas transmissões e sua instalação definitiva no Pavilhão Tcheco-Slovaco, passou a ser uma referência de visita para todos aqueles que vinham ao Rio de Janeiro, naquela época, a capital da república.

Assim, a Rádio Sociedade recebia toda espécie de visitantes que podem ser qualificados como personalidades nacionais e estrangeiras da área cultural, científica, política, bem como grupos organizados por escoteiros, escolas e até simples curiosos. Todos, contudo, muito interessados em conhecer e visitar as instalações da Rádio Sociedade, pela qualidade de suas irradiações e programação.

Uma das celebridades que mais causou frisson foi o cientista Albert Einstein,<sup>42</sup> que esteve na Rádio Sociedade em 1925, conforme noticiado em todos os jornais da época e registrado abaixo com algumas fotos e recortes de jornais.



Albert Einstein (ao centro, usando terno claro), Roquette-Pinto à esquerda e outros convidados que não foram identificados, no Museu Nacional, 1925.

Acervo Academia Brasileira de Ciências.

---

<sup>42</sup> Albert Einstein foi um físico alemão radicado nos Estados Unidos, conhecido por desenvolver a teoria da relatividade. Ganhou o Prêmio Nobel de Física, em 1921, pela correta explicação do efeito fotoelétrico; no entanto, o prêmio só foi anunciado em 1922. O seu trabalho teórico possibilitou o desenvolvimento da energia atômica.

Esta visita foi muito divulgada na mídia da época, sendo manchete nos jornais *A Pátria* e *O Botafogo*, o que, evidentemente, só aumentava o prestígio da emissora que irradiou, para todo o Brasil, a voz de Einstein.



A legenda da foto diz o seguinte:

“Albert Einstein no quadro negro da Academia brasileira de Ciências.”

Recorte do jornal *A Pátria*, em 8/5/1925.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

*Manchete:*

*Sua visita às instalações da Rádio Sociedade e apreciação pessoal sobre o valor da radiotelephonia como fator de educação, proferida, de viva voz, ao microfone.*

O jornal *O Botafogo*, em 16/5/1923, noticiou o seguinte:

### Einstein na Rádio Sociedade

*“No dia 7 de maio do corrente, realizou-se a recepção prometida pela Academia Brasileira de Ciências ao grande sábio Professor Albert Einstein.*

*A recepção foi feita no Pavilhão Tcheco-Slovaco, onde a Rádio Sociedade tem o seu Estúdio.*

*Com toda a solenidade foi recebido o grande e ilustre sábio, por inúmeros membros da Academia e notáveis vultos, do nosso mundo científico e social. A Rádio Sociedade transmitiu a todo o país, a palavra desse sábio imortalizando dessa forma a rádio-cultura Nacional.”*



Recorte do jornal *O Botafogo*, 16.5.1925.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Durante a visita, Einstein manifestou publicamente sua impressão sobre a rádio:

*“Após minha visita a esta Rádio Sociedade, não posso deixar de, mais uma vez, admirar os esplêndidos resultados a que chegou a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização. É verdade que o livro também poderia fazer e o tem feito; mas não com a simplicidade e segurança de uma exposição cuidada e ouvida de viva voz. O livro tem que ser escolhido pelo leitor, o que por vezes traz dificuldades. Na cultura levada pela radiotelefonía, desde que sejam pessoas autorizadas as que se encarreguem das divulgações, quem ouve recebe, além de uma escolha judiciousa, opiniões pessoais, comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão: esta é a grande obra da Rádio Sociedade.”*<sup>43</sup>

Mas Einstein não foi o único intelectual célebre a conceder palestra na Rádio Sociedade. Outros ilustres cientistas que visitaram as instalações da Rádio Sociedade foram Marie Curie <sup>44</sup> e seu marido Pierre Curie, expoentes naquela época e que também marcaram presença na Rádio Sociedade.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> *Revista Carioca*, 13/5/1948, p.37, In MILANEZ, Liana (org.). *RÁDIO MEC – Herança de um sonho*. 1ª ed. Rio de Janeiro: ACERP, 2007, pp.20-21.

<sup>44</sup> Marie Curie foi uma cientista francesa de origem polaca, laureada com o Prêmio Nobel de Física, de 1903, (dividido com seu esposo Pierre Curie e Becquerel) pelas suas descobertas no campo da radioatividade (que naquela altura era ainda um fenômeno pouco conhecido) e com o Prêmio Nobel de Química, de 1911, pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio. Foi a primeira mulher a receber tal prêmio e a única pessoa a receber dois prêmios Nobel em áreas científicas.

<sup>45</sup> A visita foi feita no ano de 1926.



Pierre e Marie Curie, em visita à Rádio Sociedade.  
Acervo Academia Brasileira de Ciências.

Muitas outras visitas estão relatadas no Livro de Registro de Associados, que conforme já salientado, é uma fonte de peculiar importância, porque evidencia a dinâmica da Rádio Sociedade.

Destaco, abaixo, alguns visitantes, registrados por Roquette-Pinto nas páginas do Livro de Associados da Rádio Sociedade.

O livro de registro da Rádio Sociedade demonstra, nesta página, três visitantes importantes: o ministro da Colômbia, o ministro do Peru e o então presidente do estado de Minas Gerais, dr. Melo Vianna, respectivamente nos dias 20 e 27 de julho de 1925.

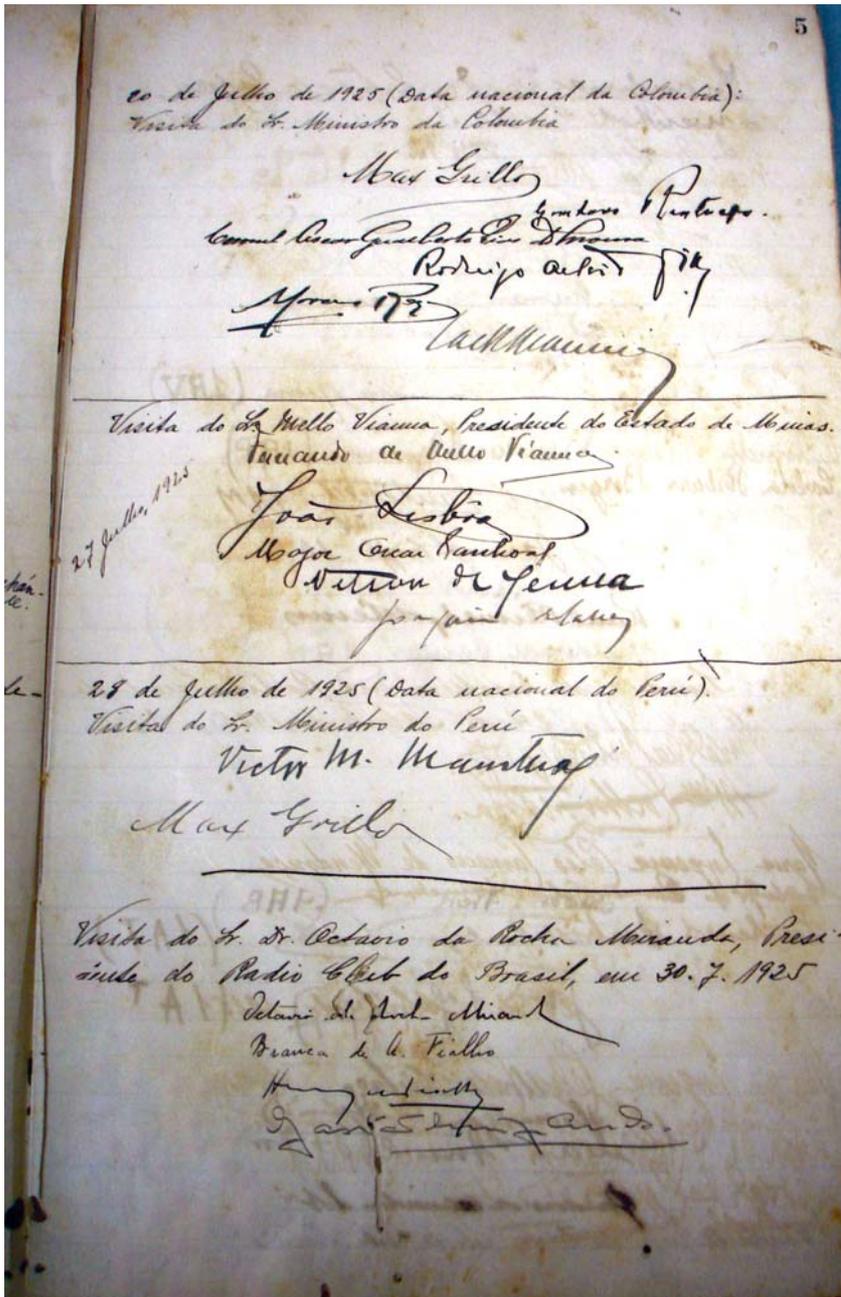


Foto do livro de Registro da RS.

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Visita do Ministro da Noruega, em 3 de agosto de 1925.

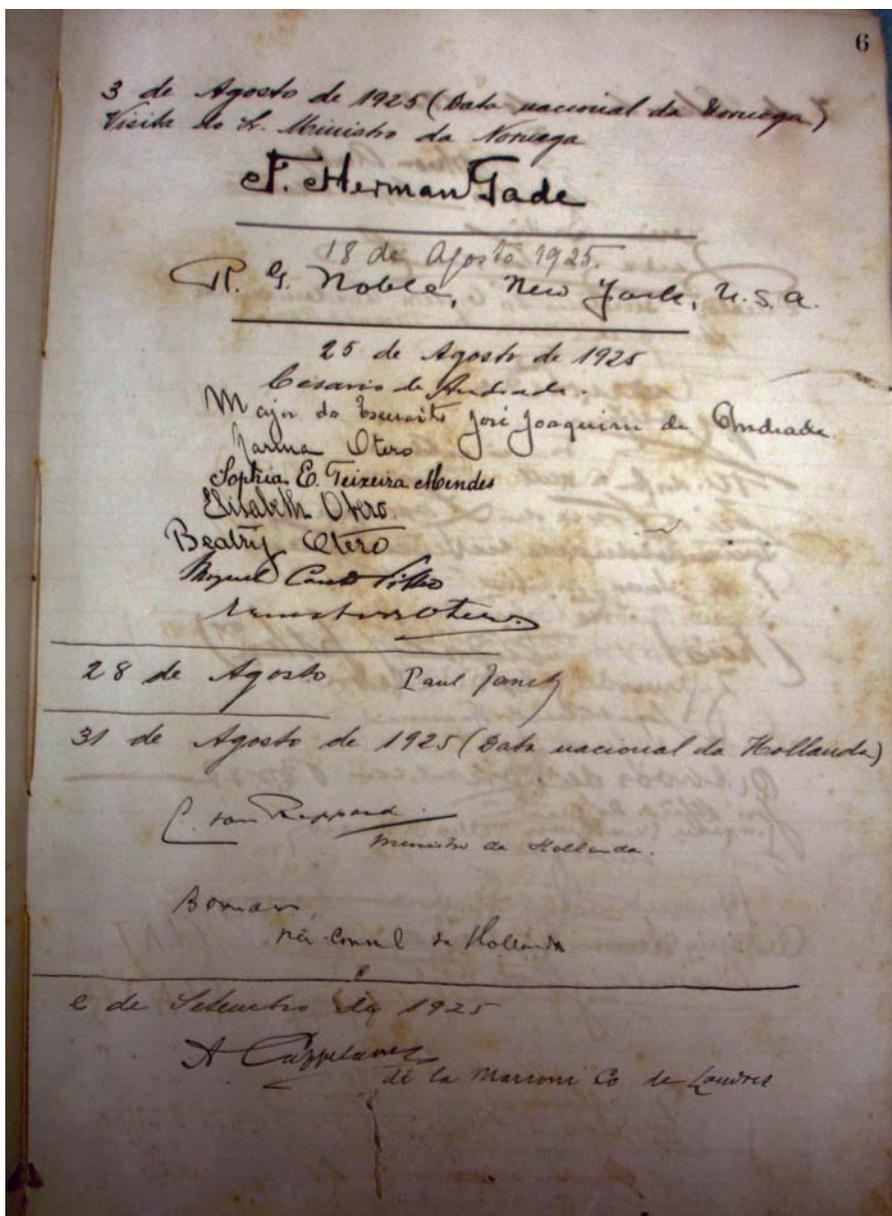


Foto do Livro de Registro da RS.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Visita de representantes de outras rádios do Brasil.

a) Rádio Club de Alagoas, em 17 de novembro de 1926.

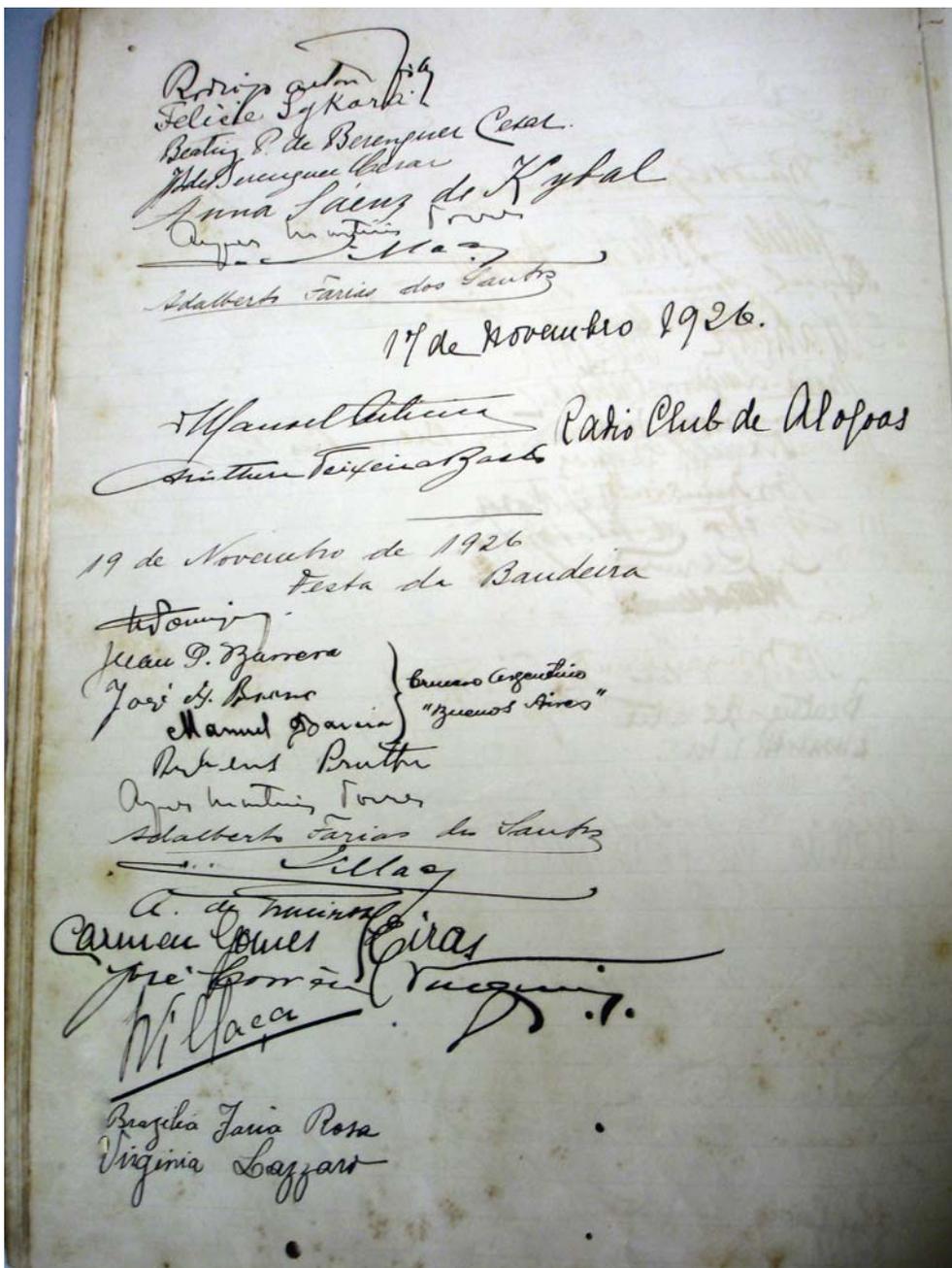


Foto do Livro de Registro da RS.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

b) Rádio Sociedade Gaúcha, em janeiro de 1932.

27 de janeiro 8 1932

20  
Abr  
1932

Marques Junior  
Rupercindano  
Eugenia Alvaro Moreira  
Jayme de Azevedo  
Alvaro Moreira  
Adelino de Aguiar  
Luiz Antonio Monteiro  
Marta Tilio  
Mario de Azevedo  
Alfonso Tapes

Visita do Director da Radio Sociedade Gaúcha

Gustavo W. F.

20-2-1932 directa de Radio Sociedade Gaúcha - 20-2-32

Foto do Livro de Registro da RS.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.



Visita das bandeirantes, 20 de agosto de 1931.

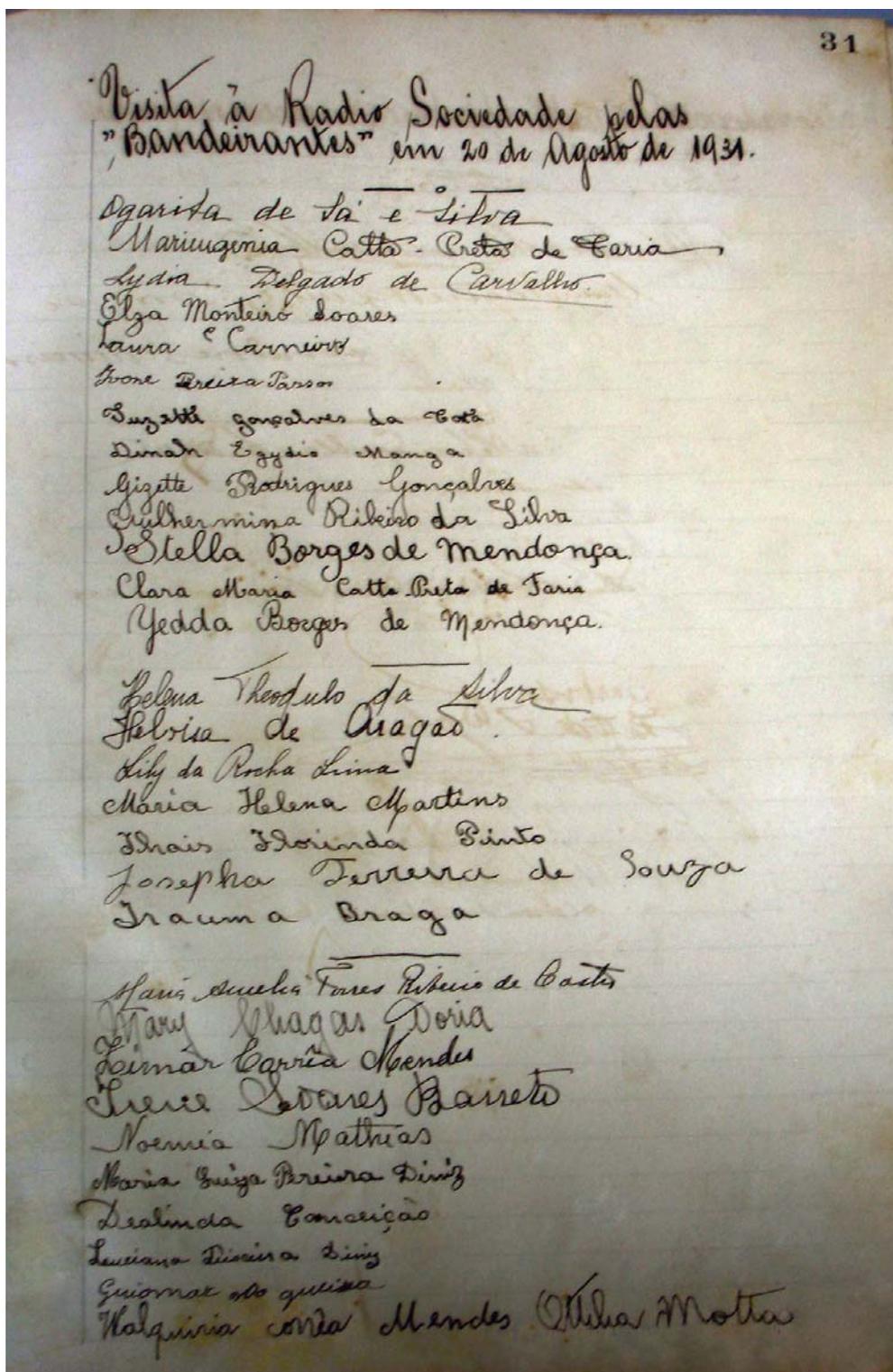


Foto do Livro de Registro da RS.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Visita dos escoteiros à sede da Rádio Sociedade

Acervo Rádio Sociedade, data desconhecida.



Foto dos escoteiros na Rádio Sociedade.  
Acervo SOARMEC.

#### **II.4.2 - Anunciantes**

Os anúncios publicitários na seara radiofônica sempre foram tratados com muitas restrições pelos governantes. A grande preocupação dos políticos era que o rádio poderia vir a irradiar idéias e propagandas em oposição às suas estratégias políticas.

“Para evitar qualquer risco, o governo limitou, desde o Decreto nº.16.657 (5.11.1924), as sociedades civis a transmitirem uma programação com fins educativos, científicos e artísticos de benefício público, ficando expressamente proibida a propagação de notícias internas de caráter político sem a prévia permissão do governo. (...)”

Desde o início de seu governo, o presidente Getúlio Vargas demonstrou preocupações no sentido de estabelecer regulamentação

específica para os diversos setores da produção cultural. Os decretos n.20.047 e 21.111 (27.5.1931 e 1.3.1932, respectivamente) regulamentavam, de forma detalhada, o funcionamento técnico e profissional do setor radiofônico. A principal contribuição da legislação para o desenvolvimento do setor foi a liberação de transmissão de propaganda comercial. Para evitar os excessos, o governo exigia que o tempo dedicado aos textos comerciais não ultrapassasse o limite de 10% do total de programação. Esse era o incentivo comercial necessário para a criação de novas emissoras de rádio.”<sup>46</sup>

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em suas irradiações, também fazia anúncios comerciais, os quais ajudavam a manter a estrutura da associação.

Em todo caso, esta prática não era benquista por Roquette-Pinto, que desejava manter o cunho estritamente cultural e educativo da rádio. Assim, o grupo de anunciantes da Rádio Sociedade era bem restrito e, dentre eles, foram selecionados alguns para ilustrar os tipos de comerciais que eram veiculados na época, bem como as tratativas que os precediam.

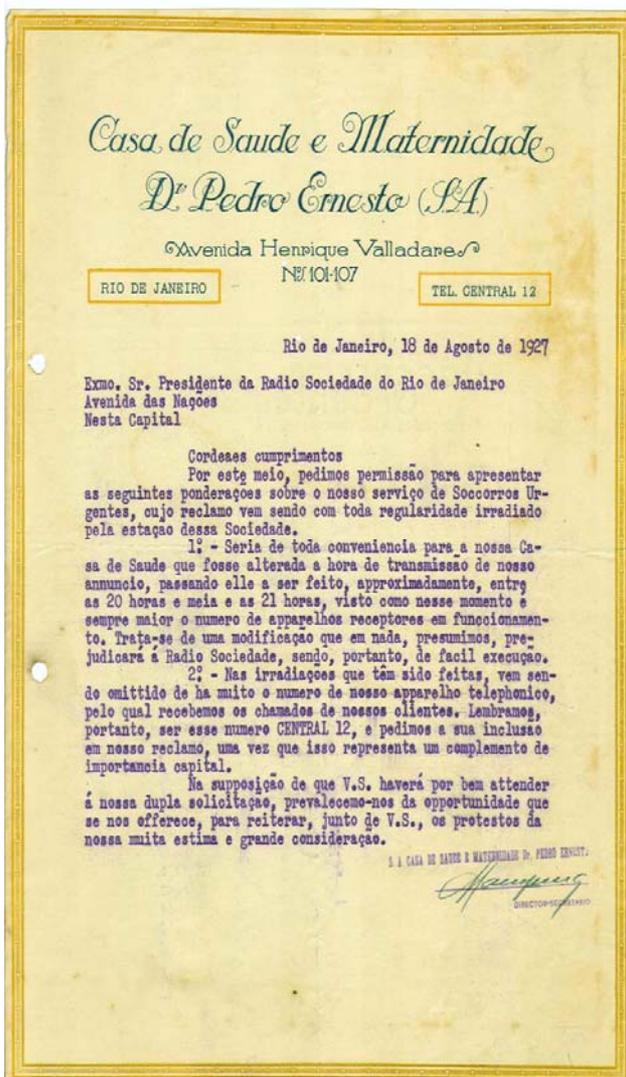
Os anúncios predominantes eram de produtos elétricos e eletrônicos (principalmente da marca Philips e Telefunken), de prestação de serviços (Dr.Scholl) e bens de consumo popular (Toddy), dentre outros.

Como, na época, não havia gravação dos programas, só é possível ter uma noção do conteúdo dos anúncios que eram veiculados nas revistas editadas pela Rádio Sociedade, que serão objeto de análise posterior e nas correspondências encaminhadas para a emissora e que integram o seu acervo.

---

<sup>46</sup> CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, pp.17-19.

A seguir, uma amostra de cartas emitidas pelos anunciantes, informando o texto dos reclames, horário e quantidade de anúncios a serem efetuados, demonstrando a forma como eram realizadas e formalizadas as negociações com a Rádio Sociedade.



Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

END. TEL. NUGRIP

**Companhia Dr. Scholl S.A.**

DISTRIBUIDORA DE  
APPARELHOS E REMEDIOS PARA CONFORTO DOS PÉS  
MÉTODOS E PATENTES DO DR. WM. M. SCHOLL

CASA CENTRAL  
211-213 W. SCHILLER ST.  
CHICAGO, ILL. U. S. A.

RUA OUVIDOR, 162  
TEL. 2-9252  
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1932

Radio Sociedade do  
Rio de Janeiro,  
Nesta.

Amigos e Senhores:

Referindo-nos á conversação  
entre o seu representante e o nosso Director-Gerente, Sr. Fermin M. Rodriguez, vimos passar as suas mãos, devidamente assignada, a autorisação para 13 irradiações que serao feitas de 8 as 8,30, nos dias 12,14,16,19,21,23,26,28 e 30 de corrente e nos dias 3,5,7 e 10 de Outubro vindouro.

Os dizeres para essas irradiações devem ser, alem dos que empregarem para fazer a nossa apresentação, os seguintes:

"Pés doloridos ou magoados ou ardentes ou cansados. Tornozellos fracos ou inchados, aliviam-se rapidamente com os productos do Dr. Scholl. Visitem a Loja do Dr. Scholl para os Pés, Rua do Ouvidor n. 162, Rio de Janeiro."

Sem outro motivo, somos com toda estima,

De VV. SS.  
Amos. Attos. Obros.  
CIA. DR. SCHOLL S. A.

*J. Scholl*

GS.



NUEVA YORK  
CHICAGO  
TORONTO  
LONDRES  
MELBOURNE  
HABANA  
CAPE TOWN  
ESTOCOLMO  
PARIS  
BUENOS AIRES  
BRUXELAS  
AMSTERDAM  
VIENNA  
MILAN  
MADRID  
LISBOA  
RIO DE JANEIRO  
SANTIAGO  
MONTEVIDEO  
LIMA




FOOT-EAZER



TOE FLEX



TRI-SPRING



SOLVO PARA LOS PIES



REDUCIDOR DE JUANETES



TALONERA



MARCA REGISTRADA  
**Dr. Scholl**  
Requisitos  
Para El  
Confort Del Pie  
INDICADOS PARA TODAS LAS DOLENCIAS DE LOS PIES

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

O texto está a seguir descrito:

Companhia Dr.Scholl S.A.

*Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1932.*

*Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.*

*Nesta.*

*Amigos e senhores:*

*Referindo-nos à conversação entre o seu representante e o nosso Diretor-Gerente, Sr. Fermin M. Rodriguez, vimos passar as suas mãos, devidamente assinada, a autorização para 13 irradiações que serão feitas de 8 às 8.30, nos dias 12, 14, 16, 19, 21, 23, 26, 28 e 30 do corrente e nos dias 3, 5, 7 e 10 de outubro vindouro.*

*Os dizeres para essas irradiações devem ser, além dos que empregarem para fazer a nossa apresentação, os seguintes:*

*“Pés doloridos ou magoados ou ardentes ou cansados.(sic) Tornozellos fracos ou inchados, alliviam-se rapidamente com os produtos do Dr.Scholl. Visitem a Loja do Dr.Scholl para os Pés, Rua do ouvidor, n.162, Rio de Janeiro.”*

*Acervo Rádio Sociedade*

*Sem outro motivo somos com toda estima*

*De VV.SS.*

*Amos.Atos.Obros.*

*Cia Dr.Scholl S.A.*

# PHILIPS

## S. A. PHILIPS DO BRASIL

SECÇÃO RADIO

TELEGRS. "ARGENTA"  
CODIGOS: MASCOTTE  
RIBEIRO  
BENTLEY'S  
PARTICULAR  
ETC.

CAIXA POSTAL 954

RIO DE JANEIRO, 13 de Junho de 1929  
Rua Saccadura Cabral, 43



RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

Rua da Carioca Nº 45 - 2ª.

N E S T A:

Amigos e Snrs.-

Em resposta a sua prezada missiva de 12 do corrente, nos comunicando a data da realização do concerto-reclame, fazendo a transmissão integral da opera "CARMEN", temos a dizer-lhes que concordamos e agradecemos a informação.

Sem mais, somos com estima e consideração,

De VV. SS.  
Amor, Atos. e Obdos.  
S/A PHILIPS DO BRASIL.

LM/NLE

COPIADO

Casa Matriz  
250 Park Ave.  
New-York, N. Y. E. U. A

# Toddy do Brasil S. A.

Endereço Telegraphico  
SANTIMEN  
Cod.-Bentley-5ª edição

Especialistas em Productos Alimentícios

Alimento  
sadio



Para crianças  
e adultos

Uma refeição em cada copo

RIO DE JANEIRO, 31 Outubro 1934  
RUA DOS INVALIDOS, 543

*Rec. 1. 11. 34  
Fornecido*

Radio Sociedade do Rio de Janeiro,  
Cidade.

Presados Srs.:

Juntamos os textos que devem ser irradiados  
ate 15 de Novembro p.futuro.

Somos,

Atenciosamente,  
TODDY DO BRASIL S.A.  
*Ruyaldo*  
Departamento de Propaganda

FABRICAS: RIO DE JANEIRO. BUENOS AIRES. MONTEVIDEO. ROCHESTER, N. Y. TORONTO, CANADA. MEXICO, D. F. HABANA. CUBA

Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

1a. Serie - VERÃO - Geral

Serie 22

(C - 20 palavras)

*Polvo* 71-C - Acabe com a sede, alimentando-se com TOB DY. TOB DY frio é o melhor, o mais nutritivo e o mais eficiente dos meios para diminuir os efeitos do calor. Nos dias de verão tome TOB DY. Sentir-se-á melhor disposto. *22*

*Polvo* 72-C - O calor tira o apetite e faz fermentar os alimentos, ocasionando graves transtornos digestivos. TOB DY estimula o apetite e evita a fermentação intestinal. Nos dias de verão tome TOB DY frio. Sentir-se-á melhor disposto. *23*

73-C - Nos dias quentes não prejudique o seu estomago bebendo muita agua ou tomando refrescos artificiaes, cheios de acidos e impurezas. Acabe com a sede, alimentando-se com TOB DY. Sentir-se-á melhor disposto. *20*

74-C - Si tiver sede, tome um copo de TOB DY frio. Beberá mais leite, com um sabor delicioso e alto poder nutritivo. Ficará realmente bem alimentado. TOB DY frio é o alimento ideal para o verão. *22*

75-C - "Coma pouco, mas fique bem nutrido", dizem os medicos, no verão. O que quer dizer: Tome TOB DY, porque TOB DY é um alimento leve, nutritivo e delicioso. Toddý alimenta integralmente todo o organismo. *26*

## II.5 – Depoimentos e Entrevistas <sup>47</sup>

---

### II.5.1 Sérgio Vasconcelos <sup>48</sup>

*A respeito da Rádio Roquette-Pinto, qual a sua participação?*

Inaugurar a Rádio Roquette-Pinto, ajudando o dr. Roquette, mediante aos 200 mil réis que ele me dava por mês. Era muito pouco, eu nem queria, mas ele fazia questão de me dar o dinheiro.

*Como começou?*

Começou com uma frequência quase fora do ideal 1300, 1280, se não me engano - lá onde estava a Guanabara, que era a mais afastada das estações do Rio.

*Mas ela estava ligada à idéia de rádio escola.*

Depois é que ele conseguiu fazer a rádio escola, porque o que ele queria era pôr no ar a rádio, para o governo do estado se conscientizar de que tinha uma emissora. Mas, no princípio, não tinha como, porque a verba não vinha e o processo não terminava. Mas ele resolveu tocar pra frente, porque dizia: "É preciso fazer. Depois é que aperfeiçoa."

*A respeito do Instituto Nacional de Cinema Educativo?*

Bom, eu estava naquele sossego no meu trabalho diário da Paulo Christopher, quando me telefona dr. Roquette, eu estava uns quatro anos na (Paulo Christopher), estava bem, estava ganhando bem, era gerente da loja, a loja tava próspera. Ele me telefona: "*Meu filho, você quer ser meu secretário no Instituto de Cinema Educativo?*" Eu não sabia o que era instituto de cinema, eu estava um pouco afastado. "Dr. Roquette, o que é isso? É uma função pública?" "*É, você vai ser superintendente, pra cuidar da repartição, que*

---

<sup>47</sup> As entrevistas integram o acervo da SOARMEC e foram realizadas pelo radialista Renato Rocha, em 1990, para o programa especial sobre Roquette-Pinto transmitido pela Rádio MEC, no dia 3 de maio daquele ano.

<sup>48</sup> Veterano radialista, que trabalhou na Rádio Sociedade, foi também diretor das rádios Tupi, Guanabara e Nacional.

*eu não entendo nada de repartição...*” Ele tinha sido diretor do Museu Nacional, anos e anos, mas devia ter lá um outro "Sérgio", que cuidava das coisas. Então: "Dr. Roquette eu não conheço nada de serviço público." *"Não, meu filho, eu conheço você e preciso de alguém de confiança que dirija a repartição."* “Bom, dr. Roquette, se o senhor me distingue com isso, eu não me nego, depende de quanto o sr. vai me pagar.” *"Chefe de seção é o seu salário."* "O sr. faz uma idéia?" *"Não. Faz o seguinte: vai ao Drummond,*<sup>49</sup> *no Ministério da Educação, que é seu amigo..."* O Drummond, que era o chefe do gabinete do Capanema,<sup>50</sup> não era meu amigo: era meu ouvinte, e comentava que eu fazia coisas ótimas na rádio. *"Vai ao Drummond que você vai ter uma idéia de quanto é."* “Olha, dr. Roquette, vou pensar, mas a questão é que eu ganho muito bem aqui.” Naquele tempo o meu salário era \$ 5.000 e o cinema educativo pagava 2800. *"Eu não posso te pagar isso meu filho, mas eu preciso de você."* Olha que enrascada: o que fazer com essa proposta? E era tão bom trabalhar com o dr. Roquette! E a Rádio Jornal do Brasil, estava sendo inaugurada, e eu estava com aquela discoteca primorosa, ali da Paulo Christopher, entregando discos para formar a discoteca da Rádio Jornal do Brasil. Mas eles se embrulhavam com os discos, não sabiam guardar direito e eu era técnico no assunto, prateleiras numeradas. Então o dr. Peridouré, diretor da Rádio Jornal do Brasil, o Aníbal Freire também mandaram me chamar, e eles me propuseram fazer a programação com discoteca, arrumar a discoteca e ser o diretor artístico da Rádio Jornal do Brasil. *"Quanto é que vocês vão me pagar?"* " Sr. Vasconcelos, \$4.000, tá bem?" *"Bom, por 4.500 eu aceito"*. Então, \$4.500 com \$2.800, mudou tudo e foi o que aconteceu: eu fui para o Instituto Nacional de Cinema Educativo, montei a sede, comprei os móveis. Fiz tudo com o maior carinho, como se fosse a minha casa: tinha carpete, corredores forrados, até minha mulher entrou nessa história... Enfim, fiz ali uma casa, um lar, para o dr. Roquette: uma biblioteca muito bem arrumada. Fiz aquele conforto para ele. Ele chegava com prazer, cheirava, não tinha cheiro de nada, nem um cigarro no chão, nem pó nos móveis, porque eu levava aquilo como se fosse a minha casa. Foi um sucesso e as repartições caminhavam que eram uma beleza.

---

<sup>49</sup> Carlos Drummond de Andrade era chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde Pública.

<sup>50</sup> Gustavo Capanema foi um importante político brasileiro, era amigo de Roquette e chefiou o Ministério da Educação e Saúde Pública no governo Getúlio Vargas.

*Como eram as instalações da Rádio Sociedade?*

Era muito interessante, porque, na frente, era um sobrado comprido, até no morro,<sup>51</sup> encostava lá no morro. Na frente estava o gerente, era o seu Mesquita, velho ranzinza; lá dentro, estava o René Cavé, que depois passou para Rádio Ministério da Educação. Ele era o auxiliar geral do Mesquita: era um rapazinho muito simpático. Lá ele começou a esboçar a idéia do Instituto do Cinema Educativo. Chamou Humberto Mauro e começou a pagar do bolso dele o Humberto Mauro – enquanto a gente não se transferia para a praça da República, para fundar o Instituto Nacional do Cinema Educativo. O Mauro e o seu auxiliar, que era um operário fantástico, de uma habilidade enorme, o Iraci.<sup>52</sup> Então, ele importou um projetor de cinema, e, lá, fez as suas primeiras experiências. Nessa ocasião, fez uma experiência de gravações, disco de metal, riscado, enfim, começou a gravar voz. Foi curiosíssimo – às vezes dr. Roquette perdia um dia inteiro naquilo. Chegou a gravar muita coisa naqueles discos de metal.

*Só não estou entendendo uma coisa, isso na Rádio Sociedade?*

Tudo lá, no sobrado da rua da Carioca. No fundo do estúdio da Rádio Sociedade, ele pôs lá o cinema dele, e fazia experiência.

*Como era o estúdio?*

Um estúdio no fim, encostado no morro, estavam lá os toaletes e o estúdio. Nesse estúdio ele fazia as projeções dele, experimentais, já com a idéia do cinema educativo. Ele já tinha apresentado ao Capanema, em 1937, que o convidou para dirigir o Instituto de Cinema Educativo.

*E o programa Ópera Completa, como surgiu a idéia?*

Não era *Ópera Completa*, era *Música Geral*, música clássica em geral. Cada programa era um concerto, e quando veio a *Ópera Completa*, gravada, o programa se estendia por três horas. Uma ópera completa no ar. Até hoje a MEC faz.

---

<sup>51</sup> Referência ao morro do Castelo, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>52</sup> A pesquisa não revelou maiores dados sobre o sr. Iraci.

*É o programa mais antigo do rádio brasileiro.*

Eu acho extraordinário. Então, a *Ópera Completa* me dava um trabalho enorme. Precisava de um auxiliar, precisava de dois pratos, porque quando terminava um disco 78, entrava o outro – eram vinte discos, era uma coisa tremenda. Não era *Ópera Completa*, o nome, era um programa de música erudita.

*Mas a primeira ópera completa foi o senhor?*

Foi o *Rigoletto*. O primeiro *Rigoletto* que foi gravado pelo Metropolitan, em Nova York.

*Mas a primeira transmissão de uma ópera completa foi sua ?*

Foi o *Rigoletto*. O primeiro *Rigoletto*, que foi gravado pelo Metropolitan, em Nova York. Quando eu passei a *Ópera Completa* no ar, foi telegrama, foi carta, foi uma coisa, o programa foi um sucesso tremendo. Tinha um bom técnico, o famoso Matheus. Esse era um funcionário factótum. Tudo era com o Matheus. Tem uns episódios dele, de admirar.

*Conte, por favor.*

O dr. Roquette tinha uma casa em Petrópolis e convidava todo mundo, os amigos dele, eu inclusive, para ir almoçar com ele, domingo. E o Matheus, numa dessas idas, com a filha dele a Beatriz – que era uma moça muito bonita na época, ainda é –, na hora de voltar com o carro, ele largou a chave na fechadura, e bateu a porta. Voltou pra casa, a pé. "*Dona Beatriz, aconteceu isso, o carro está lá, eu não posso quebrar o vidro, não posso mexer no carro.*" "*Não, Mahteus, você vai até o Rio, buscar a chave, porque meu pai tem outra.*" E o Matheus desceu de trem e, de madrugada, chegou na casa do dr. Roquette, que não desculpava nada. Não tinha isso, não. Eu, quando comecei a conviver com ele, cheguei atrasado num encontro na avenida Rio Branco. Quando eu falei: "*Dr. Roquette, o senhor me desculpe.*", silêncio total. Ia para o lugar que a gente tinha que ir, mas nenhuma palavra. No fim, então, ele relaxava e entrava a primeira palavra, e voltava a intimidade toda. Mas ele não desculpava. Tanto que, até hoje, sou extremamente pontual – foi com ele que aprendi. Imagina o Matheus, chegar de madrugada, aos pulos, parecia um gafanhoto, nervoso, apavorado, batendo de

madrugada na casa do dr. Roquette. "*Dr. Roquette...*", e nada: silêncio total. Aí, ele ouviu a voz do dr. Roquette: "Entre..." Aí, ele entrou, 'estava aberta, não 'estava fechada, não. E olhe a beleza de frase: "O médico, quando esquece o bisturi na barriga do doente, e o banqueiro esquece a chave dentro do cofre, não merecem confiança. Não o conheço mais, e não o quero mais aqui." No dia seguinte, o dr. Roquette tinha que ir ao laboratório, e o Matheus foi buscar o carro, voltou com o carro e, de manhã, ele estava lá. O dr. Roquette passava pelo próprio carro dele e ia pegar um ônibus, e o Matheus ia com o carro, atrás do ônibus – essa história levou uma semana. Aí, o Matheus falou com a Beatriz, que teve um trabalho danado pra convencer o pai.

*O sr. acompanhou a feitura de algum dos primeiros filmes do INCE, os filmes do Humberto Mauro?*

Acompanhei, sim. Aqueles documentários.... A grande obra do Mauro foi *O descobrimento do Brasil*, com música de Villa-Lobos. Aquilo foi um acontecimento – depois dali saíram as grandes suítes de Villa-Lobos, as quatro suítes do *Descobrimento do Brasil*, que foi a uma obra fundamental dele, muito aplaudida inclusive.

*E o sr. conheceu o Villa-Lobos? Ele freqüentava o INCE?*

Olha, antes de conhecer o dr. Roquette, eu li o livro *Rondônia*, não li todo, mas tudo que tinha lá dentro eu sabia, porque eu tinha uma memória terrível naquela época, memória visual e memória musical – essa, então, nem se fala. Eu fui fundador da Sinfônica Brasileira. Entre aqueles vultos que eu admirava e que circulavam pelos corredores do Instituto Nacional de Cinema Educativo, a figura de Villa-Lobos foi a que mais me interessou. Como grande músico, era um homem que eu estava acabando de conhecer e que tinha sido muito amigo da minha irmã, em Nova York – porque ela ajudou muito o Villa. Então, eu fui ver o que é que ele estava fazendo, ele ia freqüentemente lá. Ele levou partituras que davam para um filme de seis horas, ele compôs música exagerada, porque a prolixidade do Villa-Lobos é um fenômeno: esse homem fez música a vida dele inteira. Se você enxugasse a obra dele, ficaria formidável. A Mindinha Villa-Lobos, que era muito minha amiga, nunca concordou com isso, mas eu sempre achei que o Wagner deveria ser encurtado, e o Villa enxugado, quer dizer, jogadas fora

aquelas coisas de juventude dele, que são Prometeus, e outros bichos desses aí, que são coisas de mau gosto. Porque o Villa era torrencial, e foi torrencial na obra do *Descobrimento*. Havia música para o filme que não acabava nunca: ele teve que cortar tudo, porque o filme era de uma hora e meia, duas horas. E ele usou muito o material trazido pelo dr.Roquette, com habilidade enorme nas suítes do *Descobrimento do Brasil*.

---

## II.5.2 Beatriz Roquette-Pinto Bojunga<sup>53</sup>

*Quem deu o nome a Roquette-Pinto de Pai do Rádio?*

Quem deu o nome a ele de "Pai do Rádio do Brasil" não foi o Brasil, foi lá, nos Estados Unidos. Três anos depois de o rádio ter aparecido por lá. Vieram os jornais: "Chegou aqui o Pai do Rádio Brasileiro." Ele sempre dizia isso: "Eles lá é que me deram o nome, Pai do Rádio."

Os grandes festejos no centenário de papai e um dos versos era do Luiz Alberto Torres, que dizia "...lá na Praia Vermelha", e que ele perguntou o que era aquilo, e que o pai dele disse: "Ah, isso são as experiências que um grande brasileiro, um sábio, Roquette-Pinto, está fazendo!"

Em 1923, a paixão dele começou e dizia mesmo: "Cada vez que eu ouvia aquelas ondas sonoras do telégrafo, eu dizia, 'que força, que poder tem para a educação da nossa gente!' Porque o nosso povo, é um Brasil imenso. Onde entra livro? Não sabem ler! Agora, entrando pelos ouvidos, a educação vai entrando." E eu até queria lhe contar, não sei se vou me estender muito, o meu filho, Cláudio, ele tinha uns sete anos, mais ou

---

<sup>53</sup> Beatriz Roquette-Pinto Bojunga é filha de Roquette-Pinto e o texto apresentado são trechos da entrevista que ela concedeu para o programa especial sobre Roquette-Pinto, gravada em maio de 1990, ao radialista Renato Rocha. A íntegra da entrevista está em arquivo de áudio que compõe o *compact disk*, anexo deste livro.

menos, estava fazendo um dever de colégio, e me perguntou: "*Mamãe, qual é a diferença entre educação e instrução?*" O senhor sabe, eu sei, todos nós sabemos. Mas dizer em cinco minutos, uma senhora, uma moça que estava se vestindo para um coquetel numa embaixada. Eu disse: "Ah, vou tocar para papai." E o meu marido dizia "*Você pensa que seu pai sabe tudo?*", e eu digo "Não, mas é que com ele eu não fico sem resposta."

O importante era a resposta. Porque ele, às vezes, dizia: "*Procura aí no dicionário, vou procurar aqui no Vefitel, você procura no...*" Eu não procurava, não é? Daqui a pouco ele tocava (ele me chamava de "Tizinha"): "*Tizinha, achou?*" E eu dizia: "Não, papai, não achei." "*Preguiçosa! Na página tal está assim, assim, assim...*"

E ele dava a resposta. Então nesse dia ele me disse: "*É muito fácil, minha filha: você, quando obriga o seu filho, Cláudio, a lavar os dentes todos os dias, você o está educando. Quando você explica que, se não lavar o dente, vêm a cárie, a infecção, a moléstia, você o está instruindo. Então, educar é criar hábitos de significação social. No nosso país há muita gente instruída, que sabe que tem que lavar e não lava, não está habituado.*"

Nesse dia, eu fui para a embaixada do Chile; um grande professor de fisiologia, desses especialistas do pulmão, do físico, era homenagem a ele lá no Chile, na embaixada do Chile, e eu vejo ele comendo com a colher que ele estava pondo na boca, e diz: "*Señora, este es delicioso!*"

E, com a mesma colher que ele pôs na boca, ele pôs no prato. Eu disse: "instruídíssimo, um dos maiores professores, mas não é educado". Eu sou educada, nunca faria uma coisa dessas. Ele sabe que não podia fazer, mas esqueceu! Aí, ele começou então a trabalhar, e tenho até uns casos interessantes, que ele fazia aquelas experiências. Eu o vi, muitas vezes, com radiozinho de galena, ele fez para mim, eu digo lá de minha casa, eu via o Tito Skipa cantar, eu punha aqueles fones, ficava procurando ali até ouvir. Ele chamou um grupo de brasileiros e foi procurar na Academia de Ciências o dr. Morize. Por isso é que eu digo, o nosso rádio começou muito alto, ele não pode se... desculpe o termo, se prostituir, não pode! Ele começou muito alto! E ele juntou esse grupo de

brasileiros e contagiava as pessoas. Então, todos entraram para sócios, e eu lembro que todos faziam tudo de graça, porque não tinha dinheiro. As irradiações, por exemplo, eu fiquei contando o quarto de hora infantil, eu dirigia a parte artística, o Sérgio Vasconcelos ia lá falar de música, o Mesquita era o secretário, toda semana tinha a Confederação Brasileira de Radiodifusão, sabe o que era? Na rua da Carioca, 45, onde a rádio funcionava, uma mesa enorme, papai sempre andava com aquele avental de professor, não é, de médico, sempre usou, aquele branco. Ele chegava e dizia: "Ô Mesquita, avisou todas as Rádios? Todos?" E o Mesquita: "Avisei, dr. Roquette."

O único que ia de vez em quando era o Elber Dias, da Rádio Clube. Mais ninguém aparecia. Então ele chegava, sentava na cabeceira, ficava ali quinze minutos esperando, ninguém aparecia, daí encerrava a sessão. Aquilo era para ver os problemas do Rádio no Brasil!

*Por que o Rádio começou muito alto?*

Começou na Academia de Ciências! Não pode ser lugar melhor para um país começar! Eu acho que foi o único país no mundo em que o rádio começou tão alto, na Academia de Ciências! Alto, que eu digo, na parte cultural. Bem entendido, não é? Porque, a parte financeira foi sempre muito alijada, pode-se dizer pelo Roquette. E eu, até, estava lhe contando isso. É que, quando acabavam as irradiações, que aliás, eu não sei, é uma pena que não tenham continuado, a Rádio Ministério da Educação e Cultura, os diretores mudavam, eu sempre dizia "Por que não acabam...", ele sempre acabava assim: *"Acabaram de ouvir a PRA2, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que acabou de irradiar, pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil."*

Tocava o Hino Nacional e acabava. Vamos dizer que tirem o Hino Nacional; mas a frase, ele não botou para os brasileiros, não, olha como isso é extenso: "Pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil." E ele, antes disso, dizia: *"Cooperam para o fundo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro Irineu Santos e Cia., rua Chile, 23, fulano de tal, rua da Carioca..."*

Aí entrava um anúncio daqueles que mandavam válvula para ele de presente, coisas que ele não pagava, não é? Então, a rádio começou por isso. Era um ideal. Começou e acabou como um ideal, quer dizer, acabou não, porque ela não acabou. A Rádio Ministério da Educação continua tendo o mesmo espírito da Rádio Sociedade.

*A senhora lembra da programação da Rádio?*

Lembro, eu fui diretora muitos anos da Rádio.

*O que era? Como é que era?*

Primeiro, se ganhava cachê, não é? Eram uns envelopinhos que o Mesquita, o seu Mesquita, todo mundo tinha medo do Mesquita, menos eu, porque ele me tratava com muito carinho, mas era o cachê que se dava, a gente contratava. Por exemplo, tinha um programa da Elisinha Coelho, cantando *No Rancho Fundo*, tinha o Francisco Alves. Todos esses grandes cantores, até pouco tempo. Agora, não. Até pouco tempo, vocês tinham lá na Rádio Ministério da Educação, não sei se ainda têm, uma galeria de retratos (eu não sei onde estão esses retratos). Quando pintaram, tiraram os retratos. Em nome de todos os cantores, porque é preciso que se diga que, por exemplo, a primeira novela que houve de Rádio foi lá, na Rádio Sociedade. Chamava-se *A lenda do lago*. O Sérgio Vasconcelos vai se lembrar. Era dirigida pelo Gran Muri. Foi lá que começou. As óperas com o Sérgio, foi o papai que começou. Você sabe como era feito o jornal, o Sérgio Vasconcelos não contou, não? Que ele fazia da casa dele? Riscava e fazia. Ah, todos os grandes cantores que vinham, passavam na Rádio Sociedade, todos. Orlando Silva, Elisinha Coelho, a Marília Batista, a Aracy de Almeida, todos cantaram na Rádio, mas ninguém mais fala, falam só em Rádio Nacional. Você sabe que isso me dói? Porque a Rádio, para mim, a PRA2 é gente. Eu não ouço falar da Rádio. Mas a Rádio, pra mim, eu dizia a meu marido, é como se, se cortasse assim, cortaria um pedaço dela.



Foto de Beatriz Roquette-Pinto, em atividade no estúdio da Rádio Sociedade, em 1931.  
Acervo SOARMEC.

## **CAPÍTULO III**

### **A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO NA IMPRENSA**

Este capítulo tem como intuito demonstrar de que forma se deu a recepção da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nos diferentes veículos da imprensa escrita, existentes àquela época, ressaltando que os recortes de jornais e revistas que integram o acervo foram selecionados segundo a ótica do titular e organizador do arquivo, Roquette-Pinto.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro teve sua trajetória acompanhada por todos os veículos de comunicação existentes no período de sua existência (1923-1936), os quais noticiavam, freqüentemente, todos os eventos que ali aconteciam, bem como relatavam os visitantes que a rádio recebia ou mesmo informavam a grade de programação a ser irradiada.

O que a pesquisa ao acervo demonstrou, no que tange aos jornais, foi uma rica variedade de recortes, os quais traziam notícias da Rádio Sociedade e também notícias de acontecimentos ocorridos no período. No caso destas matérias de cunho jornalístico e não institucional, não se tratava de assuntos ou notícias relacionados com a Rádio Sociedade, o que permite algumas observações. Uma das possibilidades é de que foram arquivados alguns recortes que, provavelmente, eram utilizados nas irradiações diárias para a transmissão de notícias aos ouvintes. Uma outra é a de que tais notícias podiam interessar ao titular do arquivo, particularmente no que diz respeito aos meios de comunicação.

Conforme já foi salientado no capítulo anterior, o próprio Roquette-Pinto tinha o hábito de ler os jornais e informar aos ouvintes os acontecimentos que, a seu critério, julgava pertinente informar.

Observe-se que, além dos jornais, o acervo pesquisado também é composto pelos exemplares das revistas *Rádio* e *Electron*, que eram as publicações editadas pela própria Rádio Sociedade, como se verá adiante.

### **III.1 – Jornais**

O jornal era, no momento de criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, o veículo de comunicação por excelência, significando ser a forma de publicação escrita mais utilizada até então e de maior acessibilidade para o público.

Os jornais que circulavam durante o período de existência da Rádio Sociedade (1923-1936) foram o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Paiz*, *A Pátria*, *A Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *O Dia*, *Jornal do Comércio*, *O Botafogo* e o *Correio da Manhã*, dentre outros.

É possível encontrar recortes de todos estes jornais no acervo da Rádio Sociedade sendo que, em alguns casos, não foi possível identificar a data de publicação da notícia abordada, porque o recorte a eliminava.

É salutar que seja ressaltado o estado de organização e conservação em que se encontrava o acervo da Rádio Sociedade durante a realização desta pesquisa, no que se refere aos recortes de jornais.

A quantidade de recortes jornalísticos é de aproximadamente uma centena, oriundos dos mais variados veículos de comunicação da época e sem qualquer tipo de organização atualmente plausível de uma estrutura básica, seja cronológica ou mesmo por assunto ou origem.

Tal fato dificultou a seleção dos exemplos que serão aqui demonstrados, tendo em vista a diversidade encontrada no amontoado de recortes. Inicialmente, estes recortes estavam guardados em pastas e envelopes esparsos, sendo que alguns foram

encontrados soltos e outros estavam devidamente recortados e colados em papel timbrado da Rádio Sociedade, com a citação do nome do jornal e a data de publicação.

O que se pôde depreender era que a maioria destes impressos eram arquivados por Roquette-Pinto, porque as observações estão sempre em lápis vermelho, instrumento que ele sempre tinha à mão, conforme já dito anteriormente. É o que se pode supor, porém não há como afirmar que somente ele efetivava este controle dos recortes jornalísticos.

Frise-se que nem todos os recortes estão tão bem dimensionados e, às vezes, não é possível fazer nenhum tipo de identificação, tendo em vista que não há observações escritas e não há meios de identificar o jornal de origem ou a data de publicação.

Este capítulo atém-se, única e exclusivamente, a uma seleção de recortes de jornais que apresentam matérias em que eram noticiados eventos realizados pela Rádio Sociedade, em datas comemorativas ou em homenagens prestadas a personalidades que visitavam a sede da instituição, bem como questionamentos e respostas dadas aos ouvintes via jornal ou mesmo informações sobre a instituição e sua programação.

Esta seleção objetiva ressaltar como os diferentes jornais da época noticiaram e transmitiam ao público como era e funcionava a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. É possível constatar, pelo volume e variedade de recortes, que ela era tratada com grande importância pelos jornais da época, que lhe deram muita expressão e realce, pois sua ideologia inspiradora e caráter estritamente cultural desempenharam um papel muito importante para a sociedade naquele período.

- 1) Manchete exibida pelo *O Jornal*, relatando as finalidades da Rádio Sociedade.



*O Jornal*, Rio de Janeiro, s/d.  
Roquette é o terceiro à direita, em pé.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

O rodapé do recorte informa o seguinte:

"Grupo tirado na sede da Rádio Sociedade, com os directores e alguns sócios srs.dr.s.: Morize, Carlos Guinle, Luiz Betim, Costa Lima, Francisco Lafayette, Roquette-Pinto, Dulcício Pereira, Mario Souza, Demócrito Seabra e Nestor Serra." <sup>54</sup>

- 2) Recortes do jornal *O Correio da Manhã*, em 3 de setembro de 1925, relatando a crítica de um empresário estrangeiro ao entusiasmo pelo rádio na cidade do Rio de Janeiro e a respectiva resposta dada pela Rádio Sociedade e publicada no mesmo jornal no dia seguinte.

<sup>54</sup> Não foi localizada a data da publicação do jornal.

## UMA QUESTÃO DE ALTITUDE

*Correio da Manhã - 3.9.25*

### O entusiasmo pelo rádio que se observa no Brasil, segundo o sr. Condict

NEW YORK, agosto de 1925 — (Comunicado Epistolar da United Press) — O entusiasmo pelo rádio no Brasil é uma questão de altitude, segundo afirma o sr. Philip K. Condict, vice-presidente da Internacional Western Electric Company, que acaba de regressar duma viagem de negocios a America do Sul.

No Rio de Janeiro, que é uma cidade maritima de clima tropical, a radio telephonia não progrediu com grande rapidez.

Não ha muito interesse popular e os programmas não são attrahentes. No Estado e cidade de S. Paulo, numa elevação de 1.000 pés ou mais acima do mar, ha geral interesse e bons programmas são transmittidos por um apparelho pequeno. Este, no emtanto, antes do fim do anno será substituido por uma poderosa estação construida pela Internacional Western Electric Company.

O facto de que o clima tropical permitté ao povo encontrar divertimento fóra de casa durante todo o anno, parece ser o motivo principal da falta de entusiasmo pelo rádio no Rio de Janeiro. Uma estação de 500 watt, erigida pela Internacional Western Electric Company, a tres annos passados está operando satisfatoriamente, mas os seus programmas não são particularmente interessantes. Uma outra estação opera no Rio, mas não é das melhores em qualidade nem em programma.

Numerosos planos têm sido feitos para melhorar as facilidades do "broadcasting" no Rio e não se deram até agora passos definitivos nesse sentido.

Durante longo periodo o governo restringia as transmissões e não permittia a venda de apparelhos, mas essas restricções já foram removidas. E' provavel no emtanto que o Rio e outras cidades do Brasil que têm clima tropical nunca sejam centros do radio comparados com São Paulo.

Ahí o radio é administrado por uma associação denominada Radio Educadora e devido ao seu clima mais frio o progresso da radio telephonia será tambem mais rapido. O "broadcasting" na Argentina encontra muito maior entusiasmo publico.

Todos os armazens de electricidade em Buenos Aires têm secções de radio e lá se podem comprar apparelhos fabricados em quasi todos os paizes que os manufacturam. Existem diversas estações de "broadcasting" em Buenos Aires e uma ou duas em outras cidades que fazem magnificas transmissões. Os programmas são interessantes e populares. E' possivel que dentro em breve a Argentina esteja dotada com uma das melhores estações de "broadcasting" da America.

*Correio da Manhã  
4.9.25*

## UMA QUESTÃO DE ALTITUDE

A Radio Sociedade do Rio de Janeiro, transmittiu hontem a seguinte nota em intervallo de sua irradiação da noite:

"A Radio Sociedade do Rio de Janeiro chama a attenção dos seus amigos e de todos os bons brasileiros para as declarações feitas em Nova York por um senhor vice-presidente de conhecida empresa sobre as irradiações que se fazem no Brasil. Essas declarações constam dos jornaes de hoje. Por ellas se sabe que os apparelhos receptores usados pelo mesmo senhor são improprios para o nosso paiz nas regiões de pequena altitude, e recebem particularmente mal as transmissões da Radio Sociedade. Convem que o publico fique bem informado de tudo isso, para não adquirir receptores do tipo usado pelo industrial que tão mal julgou as irradiações da Radio Sociedade do Rio de Janeiro."

O texto da matéria noticiada no dia 3 de setembro de 1925 é o seguinte:

## UMA QUESTÃO DE ALTITUDE

### **O entusiasmo pelo Rádio que se observa no Brasil, segundo sr. Condit.**

Nova York, agosto de 1925 (Comunicado Epistolar da United Press) – O entusiasmo pelo rádio no Brasil é uma questão de altitude, segundo afirma o sr. Philip K. Condit, vice-presidente da Internacional Western Electric Company, que acaba de regressar duma viagem de negócios na América do Sul.

No Rio de Janeiro, que é uma cidade marítima de clima tropical, a radiotelegrafia não progrediu com grande rapidez.

Não há muito interesse popular e os programas não são atraentes. No estado e cidade de S. Paulo, numa elevação de 1000 pés ou mais acima do mar, há geral interesse e bons programas são transmitidos por um aparelho pequeno. Este, no entanto, antes do fim do ano será substituído por uma poderosa estação construída pela Internacional Western Electric Company.

O fato de que o clima tropical permite ao povo encontrar divertimento fora de casa durante todo o ano, parece ser o motivo principal da falta de entusiasmo pelo rádio no Rio de Janeiro. Uma estação de 500 watts erigida pela Internacional Western Electric Company, há três anos passados está operando satisfatoriamente, mas os seus programas não são particularmente interessantes. Uma outra estação opera no Rio,<sup>55</sup> mas não é das melhores em qualidade nem em programa.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> As rádios que operavam no Rio de Janeiro, naquele ano de 1925, eram a Rádio Sociedade e a Rádio Clube do Brasil, fundadas respectivamente em 1923 e 1924.

<sup>56</sup> Esta última frase encontra-se sublinhada no recorte de jornal. Não há identificação do autor que realizou tal observação no texto, mas pode ter sido o próprio Roquette.

Numerosos planos têm sido feitos para melhorar as facilidades do *broadcasting* no Rio e não se deram até agora passos definitivos nesse sentido.

Durante longo período, o governo restringia as transmissões e não permitia a venda de aparelhos, mas estas restrições já foram removidas. É provável, no entanto, que o Rio e outras cidades do Brasil que têm clima tropical nunca sejam centros de rádio comparados com São Paulo.

Ali o rádio é administrado por uma associação denominada Rádio Educadora e devido ao seu clima mais frio, o progresso da radiotelefonía será também mais rápido. O *broadcasting* na Argentina encontra muito maior entusiasmo público.

Todos os armazéns de eletricidade de Buenos Aires têm seções de rádio e lá se podem comprar aparelhos fabricados em quase todos os países que os manufaturam. Existem diversas estações de *broadcasting* em Buenos Aires e uma ou outra em outras cidades que fazem magníficas transmissões. Os programas são interessantes e populares. É possível que dentro em breve a Argentina esteja dotada com uma das melhores estações de *broadcasting* da América.”

O texto da matéria publicada no dia 4 de setembro de 1925, relatando a resposta da Rádio Sociedade, é o seguinte:

### “UMA QUESTÃO DE ALTITUDE”

**A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro transmitiu ontem a seguinte nota em intervalo de sua irradiação da noite:**

“ A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro chama a atenção de seus amigos e de todos os bons brasileiros para as declarações feitas em Nova York por um senhor vice-presidente de conhecida empresa, sobre as irradiações que se fazem no Brasil.

Essas declarações constam dos jornais de hoje. Por elas se sabe que os aparelhos receptores usados pelo mesmo senhor são impróprios para o nosso país nas regiões de pequena altitude e recebem particularmente mal as transmissões da Rádio Sociedade. Convém que o público fique bem informado de tudo isso, para não adquirir receptores do tipo usado pelo industrial que tão mal julgou as irradiações da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.”

Estes dois recortes merecem observação, tendo em vista que a crítica ao desenvolvimento do rádio no Rio de Janeiro e a pronta resposta dada pela Rádio Sociedade possuem abordagens distintas.

O empresário estrangeiro Sr. Philip K. Condit critica o fato de o rádio não ter um desenvolvimento significativo na cidade do Rio de Janeiro e vai além, ressaltando que tanto o Rio como outras cidades de clima tropical nunca serão grandes centros de radiodifusão como era, naquela época, a cidade de São Paulo. Os fatos levantados pelo empresário se relacionam com os programas pouco atrativos das rádios que operavam no Rio de Janeiro e, principalmente, o fato de que as pessoas encontravam divertimento durante todo o ano fora de casa, causando pleno desinteresse pelo rádio. Já, em São Paulo, que geologicamente está numa altitude mais elevada e apresenta um clima mais frio, o desenvolvimento do rádio é sustentado por um interesse geral da população nesse sistema de comunicação.

A resposta da Rádio Sociedade se restringiu em relatar o fato de que os transmissores que eram comercializados pelo tal empresário nova-iorquino não era apropriado para a altitude do Rio de Janeiro e, por isso, as transmissões não eram captadas de maneira ideal.

O que se pode concluir da leitura acima é que havia também um jogo de interesses comerciais, em que o empresariado destas tecnologias tão inovadoras no período pretendia ganhar espaço no mercado radiofônico de outros países, portanto, ressaltavam os benefícios que seus aparelhos trariam caso fossem os adotados pelas emissoras e pelos ouvintes, assim como identificavam os malefícios dos demais aparelhos comercializados, contra-indicando sua utilização.

**3) Manchete exibida pelo impresso do jornal *A Pátria*, em 21 de abril de 1926, relatando as comemorações do 3º aniversário da Rádio Sociedade.**



Recorte do jornal *A Pátria*, Rio de Janeiro, de 21/4/1926.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

O rodapé da manchete informa o seguinte:

*“Associados e amigos da Rádio Sociedade, presentes à festa comemorativa de seu 3º aniversário que transcorreu com o maior brilhantismo.”*

Abaixo a foto oficial do evento, encontrada no acervo da SOARMEC, Sociedade dos Amigos da Rádio MEC, sem, contudo, descrever os seus integrantes. É possível identificar o dr.Roquette-Pinto, logo abaixo e à direita do relógio pendente na parede do recinto.



Foto original da comemoração do 3º aniversário da Rádio Sociedade.  
Roquette encontra-se logo abaixo do relógio de parede, um pouco à direita.  
Demais integrantes da foto não foram identificados.

Acervo SOARMEC

4) **Manchetes editadas pelo jornal *O Globo*, em maio, junho e julho de 1927.**

## Estranho e absurdo!

### Uma attitude de protesto

#### Será verdade tudo quanto se diz?...

Está sendo objecto dos mais acres commentarios o gesto mal inspirado dos directores da Radio Sociedade pondo, ao que corre, o microphone dessa util e prestimosa agremiação á disposição das pessoas da familia do calamitoso viajante do "Bagé" para que com elle se communicassem. Foi com a maior estranheza que os amadores de radio, ao abrirem os seus aparelhos para receber as transmissões daquelle Sociedade, durante a irradiação das 12 horas de sabbado ultimo, tiveram que ouvir a palestra demorada e da maior intimidade dos membros da familia Bernardes. Os recados mais futeis, as interrogações mais infantis foram passadas pelo microphone e, ao mesmo tempo, irradiadas para toda parte em que alcança a onda da Radio Sociedade, como uma especie de pouca consideração dos que concorrem para o custeio da "brodcarter" dessa sociedade. Desde que a patriótica agremiação, que tantos e reaes serviços vem prestando ao paiz e á sua cultura serviços que nunca será demais realçar como de grande alcance, é mantida pelo auxilio do publico e amparada pela sua sympathia, que desejamos não lhe falte jámais, não tinha o direito de pôr ás ordens dos parentes do ex-presidente da Republica os seus aparelhos transmissores. Todos sabem que o povo não admittre gentilezas semelhantes senão feitas pelos que vivem á custa dos cofres da Nação, os politiquinhos amarrados ao bernardismo que infelicitam o Brasil. Caso é esse em que não se compreende possa se collocar a Radio Sociedade. Não podia, portanto, essa sociedade tomar a attitude que teve sem se lembrar que iria desagradar profundamente muitos dos seus associados. E foi o que aconteceu, pois são innumerables as manifestações contrarias desses agremiados provocadas por semelhante procedimento. Ao nosso conhecimento já chegou mesmo que se prepara um abaixo assignado de socios, solicitando a retirada dos seus nomes do quadro daquelle sociedade. Temos mesmo em mão o texto desse abaixo-assignado, que desejamos não chegue a ser apresentado, para não crear embaraços a tão util gremio, cujos destinos um impensado momento poderia jogar aos caprichos da sorte...

Dr. Daniel F...

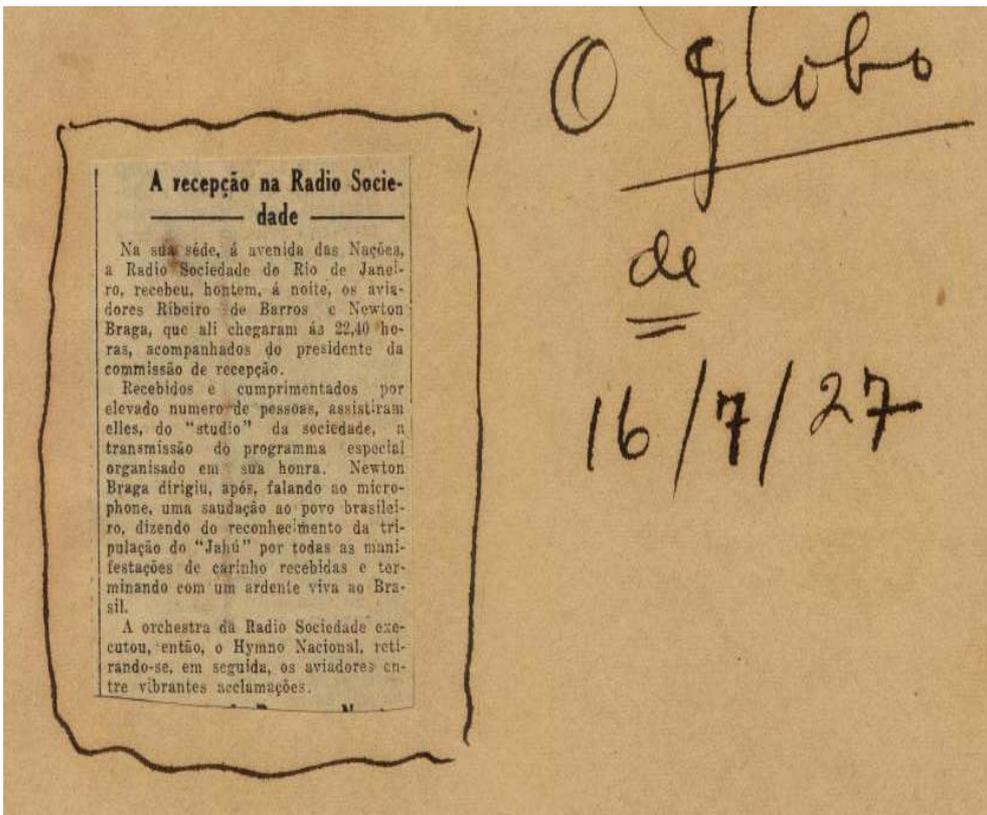
(O globo - 31 - Maio - 1927)

## ESTRANHO E ABSURDO!

### Uma attitude de protesto

A'cerca de uma local por nós publicada hontem sob o titulo acima, em que se relatava ter a Radio Sociedade do Rio de Janeiro posto a serviço de intimos da familia do "calamitoso", o seu microphone, melhores informados, podemos hoje acrescentar que o presidente desta philantropica associação dera unicamente permissão para que uma ligeira saudação fosse feita a um passageiro do "Bagé", seu associado, que se destinava a Recife. A pessoa, porém, a quem foi dado esse consentimento se julgou no direito de desvirtual-o transmittindo outras phrases de interesse meramente intimo entre parentes do ex-presidente Bernardes, sem que o "speaker" presente, pudesse providenciar immediatamente, interrompendo o "control" da amplificação da estação. Fica, desta fórma, explicado o incidente e resaltado o ludibrio de boa fé da Radio Sociedade, victima de uma traição por parte de um seu associado e ex-director, desmembrador, por completo, do seu programma de cultura e instrucção, e alheio á quizesquer manifestações de caracter particular ou politico.

(O globo - 1. junho - 1927)



Recorte do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 16/07/27.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Texto:

“Na sua sede, à avenida das Nações, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro recebeu, ontem, à noite, os aviadores Ribeiro de Barros e Newton Braga,<sup>57</sup> que ali chegaram às 22:40 horas, acompanhados do presidente da comissão de recepção.

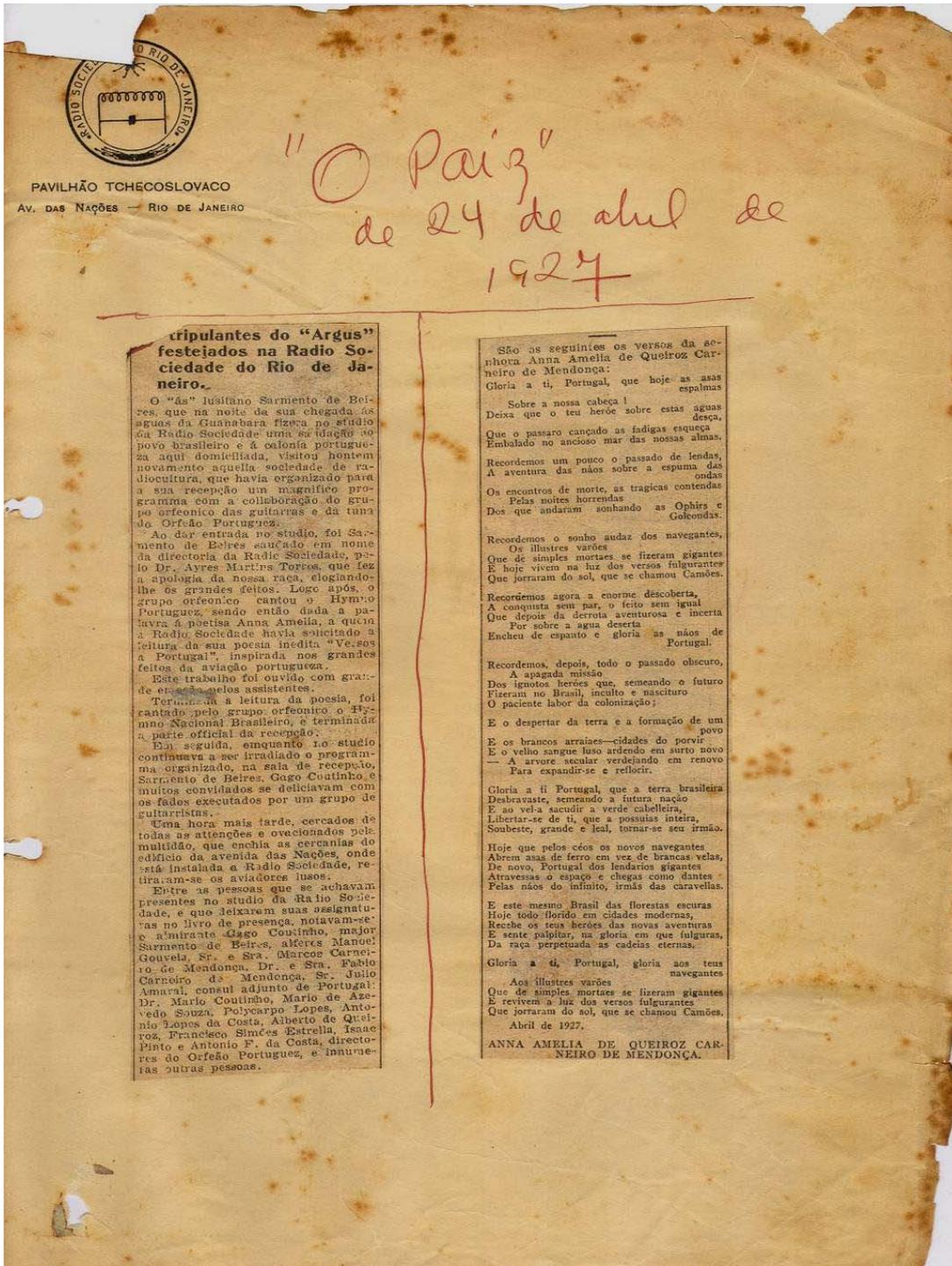
Recebidos e cumprimentados por um elevado número de pessoas, assistiram eles, do “estúdio” da sociedade, à transmissão do programa especial organizado em sua honra. Newton Braga dirigiu, após, falando ao microfone, uma saudação ao povo brasileiro, dizendo do reconhecimento da tripulação do *Jahú* por todas as manifestações de carinho recebidas e terminando com um ardente viva ao Brasil.

A orquestra da Rádio Sociedade<sup>58</sup> executou, então, o Hino Nacional, retirando-se em seguida os aviadores entre vibrantes aclamações.”

<sup>57</sup> Newton Braga e Ribeiro de Barros eram aviadores portugueses que estavam de passagem pelo Brasil e foram recebidos pelos diretores e convidados da Rádio Sociedade numa cerimônia festiva.

<sup>58</sup> Há, no acervo, muitas referências sobre a orquestra da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No entanto, não foi localizada a identificação de seus integrantes.

- 5) Manchete do jornal *O Paiz*, de 24 de abril de 1927, informando que a tripulação do *Argus* foi festejada pela Rádio Sociedade.

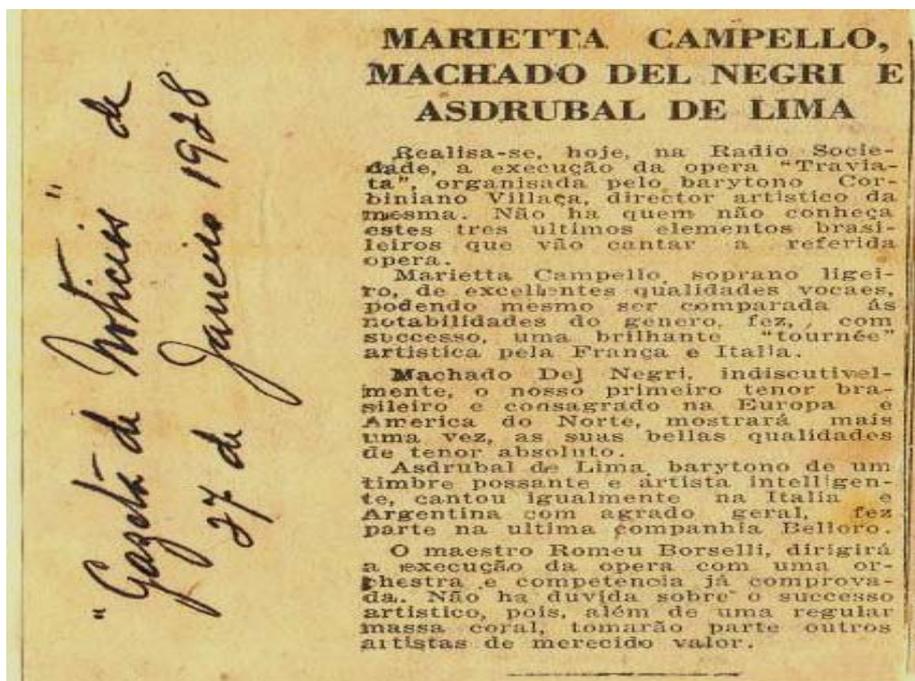


Recorte do jornal *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24/4/1927.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Esta publicação informa sobre a passagem, pelo Brasil, dos tripulantes do avião *Argus*, provenientes de Portugal. Relata, ainda, que estes ases visitaram a sede da Rádio Sociedade que providenciou uma irradiação especialmente para os homenageados. O jornal informou tudo o que foi irradiado, como a execução dos hinos brasileiro e português, um recital de poesia, execução de fados e discurso dos homenageados.

A grande curiosidade deste recorte é a demonstração de como a grande parte destes impressos eram arquivados por Roquette-Pinto: devidamente recortados, colados em papel timbrado da Rádio Sociedade e com a citação do nome do jornal e respectiva data.

**6) Manchete editada pela *Gazeta de Notícias*, em 27 de janeiro de 1928, informando a ópera que seria irradiada pela Rádio Sociedade.**



Recorte do jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27/1/1928.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

O texto diz o seguinte:

“Realiza-se, hoje, na Rádio Sociedade, a execução da ópera *Traviata*, organizada pelo barítono Corbiano Villaça, diretor artístico da mesma. Não há quem não conheça estes três últimos elementos brasileiros que vão cantar a referida ópera.

Marietta Campello, soprano ligeiro, de excelentes qualidades vocais, podendo mesmo ser comparada às notabilidades do gênero, fez, com sucesso, uma brilhante turnê artística pela França e Itália.

Machado Del Negri, indiscutivelmente, o nosso primeiro tenor brasileiro e consagrado na Europa e América do Norte, mostrará, mais uma vez, as suas belas qualidades de tenor absoluto.

Asdrubal de Lima, barítono de um timbre possante e artista inteligente, cantou igualmente na Itália e Argentina com agrado geral e fez parte na última campanha Belloro.

O maestro Romeu Borselli dirigirá a execução da ópera com uma orquestra e competência já comprovada. Não há dúvida sobre o sucesso artístico, pois, além de uma regular massa coral, tomarão parte outros artistas de merecido valor.”

**7) Manchete do jornal *O Globo*, em 21 de abril de 1930, informando como foi comemorado o 7º aniversário da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro**

O jornal informou a extensa programação realizada pela Rádio Sociedade em comemoração ao seu 7º aniversário, a qual contou com a participação da Orquestra do Copacabana Palace e a Sinfônica da Rádio Sociedade, além da banda do Corpo de Bombeiros.

Durante a programação foi feita a leitura do relatório anual da associação e o jornal ressaltou o papel fundamental da instituição que tantos benefícios proporciona para os seus ouvintes e para o progresso do país.

Vide o recorte a seguir:

21-4-1930

O GLOBO

O GLOBO NOT. S. E.

**O 7º ANIVERSARIO DA RADIO  
SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO**

**Como foi commemorada essa data**

A Radio Sociedade do Rio de Janeiro viu passar, hontem, o 7º anniversario de sua fundação. Festejando essa data com o relevo a que ella fazia jús, a benemerita instituição organisou um programma extraordinario que transcorreu ininterrupto desde as 9 horas até cerca da meia-noite.

Desse programma que agradou plenamente, não só pela quantidade e variedade dos numeros executados, mas também pela clareza habitual da emissão e excellencia dos respectivos executantes, não se poderiam deixar de destacar, entretanto, as irradiações dos concertos da orchestra do Copacabana Palace, da banda de musica do Corpo de Bombeiros e da orchestra symphonica da Radio Sociedade, sob a direcção do maestro Francisco Braga.

Muito agradou também aos associados ou simples ouvintes, a leitura do relatório annual da util agremiação, não só pela resenha dos serviços prestados á cultura do nosso povo como ainda pela situação de progresso em que ella se acha, máo grado a somma enorme de sacrificios dispendidos para cumprimento dos seus elevados fins e pela promessa de um desenvolvimento sempre crescente.

Foi assim um dia, o de hontem, que se assignalou na historia da nossa radiotelephonia que tantos beneficios já tem proporcionado ao paiz e de que tanto ha ainda a esperar para nosso progresso e cultura.

**O QUE SERÁ IRRADIADO HOJE**

Recorte do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 21/4/1930.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Esta foi uma amostra de recortes de jornais pequena, mas que se espera tenha cumprido o objetivo de relatar o fato de que a Rádio Sociedade era intensamente noticiada na mídia impressa daquela época, tendo em vista sua importante atividade e representação para a sociedade brasileira.

### **III.2– Revistas**

A Rádio Sociedade, além de cuidar da programação radiofônica que era transmitida diariamente, sempre se preocupou em manter um veículo de comunicação impresso, sendo responsável pela edição de revistas de conteúdo radiofônico desde sua criação.

O intuito de ressaltar uma pequena parte das revistas contidas no acervo da Rádio Sociedade é demonstrar o seu conteúdo editorial e informar que elas eram mesmo voltadas para a radiofonia, que era assunto de grande popularidade naquele momento histórico.

Inicialmente, a Rádio Sociedade editou uma revista denominada *Rádio* e sua publicação foi realizada entre os anos de 1923 a 1926, ano em que passou a ser editada a revista *Electron*.

O acervo da Rádio Sociedade contém as edições de 25 a 35 da revista *Rádio*, mas o conjunto todo pode ser analisado, tendo em vista que as edições anteriores podem ser encontradas no acervo da SOARMEC.

Esta análise conjunta possibilita verificar que o conteúdo editorial da *Radio* era voltado para as questões científicas: editava artigos sobre associações científicas, havia colunas sobre artigos nacionais e estrangeiros, comentários e notícias do mundo da ciência e, em especial, assuntos vinculados à radiodifusão.

A pesquisadora Luisa Massarani informa, sobre a revista *Radio*, que vários de seus artigos relacionam-se à radiotelegrafia, sendo muitos deles bastante técnicos (por exemplo, "Lâmpada a 3 eletrodos" e "A estação radiotelefônica da Repartição Geral dos Telégrafos"). Outros referem-se a questões da legislação brasileira, que impedia a radiodifusão no país. Entre suas seções, duas destacam-se: "Em revista" traz notas curtas extraídas de várias revistas internacionais como *Radio News*, *Nature*, *L'Onde Électrique*, *Comptes Rendus* e *Radioélectricité*; "Fora do prelo" fala de livros e outras publicações no Brasil e no exterior (inclusive outros países da América do Sul).<sup>59</sup>



Cópia da capa da revista *Radio*.<sup>60</sup>  
Acervo SOARMEC.

<sup>59</sup> MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação ao curso de Mestrado em Ciências da Informação, IBICT e Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998, p.106.

<sup>60</sup> Capa da revista *Radio*, nº 16, 1924, Acervo SOARMEC.

Além deste conteúdo científico, era possível também ter informações específicas sobre a Rádio Sociedade, que era a responsável pela edição, assim como de outras instituições de radiofonia no Brasil, como a Rádio Clube Cearense e Rádio Sociedade da Bahia.

Eram publicadas duas edições mensais, contendo aproximadamente quarenta e oito páginas cada uma e os temas eram sempre recorrentes, pois estava voltada estritamente para as ciências e difusão radiofônica.

Não há, no acervo da Rádio Sociedade, nenhuma indicação sobre a decisão de pôr fim às edições da revista *Rádio* e iniciar as publicações da revista *Electron*. As duas tinham basicamente conteúdo científico, com ênfase na seara radiofônica.

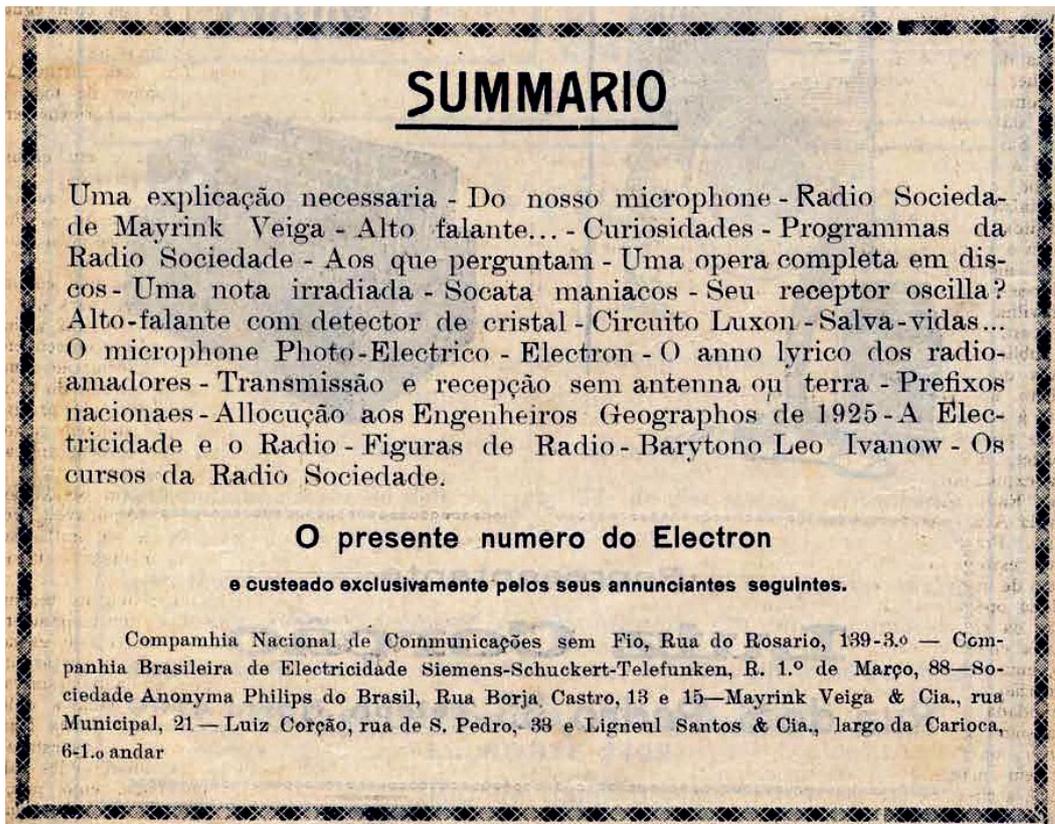
Ambas eram distribuídas aos associados e comercializadas em pontos de venda localizados em diferentes estados brasileiros. Podiam ser compradas no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Paraná, Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Pará, Amazonas, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte.<sup>61</sup>

A *Electron* tinha um conteúdo mais restrito e com matérias especificamente direcionadas para a seara da radiotelefonía, por isso mesmo, cada edição tinha aproximadamente dezesseis páginas, número bem inferior ao da revista *Radio*.

O primeiro fascículo da revista *Electron* foi publicado em fevereiro de 1926 e o seu expediente está descrito na página 2 daquela edição e relata que se tratava de uma publicação de Rádio Cultura, sendo publicada nos dias 1 e 16 de cada mês.

---

<sup>61</sup> Revista *Radio*, nº. 16, 1924, p.28.



Cópia do sumário da revista *Electron*.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. <sup>62</sup>

A análise do conteúdo da *Electron* é histórica e institucionalmente importante, pois é possível obter maiores detalhes sobre aquela instituição, inclusive sua programação. O sumário da edição de número 11, do ano de 1926, informa os assuntos tratados naquele fascículo, conforme ilustrado abaixo.

Esta publicação informa, por exemplo, a programação detalhada que era irradiada pela Rádio Sociedade e comprova sua inteira preocupação com a cultura e instrução do povo.

A seguir a transcrição de dados da revista *Electron*.

---

<sup>62</sup> Revista *Electron*, NUM.11, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, p.2.

## “Electron

### EXPEDIENTE

Publicação de Rádio Cultura distribuída aos sócios da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e mantida exclusivamente pelos seus anunciantes e leitores.

Electron é publicada nos dias 1 e 16 de cada mês

Diretor: ROQUETTE-PINTO

Número avulso 600rs , na Capital e 800rs nos Estados.

Toda a correspondência de redação deve ser dirigida a Roquette-Pinto, Diretor.

Toda correspondência comercial deve ser dirigida a Amador Cysneiros, Gerente.

Redação: Pavilhão Tcheco-slovaco – Av. das Nações – Rio –  
Telefone Central 1054

-Impressa na Gráfica Ipyranga – Inválidos, 35.”<sup>63</sup>

A revista apresentava colunas variadas, versando sobre temas que se vinculavam estritamente ao cotidiano da Rádio Sociedade em si, como também sobre assuntos científicos que estavam em voga no período, além de fazer homenagens e trazer os anúncios dos seus patrocinadores. Havia colunas que eram editadas em quase todas as edições, porém não podem ser caracterizadas como seções fixas, tais como:

- Alto-falante: trazia informações científicas e curiosidades em geral.
- Programas e Cursos da Rádio Sociedade: divulgava os cursos e palestras que seriam ministrados na programação da emissora e também transcreviam algumas palestras já transmitidas pela instituição.
- Labirinto dos circuitos: ensinava como manipular circuitos, baterias e explicava o funcionamento de aparelhos elétricos e mecânicos.

---

<sup>63</sup> Revista *Electron*, NUM.1, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, p.2.

Esta última coluna tratava de questões técnicas, relatando o funcionamento e montagem de diversos tipos de aparelhos, como galvanômetro, aparelhagem radiofônica, fotografia, variação da luz, som, circuito de cristal seletivo, ferro de soldar etc. Havia explicações científicas e desenhos detalhados, demonstrando o esquema técnico do aparelho em referência. Essa coluna é a prova cabal de que a Rádio Sociedade tinha uma preocupação em difundir questões científicas e ensinar àqueles que, às vezes, não tinham acesso às informações, o funcionamento desta aparelhagem. Não foi mesmo sem propósito que tal instituição nasceu no seio da Academia Brasileira de Ciências, como já foi relatado alhures.

A ilustração à frente demonstra como eram feitos estes esquemas de desenho.

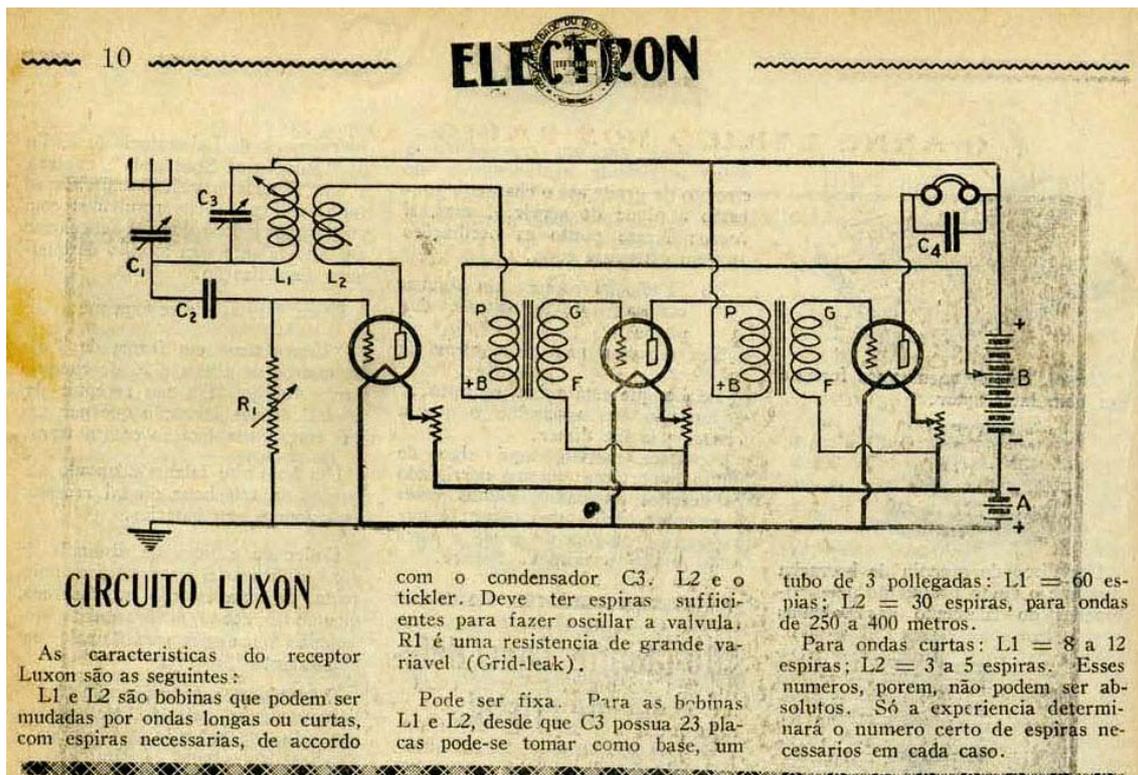


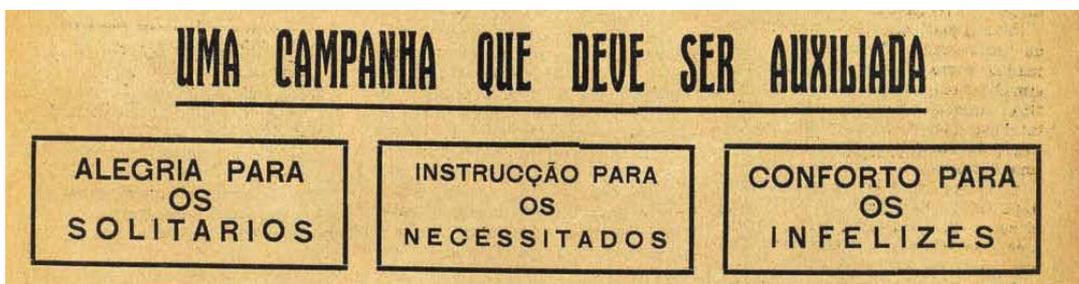
Ilustração contida na revista *Electron*. 64  
 Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

<sup>64</sup> Revista *Electron*, NUM.11, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, p.10.

A coluna sobre “Programas e Cursos da Rádio Sociedade” trazia algumas pequenas explicações sobre temas diversos, como gramática portuguesa e história do Brasil, além de informar a data de transmissão dos diversos cursos irradiados pela Rádio Sociedade, como por exemplo:

- Curso de Francês: aos sábados.
- Curso de Inglês: terças, quintas e sábados.
- Curso de Química: aos sábados.
- Curso de História: terças-feiras.<sup>65</sup>

A revista também fazia algumas campanhas para incentivar o uso do rádio, conforme pode ser observado no estudo do conteúdo da Revista nº 19/1926, cuja capa e chamada da campanha são ilustradas adiante:



Cópia de manchete da revista *Electron*.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Revista *Electron*, NUM I, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, p.7.

<sup>66</sup> Revista *Electron*, NUM.19, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, p.1.

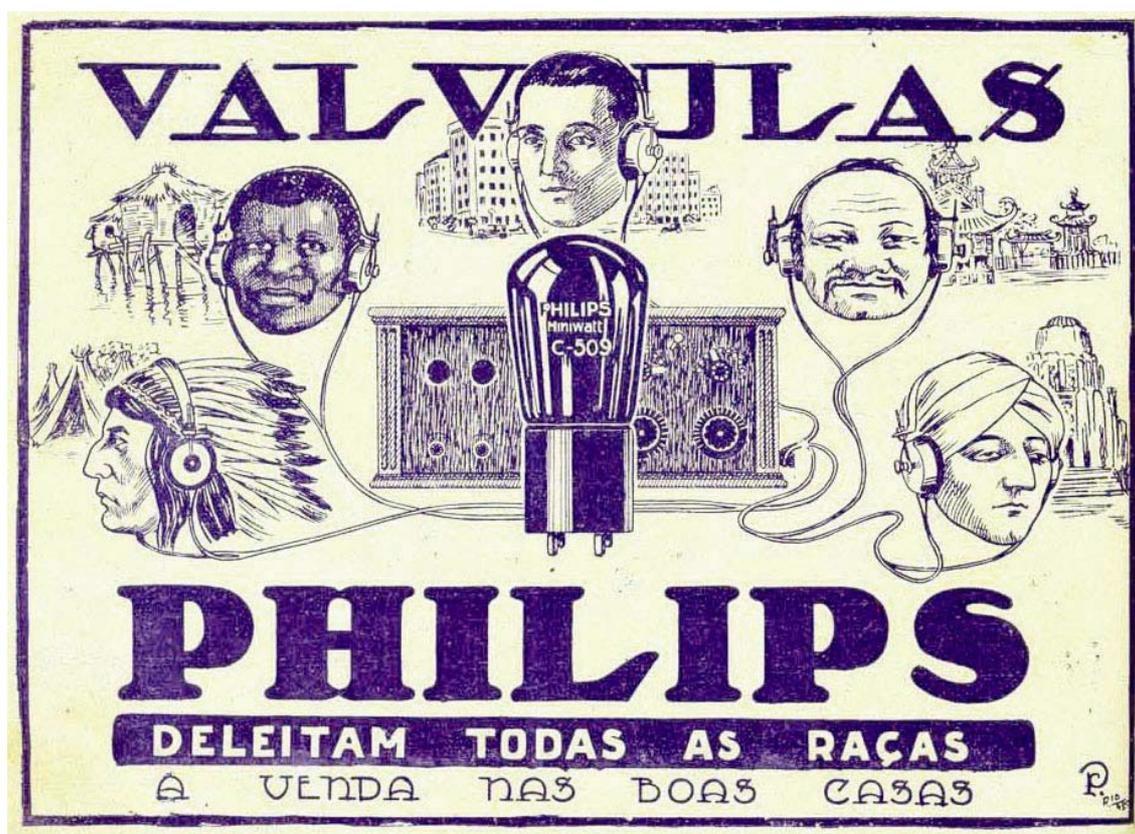


Capa da revista *Electron*.  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.<sup>67</sup>

Esta campanha lançada pela revista *Electron* tinha como objetivo incentivar a atividade radiofônica, difundindo-a aos mais diferentes lugares e ambientes, pois a certeza era de que as transmissões da Rádio Sociedade certamente contribuiriam para todas as pessoas, independentemente da classe social, origem e grau de instrução. Frisava-se, inclusive, que eram instrumento para reabilitação dos doentes, pois os entretinham e melhoravam o ambiente tanto de hospitais como de asilos. A Rádio Sociedade era mesmo um meio de comunicação sem fronteiras, como preconizava Roquette-Pinto.

<sup>67</sup> Revista *Electron*, NUM.19, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, Capa.

A revista *Electron* também trazia vários anúncios, que eram, na verdade, os responsáveis pelos custos das edições. Foi selecionado um interessante anúncio da Philips, informando que as diferentes raças eram igualmente beneficiadas com as suas válvulas, as quais viabilizavam a escuta das irradiações radiofônicas. Este anúncio feito em 1926 apresenta tamanha criatividade que poderia ser usado nos dias atuais, pois integração de raças e comunicação ainda são assuntos em voga.



Cópia de anúncio da revista *Electron*<sup>68</sup>  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Outra curiosidade sobre as edições da revista *Electron* é que a maioria de suas capas, que tinham cores variadas, traziam a enseada da praia de Botafogo, a partir de um ângulo que é o oposto do ângulo que, atualmente, é considerado o tradicional.

<sup>68</sup> Revista *Electron*, NUM.4, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, contra-capá.

Conforme se pode observar na página seguinte, o ângulo da paisagem é voltado para o Parque Nacional da Tijuca, o qual ainda não tinha o Cristo Redentor,<sup>69</sup> em oposição ao Pão de Açúcar, que hoje é o ângulo mais retratado da enseada e procurado por turistas do mundo inteiro em visita ao Rio de Janeiro.



Capa da revista *Electron*.<sup>70</sup>  
Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

<sup>69</sup> O Cristo Redentor foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1931.

<sup>70</sup> Revista *Electron*, NUM.9, ANNO 1, Rio de Janeiro, 1926, Capa.

## **CAPÍTULO IV**

### **A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO E SEUS OUVINTES**

Este capítulo tem por intuito delinear um perfil dos ouvintes da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por meio da análise de uma pequena amostra da volumosa correspondência do acervo daquela emissora.

As mais de quatro mil correspondências encontradas no acervo constituem a maior parte de itens que o integram, tornando-se fonte imprescindível e obrigatória de pesquisa, quando o objetivo é identificar tanto os ouvintes da rádio como o seu alcance territorial e social.

Estas correspondências estavam, inicialmente, guardadas em caixas de papelão, sem nenhum tipo de organização arquivística, seja ordem cronológica, origem, assunto, tornando-se um amontoado de conteúdo a ser analisado individualmente, o que acarretou um enorme trabalho de pesquisa e seleção da amostra.

A miscelânea de correspondências é composta por cartas, cartões-postais, telegramas e até bilhetes encaminhados via portador, permitindo a identificação de um público extremamente eclético, no que se refere à idade, sexo, origem e assuntos tratados.

Tal diversidade é constatada pela análise do conteúdo das correspondências e, mais pormenorizadamente, das cartas que podem ser assim descritas: cartas de anunciantes, informando os reclames a serem transmitidos pela rádio; cartas de outras emissoras, demonstrando um intercâmbio amistoso entre as rádios da época; cartas de ouvintes que recorriam à Rádio Sociedade para informar-se sobre equipamentos, fazer solicitações e sugestões sobre a programação transmitida, bem como informando sobre a forma e nitidez com que o sinal da rádio era captado.

A Rádio Sociedade foi uma emissora preconizada e mantida por intelectuais, cujas transmissões alcançaram tamanha abrangência, que acabaram por romper os limites territoriais e sociais da então capital federal, Rio de Janeiro.

Suas audições podiam ser captadas em todo o país e até no exterior, não havendo restrição ao público a que se dirigia. A única limitação existente era a tecnológica, tendo em vista a necessidade de aparelhagem receptora de sinal para a efetivação da captação da transmissão da Rádio Sociedade.

Pela leitura das cartas é possível depreender que esta barreira tecnológica era vencida, muitas vezes, pela instalação de alto-falantes nas praças públicas, permitindo que um número expressivo de pessoas tivesse acesso às irradiações da Rádio Sociedade.

Tal diversidade de ouvintes pode ser explicada pela variedade da programação difundida pela Rádio Sociedade, que se direcionava a diferentes faixas etárias, tratando de assuntos de interesse geral e para ouvintes com graus de instrução diversos.

O ideal de levar cultura até os mais distantes grotões do Brasil, inclusive para aquelas pessoas que não tiveram acesso à educação formal, foi muito bem sucedido pelos precursores da Rádio Sociedade, o que pode se depreender das cartas recebidas pela emissora e que noticiavam a audição da emissora por um público extremamente heterogêneo e de diferentes localidades do Brasil e do exterior.

É possível identificar manifestações de crianças e adultos, pessoas de diversos estados do Brasil e até do exterior, perpassando, ainda, pelas diversas classes sociais, representadas por cidadãos anônimos, políticos nacionais e personalidades internacionais.

A análise das cartas possibilita várias conclusões sobre este público-ouvinte e também sobre a própria estrutura tecnológica utilizada naquele período para fins de radiodifusão, que era o ponto determinante do alcance do sinal transmitido pela rádio.

A audiência da Rádio Sociedade também poderia ter sua dimensão territorial delimitada, já que é possível encontrar cartas acusando a recepção do sinal da rádio em longínquas localidades do Brasil e do exterior, inclusive em alto-mar.

É preciso ressaltar a importância documental destas cartas, que constituem uma fonte rara, no Brasil, de manifestações de ouvintes de rádio nos anos de 1920 e 1930. Em razão da importância histórica deste material, cabe ressaltar que este capítulo não tenciona fazer uma análise pormenorizada de todos os âmbitos que poderiam ser abordados e aprofundados pela pesquisa. O objetivo é apenas dar uma ampla visão sobre o tipo de público que a Rádio Sociedade possuía, bem como ressaltar a interatividade que existia entre a rádio e seus ouvintes.

Adiante, a seleção efetivada está dividida em: cartas emitidas pela Rádio Sociedade; correspondências recebidas pela emissora (telegramas, cartões-postais, correspondência ao portador, cartas nacionais – manifestações infantis e cartas diversas); cartas internacionais e convites diversos.

#### **IV.1 Cartas emitidas pela Rádio Sociedade**

As cartas emitidas pela Rádio Sociedade demonstram uma intensa preocupação da diretoria da emissora em manter, com seus ouvintes, anunciantes e associados, uma relação de parceria.

Muitas das correspondências versam sobre indagações e solicitações de ouvintes, que a Rádio Sociedade fazia questão de responder, informando sobre os mais diversos questionamentos e sempre agradecendo a participação dos ouvintes.

Abaixo está demonstrada uma seleta de cartas, que demonstram o tipo de público diversificado com o qual a Rádio Sociedade mantinha contato, sendo que a transcrição do conteúdo é feita após cada correspondência.



Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1925

Illm. Sr. Augusto Brando.  
Rua Decodoro 4  
Florianopolis.  
Estado de Rio.

304

Senhor da minha distinta consideração

Recebemos sua carta datada de 2 de Dezembro e passamos a responder ás suas perguntas.

- 1ª: Enviamos, junto a esta um schema de um circuito regenerativo com uma valvula em alta frequencia e duas amplificacões em baixa frequencia.
- 2ª - As lampadas, type 199 são as mais economicas. O alcance não depende das lampadas ( desde que sejam de boa marca) e sim do cuidado com que o aparelho é construido.
- 3ª - Para recepção á distancia o quadro não é aconselhavel e o schema fornecido é para funcionar com antenna.
- 4ª - Prejudicada de accordo com a terceira resposta

Esperando ter satisfeito seu pedido, subscrevemos com alta estima e consideração.

Da Comissão Technica da Radio Sociedade.

A transcrição do texto é a seguinte:

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1925.

Ilmo Sr. Augusto Brando

Rua Deodoro, 4

Florianópolis

Rio

Senhor da minha distinta consideração

Recebemos sua carta datada de 2 de dezembro e passamos a responder as suas perguntas.

1º - Enviamos, junto a esta, um esquema de um circuito regenerativo com uma válvula em alta freqüência e duas ampliações de baixa freqüência.

2º - As lâmpadas tipo 199 são as mais econômicas. O alcance não depende das lâmpadas (desde que sejam de boa marca) e sim do cuidado com que o aparelho é construído.

3º - Para recepção à distância o quadro não é aconselhável e o esquema fornecido é para funcionar com antena.

4º - Prejudicada de acordo com a terceira resposta.

Esperando ter satisfeito seu pedido, subscrevemo-nos com alta estima e consideração.

Da Comissão Técnica da Rádio Sociedade.



Rio de Janeiro 25 de Novembro de 1925.

Illm. Sr. F. Firmino Pereira Mello  
Praça Pedro II nº 5  
Maceió.  
Alagoas.

290

Senhor da minha distinta consideração

Recebemos sua carta datada de 15 de Novembro e muito agradecemos as informações que nos dá sobre as nossas irradiações.

Temos a informar -lhe que até a data presente só recebemos de V.S. a importância de Rs. 5\$000 e que já enviamos pelo correio, registrado, o respectivo recibo.

Aguardando suas pressadas ordens, queira V.S. aceitar os protestos da nossa alta estima e consideração.

Reg. Nº 375620  
Pg. \$ 500  
Certificado de um C registrado  
endereçado a F. Firmino Pereira Mello  
em Maceió  
O encarregado do registro

RADIO  
Est.

Director-Secretario.

A transcrição do texto é a seguinte:

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1925.

Ilmo Sr.Firmino Pereira Mello

Praça Pedro II, nº5

Maceió

Alagoas

Senhor da minha distinta consideração

Recebemos sua carta datada de 15 de Novembro e muito agradecemos as informações que nos dá sobre as nossas irradiações.

Temos a informar-lhe que até a data presente só recebemos de V.S. a importância de Rs 50000 e que já enviamos pelo correio, registrado, o respectivo recibo.

Aguardando suas prezadas ordens, queira V.S. aceitar os protestos da nossa alta estima e consideração.

Diretor-Secretário

Rio de Janeiro 24 de Novembro de 1925.

Ilm. Sr. Edwin V. Morgan.  
D.D. Embaixador dos Estados Unidos da America do Norte.  
Av. das Nações  
Rio

286

Senhor Embaixador

Recebi sua carta datada de 24 de Novembro e em resposta tenho a satisfação de informar a V.Ex. que a Radio Sociedade terá muito prazer em transmittir do seu "studio", a Proclamação Annual do Presidente dos Estados Unidos, em comemoração do Dia de Acção de Graças.

Sempre ás ordens de V.Ex., aproveito o feliz ansejo de reiterar os protestos da minha alta estima e consideração.

Director-Secretario

E. Roquette Pinto.  
Director-Secretario.

Transcrição:

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1925.

Ilmo Sr. Edwin V. Morgan

D.D. Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte

Av. das Nações

Rio

Senhor Embaixador,

Recebi sua carta datada de 24 de novembro e em resposta tenho a satisfação de informar a V.Ex. que a Rádio Sociedade terá muito prazer em transmitir de seu “estúdio”, a Proclamação Anual do Presidente dos Estados Unidos, em comemoração do Dia de Ação de Graças.

Sempre às ordens de V.Ex., aproveito o feliz ensejo de reiterar os protestos da minha alta estima e consideração.

Diretor-Secretário

E.Roquette-Pinto

Diretor Secretário.

## **IV.2 Correspondências recebidas pela Rádio Sociedade**

### **IV.2.1 Telegramas recebidos pela Rádio Sociedade**

Os telegramas e radiogramas recebidos pela Rádio Sociedade se referem, em sua maioria, a congratulações por datas festivas (aniversários, passagem de ano etc), assim como apontam solicitações de ouvintes e de órgãos governamentais e até informações policiais que poderiam ser noticiadas nas transmissões diárias.

Tais telegramas foram emitidos em diversas regiões do país e por pessoas de castas sociais distintas, que vão desde rústicos ouvintes até refinadas misses e chefes de Estado.

Abaixo, uma seleta destas correspondências, a qual permitirá, ao leitor, avaliar a amplitude e variedade de temas tratados pelos telegramas.

“DE MARIANA.

ALTO-FALANTE PÚBLICO RECEBEU, ONTEM, 21 HORAS, ÓTIMA  
IRRADIAÇÃO GUILHERME MARQUES <sup>71</sup> CONTINUAM, HOJE, FESTAS.  
AGRADECIDOS – MARIANENSE CLUBE.” <sup>72</sup>

“CEARÁ, 1904 27

PARABÉNS. BOAS RECEPÇÕES TEATRO LÍRICO DE ONTEM. ASSOMBROSA  
RECEPÇÃO PALCO JOÃO CAETANO. OUVIDA NÍTIDA CAVALARIA  
RÚSTICA. PE. SALIS HENRIQUE SOARES.” <sup>73</sup>

“RIO, 11.8.25

SIRVASE RECEBIR MI MAS PROFUNDO AGRADECIMIENTO POR SU  
AMABLE FELICITACION EM EL DIA DEL CENTENARIO DE MI PATRIA.  
ADOLPHO FLORES  
MINISTRO DE BOLIVIA.” <sup>74</sup>

“RIO,

O ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO TEM A SATISFAÇÃO DE  
APRESENTAR OS SEUS CUMPRIMENTOS PELA PASSAGEM DO DÉCIMO  
ANIVERSÁRIO DA RÁDIO SOCIEDADE, A CUJOS DIRETORES FELICITA  
CORDIALMENTE.  
RODRIGO OTÁVIO FILHO  
PRESIDENTE

---

<sup>71</sup> A pesquisa não revelou maiores dados sobre Guilherme Marques.

<sup>72</sup> Mariana é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Não foi possível deduzir a data de emissão do telegrama. Procedeu-se correção ortográfica.

<sup>73</sup> Há uma nota manuscrita, sem identificação do autor (provavelmente Roquette), acusando o recebimento do telegrama em 26/04/1926.

<sup>74</sup> Há indicação manuscrita, sem identificação do autor (provavelmente Roquette), do recebimento do telegrama na data de 11/8/1925.



O texto do telegrama acima é o seguinte:



**REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS  
ELEGRAMMA**

Procendente de \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_ Pls. \_\_\_\_\_ Da **12663** Hora \_\_\_\_\_  
 RECEBIDO de **COP** \_\_\_\_\_  
 ds **14 50** \_\_\_\_\_  
 por **ZC** \_\_\_\_\_


 ENDEREÇO **RADIO SOCIEDADE RIO JANEIRO**  
**arioca 1152**  
**RIO**



---

**FAXINA 557/NIL/9**

---

**COMUNICADO NR 10 PT FORAM EVACUADOS  
 HOJE RETAGUARDA 91 PRISIONEIRO INCLUSIVE CIVIS ENVOLVIDOS  
 NA SEDIÇÃO APIAHI ITABERA FAXINA PT GENERAL WALDOMIRO SEGUIU  
 INSPEÇÃO LINHAS DE FRENTE PT NÃO HOUVE ALTERAÇÕES NOSSAS  
 ANTERIORES POSIÇÕES PT SAOS**

---

**AMADOR CYSNEIROS  
 CAPITÃO CHEFE POLICIA**

O texto é o seguinte:

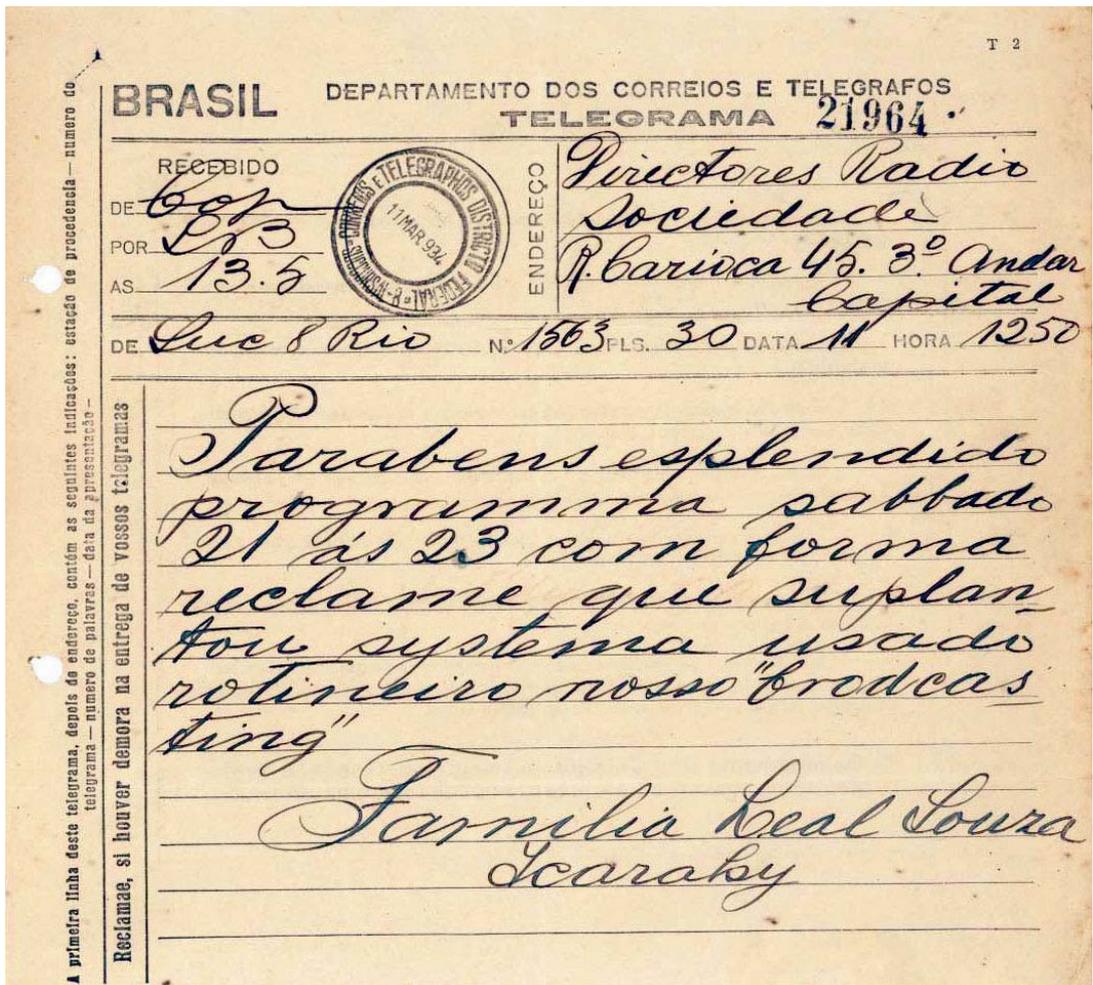
Comunicado nº 10 foram evacuados 91 prisioneiros inclusive civis envolvidos na sedição Apiahi Itabera Faxina. General Waldomiro seguiu inspeção linhas de frente. Não houve alteração em nossas anteriores posições.

Amador Cysneiros

Estes dois últimos telegramas recorrem a fatos ocorridos durante a Revolução de 1930<sup>77</sup> e que eram noticiados à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para que fossem divulgados a todos os seus ouvintes.

---

<sup>77</sup> Movimento político-militar que conduziu Getúlio Vargas à presidência do Brasil.



O texto do telegrama é o seguinte:

Parabéns esplêndido programa sábado 21 às 23 com forma reclame que suplantou sistema usado rotineiro nosso "broadcasting"

Família Leal Souza

Icarai.

Modelo N. 562 (ant. T. 2)

**BRASIL** DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS  
**TELEGRAMA** 35832

RECEBIDO

DE COP

POR CAC 14.50

AS

DE CENTRAL RIO N.º 386/BFLS. DATA 25 HORA

SNR PRESIDENTE DA RADIO

SOCIEDADE DO RIO JANEIRO

RUA DA CARIOCA NR 45 3º

ANDAR RIO

23-100-934  
CENTRAL-SHORELINE  
RIO JANEIRO

A primeira linha deste telegrama, depois do endereço, contém as seguintes indicações: estação de procedência — número do telegrama — número de palavras — data e hora da apresentação.  
Reclamar, si houver demora na entrega de vossos telegramas.

ENQUANTO NÃO FOREM BAIXADAS AS INSTRUÇÕES DE QUE TRATA O ARTIGO II PARAGRAPHO 3º DO DECRETO 21.111, DE 1º DE MARÇO DE 1932, DEVERÃO PROVIDENCIAR NO SENTIDO DE NÃO SEREM PERMITTIDO IRRADIAÇÕES DE PROGRAMMAS, PALESTRAS, DISCURSOS OU NOTÍCIAS, EM LINGUAGEM EXTRAN-GEIRAS.

SAUDAÇÕES

E. TEIXEIRA

DIRECTOR TÉCNICO DE TELEGRAPHOS

O texto do telegrama é o seguinte:

Enquanto não forem baixadas as instruções de que trata o artigo II parágrafo 3º do Decreto 21.111, de 1º de março de 1932, deverão providenciar no sentido de não serem permitidas irradiações de programas, palestras, discursos ou notícias, em linguagens estrangeiras.

Saudações.

E. Teixeira

Diretor Técnico de Telégrafos.

DR DULCÍDIO PEREIRA		Indicações de Serviço
DIRECTOR DA RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO		RADIO
RIO		
RECEBIDO	<b>Serviço Radiotelegraphico do Exercito</b>	
de PTAP		
às 16.00 dia 12.9.27		
por LCO/SR	SER CARLMO RADIO DO EXERCITO	
RADIOTELEGRAMMA DE PALACIO DO CATETE N. 13 Pts. 59 Data 12.9.27 Hora 15		
Agradeço muito penhorado as congratulações que por motivo da inauguração das estações de radio nos Palacio do Cattete e do Guanabara me dirigiu a Radio Sociedade do Rio de cujos esforços pela diffusão das communicações radiotelegraphicas no Brasil a tornam merecedora dos maiores louvores. Saudações		
Washington Luis		

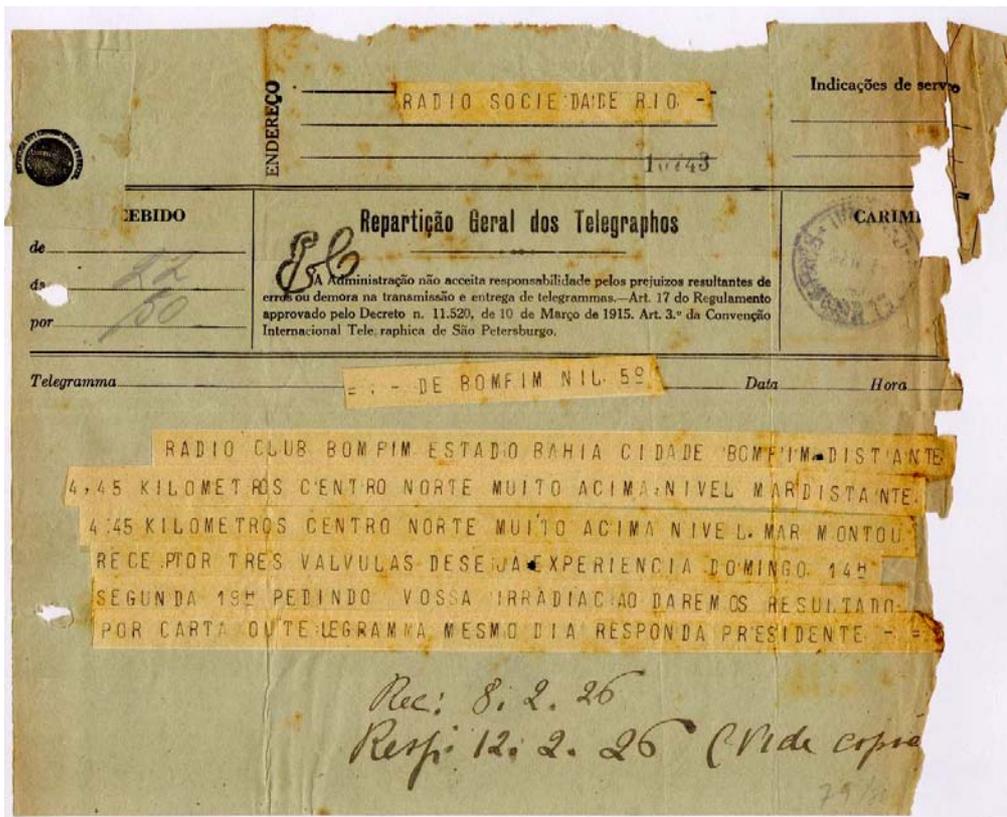
O texto do telegrama é o seguinte:

Palácio do Catete – 12/09/1927

Agradeço muito penhorado as congratulações que por motivo da inauguração das estações de rádio nos Palácios do Catete e do Guanabara me dirigiu a Rádio Sociedade do Rio de cujos esforços pela difusão das comunicações radiotelegráficas no Brasil a tornam merecedora dos maiores louvores. Saudações.

Washington Luís.<sup>78</sup>

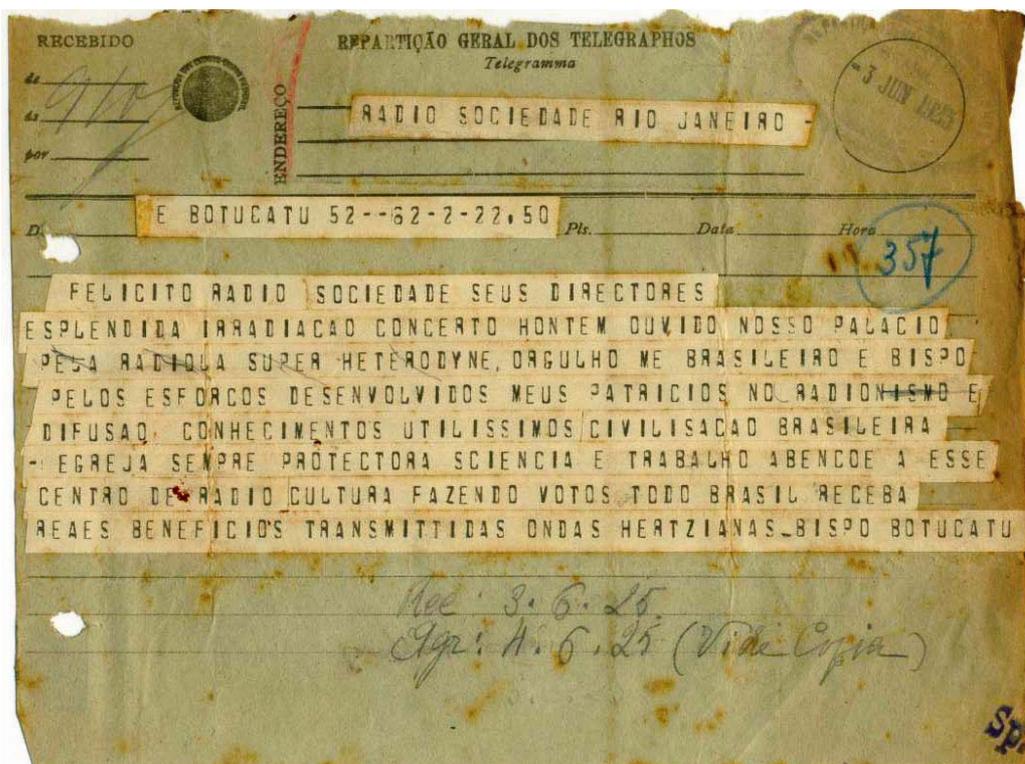
<sup>78</sup> Vide nota de rodapé n° 76, página 143.



Texto:

Rádio Club Bomfim Estado Bahia Cidade Bomfim – distante 4,45 quilômetros centro norte muito acima do nível do mar montou receptor três válvulas. Deseja experiência domingo 14h segunda 19h pedindo vossa irradiação. Daremos resultado por carta ou telegrama mesmo dia. Responda presidente.<sup>79</sup>

<sup>79</sup> Há indicação manuscrita da data do recebimento da correspondência e a data de sua resposta.



Botucatu, 3/6/1925

Felicito Rádio Sociedade e seus diretores esplêndida irradiação concerto ontem ouvido nosso palácio pela radiola super Heterodyne. Orgulho-me brasileiro e bispo pelos esforços desenvolvidos meus patrícios no radionismo e difusão. Conhecimentos utilíssimos e civilização brasileira. Igreja sempre protetora ciência e trabalho. Abençoe a esse centro de rádio cultura, fazendo votos todo Brasil receba reais benefícios transmitidos ondas hertzianas. Bispo Botucatu.<sup>80</sup>

<sup>80</sup> Há indicação manuscrita da data de recebimento do telegrama e de sua resposta.



De: Itaberaba BH, 21/4/1926

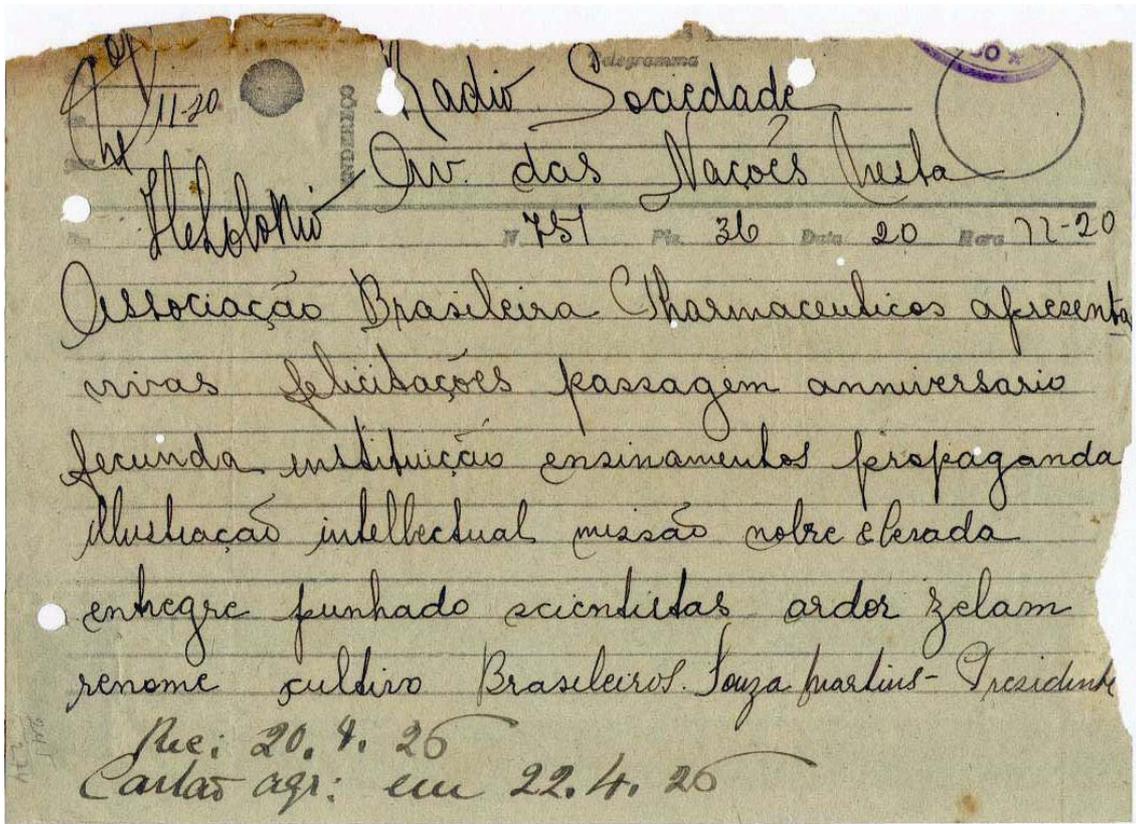
Congratulo aniversário felicitando população tem ouvido nitidez irradiações

Delirando Guarany

Isaías Mendo.<sup>81</sup>

---

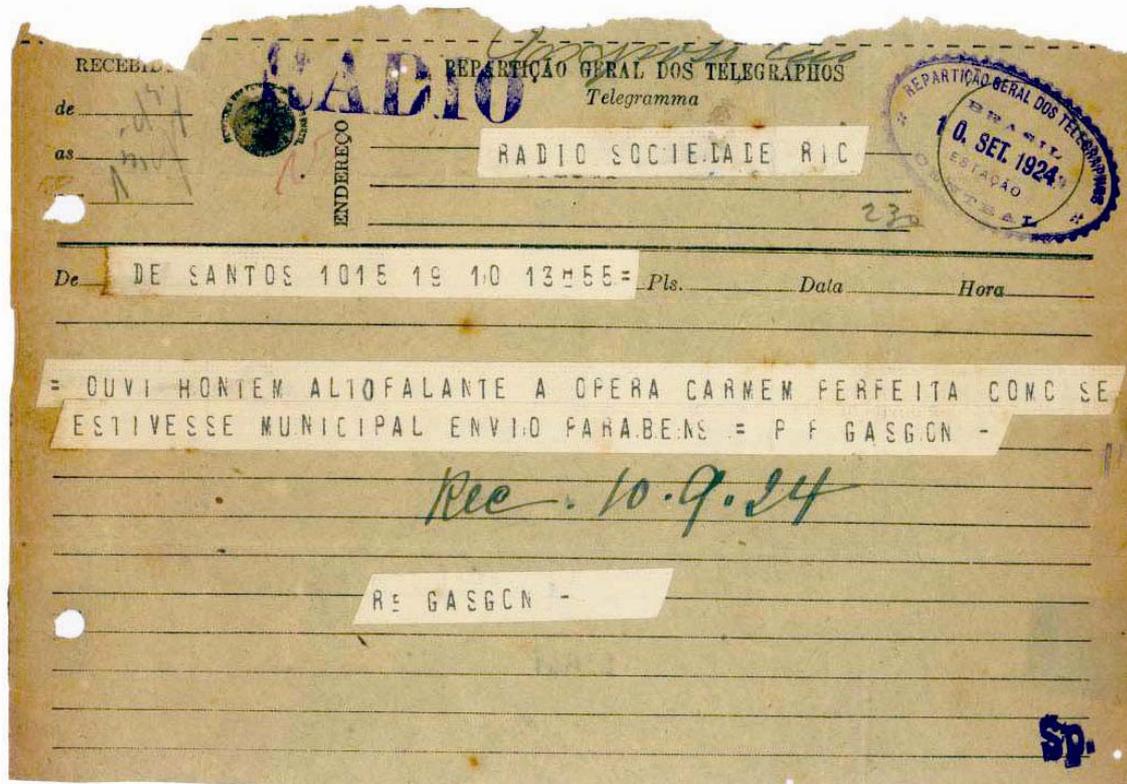
<sup>81</sup> Idem.



Texto:

Associação Brasileira Farmacêuticos apresenta suas felicitações passagem aniversário  
fecunda instituição ensinamentos propaganda ilustração intelectual missão nobre elevada.  
Integra punhado cientistas ardor zelam renome cultura brasileiros. Souza  
Martins – Presidente.<sup>82</sup>

<sup>82</sup> Idem.



Texto:

Ouvi ontem alto-falante a ópera *Carmen* perfeita como se estivesse no Municipal. Envio parabéns. P F Gasgon. <sup>83</sup>

<sup>83</sup> Há indicação manuscrita do recebimento da correspondência.

**SERVIÇO TELEFÔNICO RADIO**  
**DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS**  
**TELEGRAMMA**

T 2

**BRASIL**

RECEBIDO

DE Mobre

POR 1335

AS 1335

**25/141/333**  
**CORREIOS E TELEGRAPHOS - BRASIL**

ENDEREÇO

Radio Sociedade  
Rua Carioca 45  
Nº 40828

DE Mr. Gomez Fune N.º 309 PLS. 34 DATA \_\_\_\_\_ HORA \_\_\_\_\_

A primeira linha deste telegramma, depois do endereço, contém as seguintes indicações: —ção de precedência — número do telegramma — número de palavras — data da apresentação — hora da expedição.

Reclamae, si houver demora na entrega de vossos telegrammas.

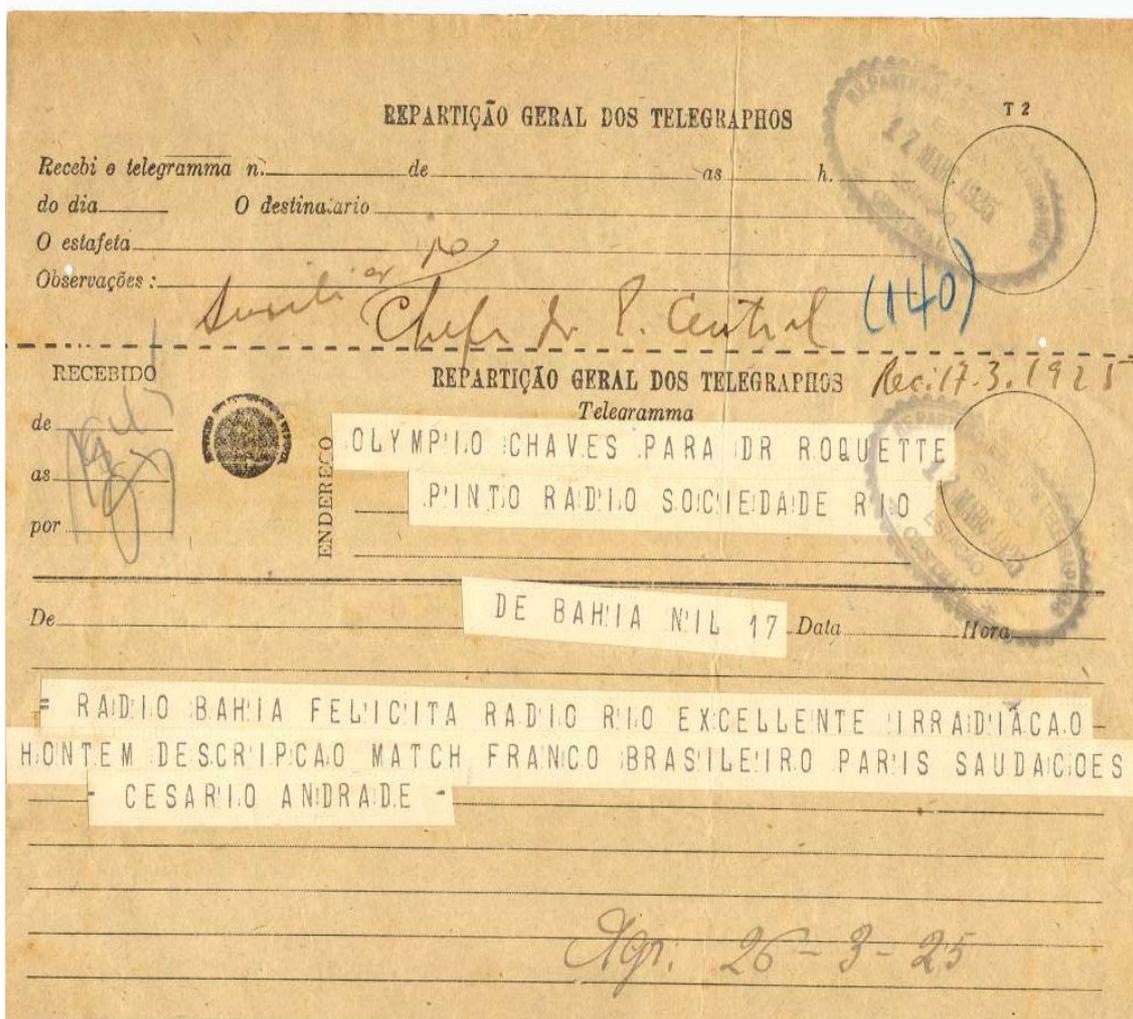
Gerente Radio P. R. A. A. parabens  
horas luso brasileira de um ouvinte  
que metia pau empresa  
hoje radiante forma inteligente  
propaganda sem xaropada  
votos continuacao optimas horas  
Gutenberg

Texto:

Gerente Rádio PRAA parabéns horas luso-brasileira de um ouvinte que metia pau empresa hoje radiante forma inteligente propaganda sem xaropada.

Votos continuação ótimas horas.

Gutenberg



Texto:

De: Olympio Chaves

Emitido em: 17/3/1925

Rádio Bahia felicita Rádio Rio excelente irradiação ontem descrição Match Franco Brasileiro Paris. Saudações.

Cesário Andrade.<sup>84</sup>

<sup>84</sup> Há indicação manuscrita da data de recebimento da correspondência e de sua resposta.



Texto:

Agradeço e retribuo votos felicidade novo ano

Getúlio Vargas.<sup>85</sup>

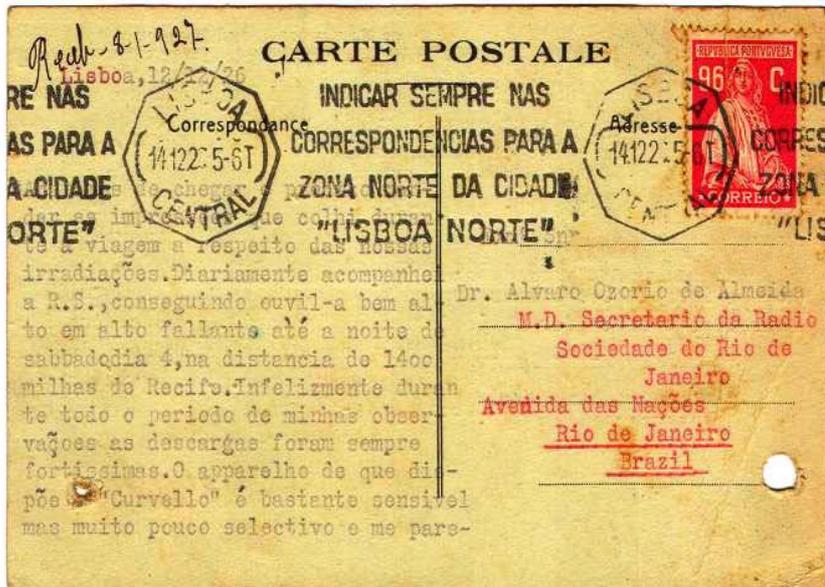
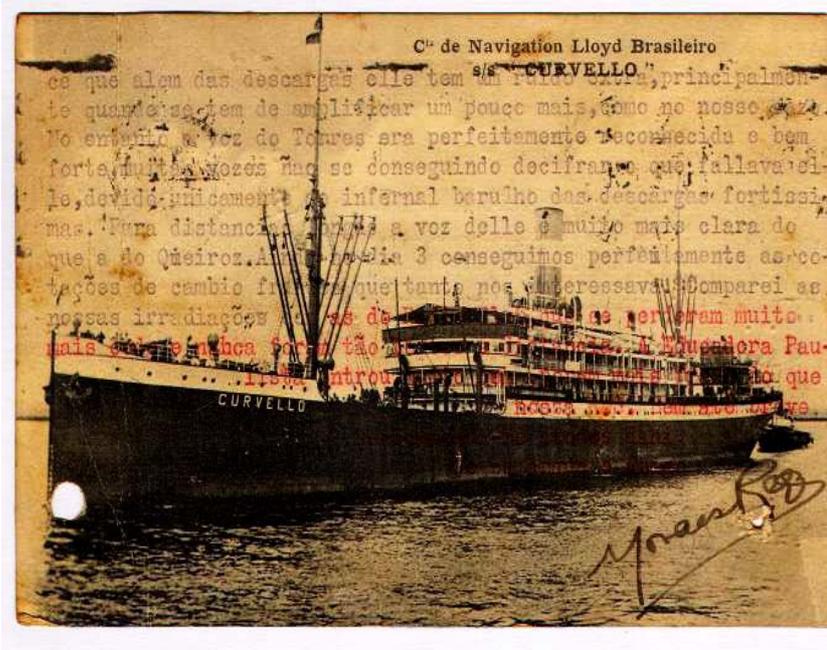
#### IV.2.2 Cartões-postais e correspondência ao portador

São encontrados, no acervo da Rádio Sociedade, vários cartões-postais emitidos por ouvintes que se encontravam em viagem ou mesmo de ouvintes do exterior.

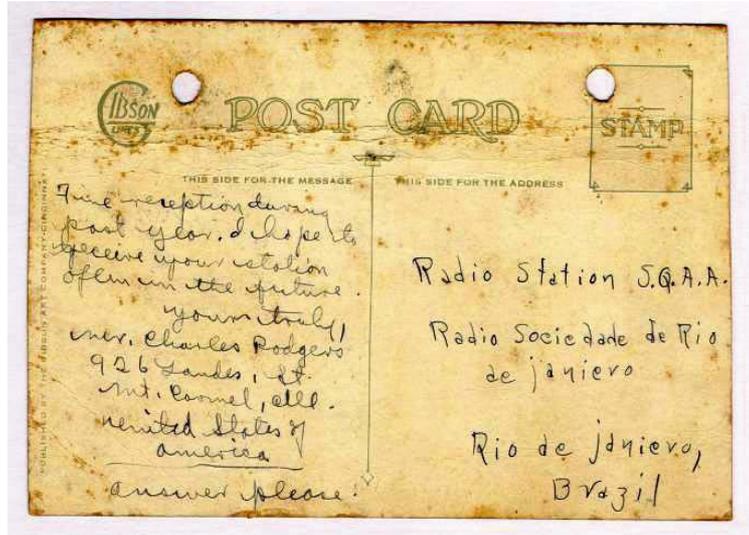
Os postais noticiavam a audição da Rádio Sociedade nos lugares em que se encontravam estes ouvintes, assim como também traziam felicitações para a emissora.

<sup>85</sup> Há indicação manuscrita da data de recebimento do telegrama.

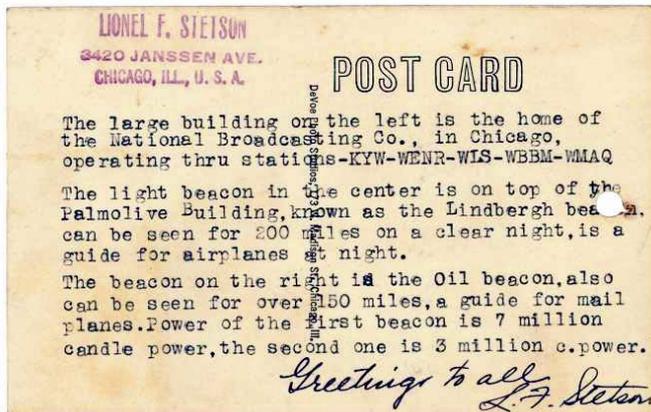
a) Portugal – Lisboa



b) Cartão de Natal



c) Estados Unidos – Chicago



d) Brasil – Paranaguá (PR)



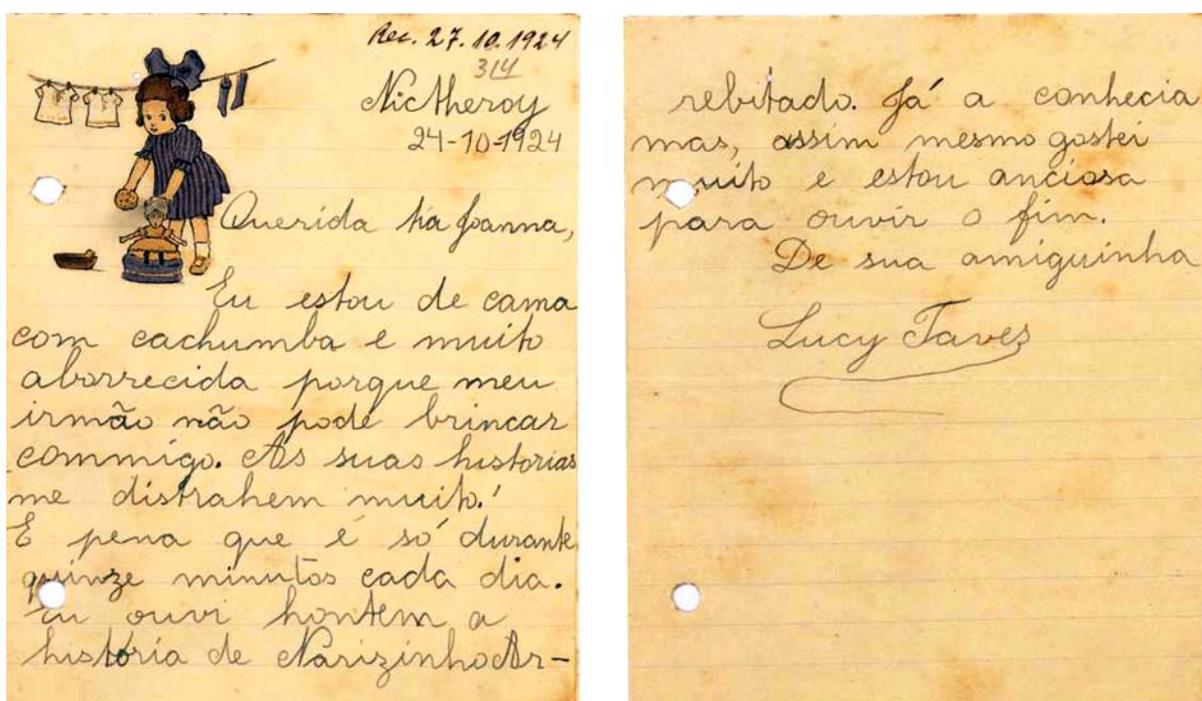
#### IV.2.3 Correspondência ao portador

Há, no acervo, alguns bilhetes ao portador, forma diferenciada de correspondência, mas não menos importante.



#### IV.2.4.1 Manifestações infantis

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro mantinha, em sua programação, programas destinados, exclusivamente, para as crianças. Um destes programas era o da Tia Joana, nos chamados programas de quarto de hora. Eram quinze minutos destinados a contar alguma fábula ou estória infantil, trazendo temas estritamente voltados para as crianças.



O texto é o seguinte:

Niterói, 24/10/1924

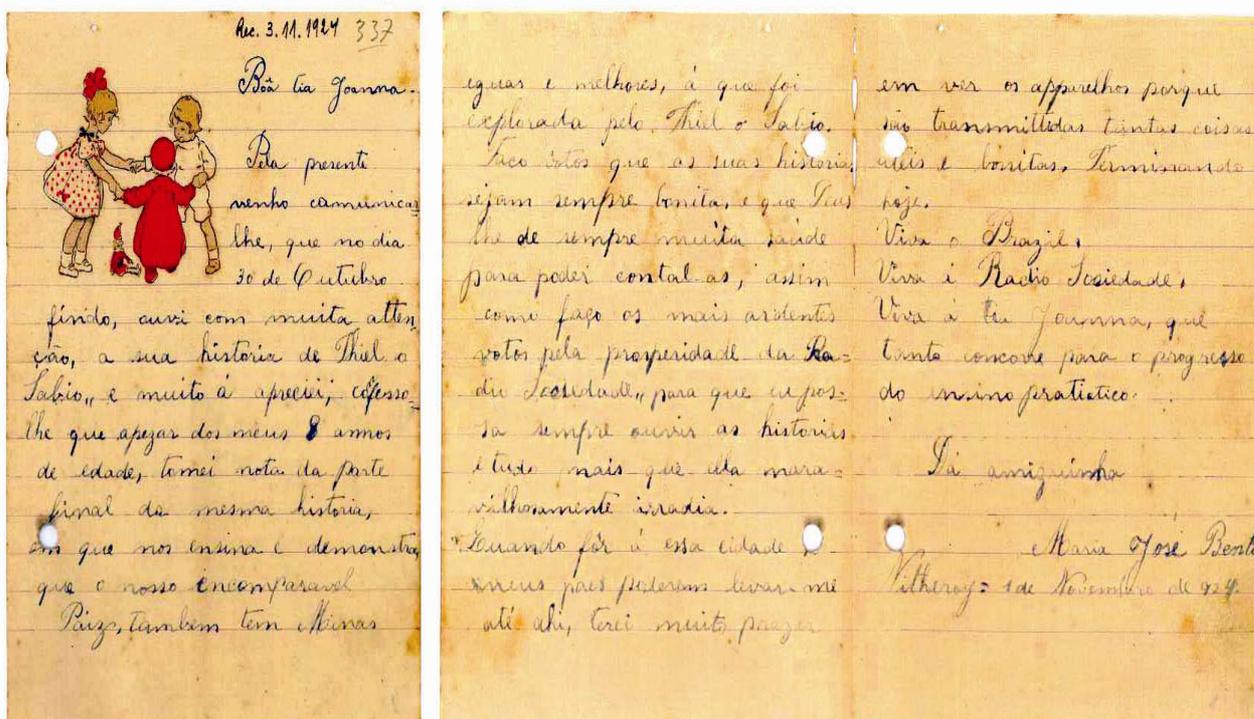
Querida Tia Joanna,

Eu estou de cama com cachumba (sic) e muito aborrecida porque meu irmão não pode brincar comigo. As suas histórias me distraem muito.

É pena que é só durante quinze minutos cada dia. Eu ouvi ontem a história de Narizinho Arrebitado. Já a conhecia, mas assim mesmo gostei e estou ansiosa (sic) para ouvir o fim.

De sua amiguinha

Lucy Taves



O texto é o seguinte:

Boa Tia Joanna,

Pela presente venho comunicar-lhe, que no dia 30 de outubro findo, ouvi com muita atenção, a sua história de Thiel – o Sábio, e muito a apreciei, confesso-lhe que apesar dos meus 8 anos de idade, tomei nota da parte final da mesma história que nos ensina e demonstra que o nosso incomparável país, também tem Minas iguais e melhores à que foi explorada pelo Thiel – o Sábio.

Faço votos que suas histórias sejam sempre bonitas e que Deus lhe dê sempre muita saúde para poder contá-las, assim como faço os mais ardentes votos pela prosperidade da Rádio Sociedade, para que eu possa sempre ouvir as histórias e tudo mais que ela maravilhosamente irradia.

Quando for a esta cidade, meus pais poderiam levar-me até aí, terei muito prazer em ver os aparelhos por que são transmitidas tantas coisas úteis e bonitas. Terminando hoje.

Viva o Brasil

Viva a Rádio Sociedade

Viva a Tia Joanna, que tanto concorre para o progresso do ensino patriótico.

Da amiguinha,

Maria José Bento

Niterói, 1º de novembro de 1924.

#### **IV.2.4.2 Cartas diversas**

Rio-16-V-1934 *Attenué*

Ex<sup>mo</sup> Sr. Dr. Rosette Porto.

Como nos outros anos, venho pedir-lhe o obsequio de consentir em que uma aluna do Colégio Jacobina leia, na Radio Sociedade, uma mensagem de paz das crianças brasileiras às dos outros países da America, por ocasião do dia da Boa Vontade. (18 de Maio)

Este ano foi escolhida a aluna Stella Rodrigo Oelávio.

Tego-lhe uma resposta indicando-lhe

a hora: nos outros anos a mensagem foi lida às 9<sup>h</sup> da noite. Seria possível a mesma?

Desde já muito grata, envio saudações,

Laura Jacobina Lacoste

P.S. Para facilitar, o Sr. poderá mandar a resposta por telefone.

Residência - 5.0348

Colégio - 5.0601

O texto é o seguinte:

Rio, 16/5/1934

Exmo.Sr.Dr.Roquette-Pinto

Como nos outros anos, venho pedir-lhe o obséquo de consentir em que uma aluna do colégio Jacobina leia, na Rádio Sociedade, uma mensagem de paz das crianças brasileiras às dos outros países da América, por ocasião do dia da Boa Vontade ( 18 de maio).

Este ano foi escolhida a aluna Stella Rodrigo Octávio.

Peço-lhe uma resposta indicando-me a hora: nos outros anos a mensagem foi lida às 9 h da noite. Seria possível a mesma?

Desde já muito grata, envio saudações.

Laura Jacobina Lacombe

Propriedade

Illmos Snrs Directores da

RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

E com grande pezar que lhes communico a contrariedade que nos vae no coração em consequencia da falta dos concertos dessa estação, isto é, da impossibilidade que temos tido em synthonizar o Rio.

Existem na nossa cidade tres aparelhos receptores e nenhum delles, de certo tempo para ca, tem conseguido mais ouvir a Radio Sociedade. Ficamos privados de tudo, das aulas de francez, das de inglez, das conferencias dos numeros de canto da Snra Telles de Menezes etc.

Peco informar se esta em concerto a nossa broadcasting, se houve alguma coisa, se alteraram a onda, enfim se pretendem para sempre nos privar das vossas emissões tão bem acolhidas aqui.

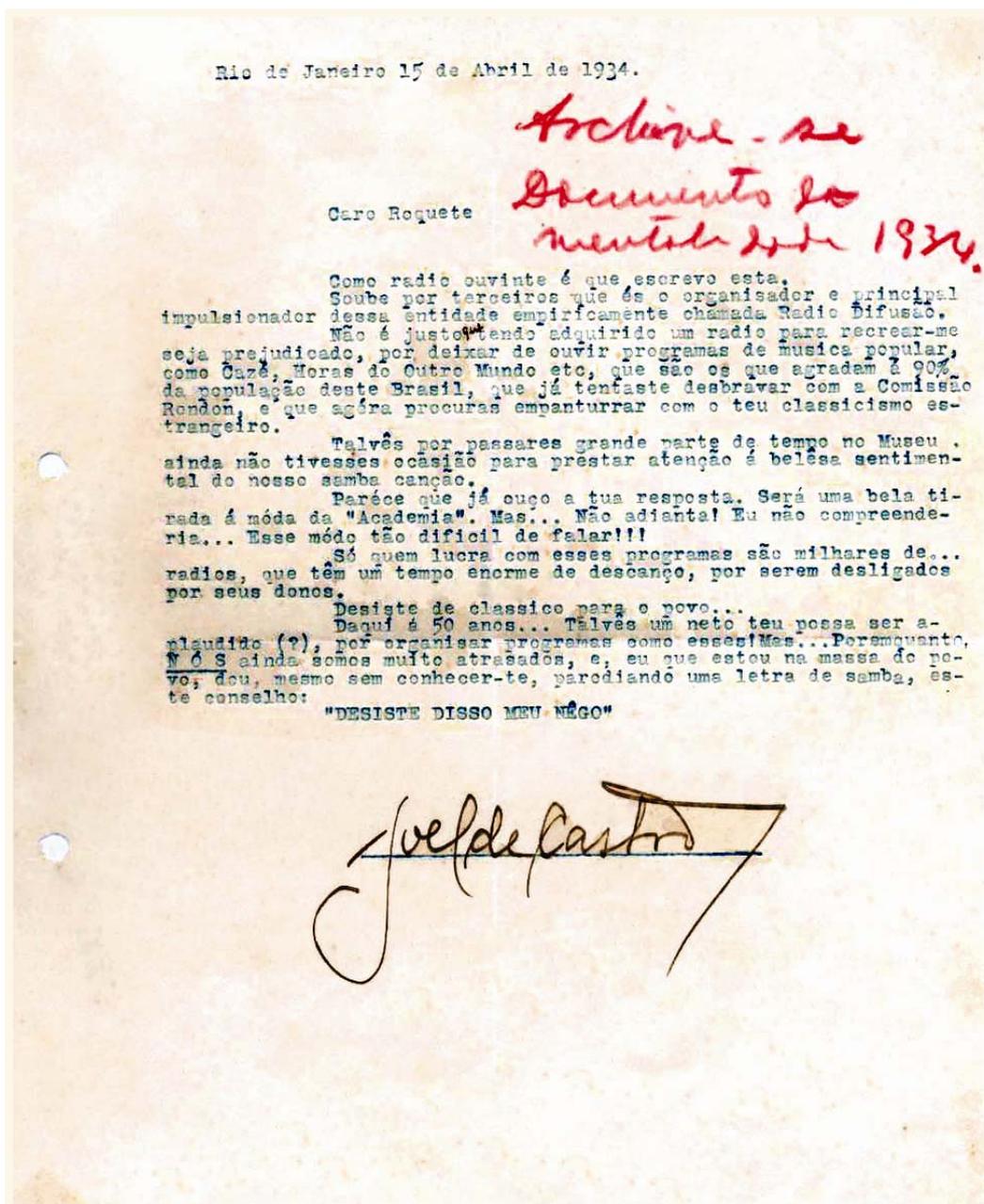
Ha mais ou menos um mez que deixamos de ouvi-la sem sabermos a causa disso. Favor dar informações.

Aqui, sempre ao dispor de VV Exs, o admirador

*Dr. Clovis Fontenelle Guimaraes*

Dr Clovis Fontenelle Guimaraes  
Canhotinho  
Estado de Pernambuco

Esta carta relata um ouvinte de Pernambuco preocupado porque na cidade não estavam mais ouvindo as transmissões da Rádio Sociedade e lamenta a perda cultural que este fato acarretaria.<sup>87</sup>



<sup>87</sup> Há observação manuscrita de que a carta foi respondida.

O texto é o seguinte:

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1934.

Caro Roquette,

Como rádio-ouvinte é que escrevo esta.

Soube por terceiros que és organizador e principal impulsionador dessa entidade empiricamente chamada Rádio Difusão.

Não é justo que tendo adquirido um rádio para recrear-me seja prejudicado, por deixar de ouvir programas de música popular, como Cazé, Horas do Outro Mundo etc., que são os que agradam a 90% da população deste Brasil, que já tentaste desbravar com a Comissão Rondon, e que agora procuras empanturrar com o teu classicismo estrangeiro.

Talvez por passares grande parte do tempo no Museu ainda não tivesses ocasião para prestar atenção à beleza sentimental do nosso samba canção.

Parece que já ouço a tua resposta. Será uma bela tirada à moda da “Academia”. Mas...Não adiante! Eu não compreenderia...Esse modo tão difícil de falar!!!

Só quem lucra com esses programas são milhares de rádios, que têm um tempo enorme de descanso, por serem desligados por seus donos.

Desiste de clássico para o povo...

Daqui a 50 anos... Talvez um neto teu possa ser aplaudido (?) por organizar programas como esses! Mas ... Por enquanto, NÓS ainda somos muito atrasados, e, eu que estou na massa do povo, dou, mesmo sem conhecer-te, parodiando uma letra de samba, este conselho:

“DESISTE DISSO MEU NÊGO”

Joel de Castro

Bahia 3. Fev. 1925

Radio Sociedade do Rio  
Avenida das Nações

Ag. prop. 7 est. 90

16.2.25

Rec. 14.2.1925

Felicito esta Sociedade pelas esplendidas irradiações que me tem proporcionado ouvir, em alto-fallante com um receptor Radio Standard de 4 valvulas, optima musica do Rio. Pena é, a interferencia de correntes parasytós, que bastante atrapalham a perfeita audição dos escolhidos programmes irradiados pela Radio Sociedade do Rio de Janeiro. Não haveria um meio para evital-as em parte?

Pelo progresso da Radio telephonia no Brasil, sempre ao intêrvo dispoñ,

Am.º obzdo.

Julio Brandão Neto  
Barra-Avenida  
Bahia

Recp. 11-9-934

Ouro Preto (Minas), 4 de Setembro de 1934.  
Rua Direita 4

Ilmo. Sr. Director Technico da Radio Sociedade do  
Rio de Janeiro.

Sr. Sr.:

Queria perdoar-me si ousar tomar a liberdade de importuná-lo com uma pergunta: qual o melhor apparelho de radio da actualidade para ondas curtas e longas, sob o tripli aspectu da selectividade, da pureza de som e do alcance?

Dou toda importancia ás duas primeiras qualidades, preferindo sacrificar a ultima.

Antes de terminar, e si me fosse permittido, ousaria ainda formular um pedido: não seria possível transferir para as 9 horas da noite, de qualquer dia da semana, o concerto relativo aos grandes mestres da musica, irradiado actualmente aos domingos ás 9 horas da manhã?

O motivo é que nesta cidade de Ouro Preto não ha energia electrica aos domingos, durante o dia.

Diz V. S. que se trata de impedimento puramente lo-

cal; ao que responderei que ha outro motivo de caracter geral, relativo a todo o interior do Brasil: é que a recepção radiotelephonica é quasi impossível durante o dia, salvo occasiões excepcionaes, me-  
horando consideravelmente durante a noite.

Agradecendo desde já a attenção que dispensar a esta carta, subscrevo-me com todo apreço

de V. S.

att. am. ob.

Alcides Ferreira

O texto da carta mostrada na página anterior é o seguinte:

Ouro Preto (Minas), 4 de setembro de 1934.

Rua Direita, 4

Ilmo. Sr. Diretor Técnico da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Prezº dr:

Queira perdoar-me se ousar tomar a liberdade de importuná-lo com uma pergunta: qual o melhor aparelho de rádio da atualidade para ondas curtas e longas, sob o triplo aspecto da seletividade, da pureza de som e do alcance?

Dou toda importância às duas primeiras qualidades, preferindo sacrificar a última.

Antes de terminar, e se me fosse permitido, ousaria ainda formular um pedido: não seria possível transferir para as 9 horas da noite, de qualquer dia da semana, o concerto relativo aos grandes mestres da música, irradiado atualmente aos domingos às 9 horas da manhã?

O motivo é que nesta cidade de Ouro Preto não há energia elétrica aos domingos durante o dia.

Diria V.S. que se trata de impedimento local, ao que responderei que há outro motivo de caráter geral, relativo a todo o interior do Brasil: é que a recepção radiotelefônica é quase impossível durante o dia, salvo ocasiões excepcionais, melhorando consideravelmente à noite.

Agradecendo desde já a atenção que dispensar a esta carta, subscrevo-me com todo apreço.

Attº. amº. obº.

Alcides Ferreira

## IV.2.5 Cartas Internacionais

FRANK A. JOHNSON, President  
"Globe Trotter"

WORLD-WIDE MEMBERSHIP

### TRANSOCEANIC ALL-WAVE DX CLUB CHICAGO, ILL.

Dear Friends:- P R A A

Chicago, Ill.  
Feb. Sat 6<sup>th</sup>/32

I am seeking information, maybe you can help me  
I have you in your employ a party  
by the name of Lopez a friend of  
mine who belongs to the Club is director  
of this information

Francisco Perez Club member got me to  
write as I am President & handle  
such affairs

Francisco Perez wanted to get in touch with  
this fellow Lopez said he thought Lopez  
was with station P R A A

Now friends you surely can write me a  
note & say yes or no in regards to  
my question and I hope this will

not put you too any extra trouble or  
inconvenience & trusting you will help these  
& fellows to get in touch with each other  
who hasn't seen each other since childhood  
days the party Lopez seemed to around  
38 years old now

Maybe you answer this, I hope so  
I remain Very truly yours Dear Sir

Frank A. Johnson.  
59 - West - 66<sup>th</sup> St  
Chicago. Illinois  
U. S. A.

If you can be of any help in  
helping me I sure will be  
grateful  
Lopez is a Singer or was  
the last time I saw Perry  
heard from him  
some years ago

**Tradução da correspondência <sup>88</sup>**

TRANSOCEANIC ALL-WAVE DX CLUB  
(Clube de Radio Escuta Todas as Ondas Transoceanic)  
Chicago, ILL.

Chicago, US  
Sábado 6 de fevereiro de 32.

88 A tradução do documento foi realizada respeitando a maneira como as palavras foram escritas e a pontuação foi feita (o que nem sempre obedece ao padrão culto da língua portuguesa), sendo que palavras entre aspas representam a tradução mais aproximada possível de trechos de compreensibilidade duvidosa devido à caligrafia.

Caros amigos: - PRAA

Eu estou procurando informação, talvez vocês possam me ajudar.

Vocês têm em seu emprego um companheiro com o nome de Lopez um amigo meu que pertence a esse clube deseja esta informação.

Francisco Perez, membro do clube, pediu me que escrevesse, uma vez que sou o Presidente eu agencio tais assuntos.

Francisco Perez gostaria de entrar em contato com este companheiro Lopez, disse que acha que Lopez estaria na Estação PRAA

“Meus” amigos, vocês com certeza podem me escrever uma nota me dizer sim ou não com relação ao meu questionamento e eu espero que isso não o tenha colocado em nenhum problema ou inconveniência, acreditando que você irá ajudar esses amigos a entrarem em contato um com o outro, estes que não têm se visto desde os dias de infância, esse companheiro Lopez é um homem de cerca de 38 anos de idade.

Talvez vocês respondam isso, espero que sim.

Eu estarei muito agradecido a vocês, caros senhores

Frank A. Johnson  
59- West-66<sup>a</sup> St.  
Chicago, Illinois  
U.S.A.

Abaixo escrito de lado:

Se vocês puderem dar qualquer ajuda, eu ficarei muito grato. Lopez é um cantor ou era, na última vez que o Senhor Perez ouviu falar dele alguns anos atrás.

Rec: 25.5.26  
 Rec: 25.5.26  
 April 28/1926  
 S.P.E.  
 Radio Sociedade do Rio de Janeiro  
 Rio de Janeiro.  
 Brazil.  
 Gentlemen:  
 Have you Been  
 Broadcasting at 2:30 AM &  
 5:00 AM Pacific Standard time.  
 I hear a new Station at 390  
 & 400 meters, I believe it is  
 on 395 meters. Morning Apr  
 27. Sad People living in  
 United States if you hear our  
 Station Please send "Calligram"  
 It is Pipe Organ I hear  
 most time. This was 3.45 AM PST.

Then on morning April 28<sup>th</sup>  
 I heard man say 5CL  
 Then he also said something  
 about Rio de Janeiro.  
 Please send me information  
 who it is I hear Broadcasting  
 Very Truly Yours  
 Donald Wright  
 Samplers Hotel  
 Terminal Island  
 Terminal, California  
 U.S.A.

Tradução:

Rec: 25/5/1926

28 de abril de 1926

S.P.E.  
 Rádio Sociedade do Rio de Janeiro  
 Rio de Janeiro.  
 Brasil.

Cavalheiros:

Vocês têm transmitido de 2:30 AM a 5:00 AM "Horário Padrão do Pacífico". Eu ouço uma nova Estação entre 390 e 400 metros. Eu acredito que seja em 395 metros. Manhã de 27 de abril. Disseram Pessoas morando nos Estados Unidos, se vocês ouvirem nossa Estação por favor nos mandem um "Calligrama". É um "Órgão de tubos" que eu ouço a maior parte do tempo. Isso era 3.45 AM PST.

Então na manhã de 28 de abril eu ouvi um homem dizer 5 C L. Então ele também disse alguma coisa sobre Rio de Janeiro.

Por favor envie-me informação quem é que ouço transmitindo.

Sinceramente,

Donald Wright  
Hotel Samples  
Terminal Island  
Terminal, California  
U.S.A.

#### IV.2.6 Convites diversos

É possível localizar, no acervo da Rádio Sociedade, um número enorme de convites das mais variadas instituições.

Tais convites tinham, certamente, dois objetivos comuns: convidar os membros da Rádio Sociedade e noticiar o evento durante as transmissões da Rádio.





A Directoria convida a  
Ex.<sup>ma</sup> Sra. Directoria da Radio  
Sociedade do Rio de Janeiro  
para a recepção de 16 1/2 às 19 1/2 horas  
a realizar-se no dia 29 de Outubro 1928

*Albuquerque*  
1.º Secretario

## ACADEMIA BRASILEIRA DE MUSICA

Para a solemnidade de posse da nova Directoria desta entidade social, a qual seguir-se-ha o 15.º Concerto da mesma e baile, temos a honra de convidar a V. Ex. e Exma. Família.

Esta festividade terá lugar no dia 24 do corrente, ás 20 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas, no salão nobre da União dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro, á rua Gonçalves Dias n. 3.

**A DIRECTORIA.**

# GRANDES KERMESSES

— NOS —

DOMINGOS 19 e 26 de Junho de 1932

DAS 16 ÀS 22 HORAS

— NA —

PRAÇA BARÃO DA TAQUARA — (PRAÇA SECCA)

— JACAREPAGUÁ —

*Em beneficio do* INSTITUTO DE  
AMPARO Á CRIANÇA (*Copo de Leite*)  
E DA ASSOCIAÇÃO DE DAMAS  
PROTECTORAS DA INFANCIA.

LEILÃO DE PRENDAS - FOGOS  
MUSICA - BARRAQUINHAS E  
-:- :- SURPREZAS -:- :-

PEDE-SE PRENDAS

Séde do Instituto — CAPITÃO MENEZES N.º 64

Séde da Associação — DR. PASSOS N.º 15

Rec. 16. 1. 1925  
Agr. 17. 1. 25

33

A Associação Brasileira de Educação, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Liga de Professores e a Liga do Ensino Secundario têm a honra de convidar V. Ex. e Exma. familia para assistirem à conferencia que o Sr. Augustin Nieto Cabellero, fundador do Gymnasio Modelo de Bogotá, fará sexta-feira, 16 do corrente, ás 17 horas, no salão da Escola Polytechnica, sobre: "Os methodos da Escola Activa".



RIO DE JANEIRO  
BRAZIL

# S. CHRISTOVÃO ATHLETICO CLUB

SÉDE E PRAÇA DE SPORTS PROPRIAS  
RUA FIGUEIRA DE MELLO, 200-202  
TEL. VILLA 2733

Secretaria, 26 de Março de 1928

Exmo. Snr. Presidente da "RADIO SOCIEDADE"

Em nome do snr. Presidente tenho a grande satisfação de remetter a V.Excia. um cartão de ingresso permanente á nossa modeste sede, durante o exercicio corrente, apresentando desde já os mais sinceros agradecimentos pela honrosa presença de V.Excia. ao nosso convivio social.

Certo de que este nosso gesto será recebido como testemunho da elevada consideração que dispensa o S.Christovão A.Club á V.Excia. aproveito a oportunidade e reitero os meus protestos de estima e consideração.

*N. J. Coutinho Soares*  
Secretario Geral

*Recibido 5-5-28.  
Respondeu - 8-5-28*

# FESTIVAL CIVICO

:: :: :: ARTISTICO — LITTERARIO :: :: ::

12 DE OUTUBRO DE 1924, ÀS 21 HORAS  
COMMEMORAÇÃO DA DESCOBERTA DA AMERICA  
NO  
INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

Em beneficio da Associação Fluminense de Escoteiros,  
festejando o glorioso feito de seu pequeno heróe  
Alvaro Silva, que fará um relatorio do seu arrojado raid

— BRASIL - CHILE —

Com o valioso concurso dos brilhantes litteratos Alberto de Oliveira, Coelho Netto e  
:: :: :: Goulart de Andrade e dos nossos maiores artistas patricios :: :: ::

POLTRONA 10\$

*Os Bacharelados de 1932 da Faculdade de Direito  
da Universidade do Rio de Janeiro, têm a honra de solicitar de  
V. Excia. e Exma. Família, o comparecimento à cerimonia reli-  
giosa que será realizada na Igreja da Candelaria, às 10 horas  
do dia 12 de Março de 1932.*



CLUB DE REGATAS BOTAFOGO

Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1932

Exmo- Snr. Presidente  
RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO  
NESTA

Tenho a honra de passar ás mãos de V- Excia. o  
ingresso permanente deste Club, para o exercicio corrente.

Esperando o prazer da companhia de V. Excia.  
em as nossas festas, aproveito o ensejo para reiterar os  
protestos de estima e consideração.

Secretario Geral



## CLUB DE REGATAS DO FLAMENGO

SPORTS AQUATICO, TERRESTRE E AEREO

RAD/LRA.  
0/4361/34

Secretaria, 29 de Setembro de 1934

Officio nº 10  
Illmo. Snr. Gerente da  
RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO  
Rua da Carioca nº 45 - 3º

Em cumprimento ao programma de festas que a Directoria organisou para solemnizar a inauguração da sede social do CLUB DE REGATAS DO FLAMENGO, que se realiza hoje, será franqueada á torcida rubro-negra amanhã, das 14 ás 22 horas, a referida sede, á Praia do Flamengo nº 66/68.

Em nome do CLUB DE REGATAS DO FLAMENGO e tendo em vista que se trata de um acontecimento excepcional, dada a sympathia popular de que goza o nosso Club, venho solicitar de sua extrema bondade e valiosa collaboração da RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO fazendo annunciar hoje e amanhã, graciosamente, aquella parte do nosso programma de inauguração da sede.

Agradecendo, muito penhorado, esse grande obsequio e o magnifico concurso que nos tem prestado, renovo-lhe os protestos de minha elevada consideração e distincta estima.

*Da. Henrique dos Santos Moura*  
Secretario

## **CAPÍTULO V**

### **O DESFECHO DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO**

O desfecho da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro se deu, formalmente, com sua doação ao Ministério da Educação e Saúde, dirigido, na época, pelo ministro Gustavo Capanema, numa cerimônia realizada no dia 7 de setembro de 1936.

No entanto, a situação da Rádio Sociedade começou a se desestruturar muitos anos antes, quando a conjuntura política e econômica do então governo Vargas, acabou tornando o rádio um empreendimento comercial por excelência, o que tornava impossível, sem apoio do governo, manter uma rádio apenas como instrumento de disseminação de cultura e educação, como queriam os precursores da Rádio Sociedade e seu principal incentivador Roquette-Pinto.

O Decreto nº 20.047, editado em 27 de maio de 1931, regulamentou a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional e estipulou, em linhas gerais, que esse serviço era considerado de interesse nacional e de finalidade educacional. O posicionamento do Governo Federal da época era manter sob sua tutela o pleno controle do setor de radiodifusão, dando um respaldo educacional para essa atividade e estabelecendo diretrizes que deveriam ser obedecidas por todas as emissoras de rádio.

Em seu art.24, o citado decreto dispôs o seguinte:

Decreto 20.047/31

(...)

Art.24 – O Governo Federal poderá, em qualquer tempo, em caráter geral, exigir que os concessionários e permissionários, dentro de determinado prazo, aperfeiçoem as suas instalações, visando especialmente a estabilização das frequências de trabalho que lhes forem consignadas.

(...)

E ainda:

(...)

Art.37 – O Poder Executivo, por motivo de ordem ou segurança pública, poderá suspender, em qualquer tempo e por prazo indeterminado, a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional, ou o funcionamento de todas as estações situadas em determinada região do país, sem que aos respectivos concessionários ou permissionários assista o direito a qualquer indenização.”

Tal decreto ainda determinou a criação de uma Comissão Técnica de Rádio, subordinada ao Ministério da Viação e Obras Públicas, que realizaria a coordenação, o estudo e se ocuparia de todos os assuntos relacionados à radiodifusão no Brasil, cuja competência era exclusiva da União.

A tentativa do governo de impor uma regulamentação do funcionamento técnico da radiodifusão no Brasil foi ainda mais aprofundada e aperfeiçoada menos de um ano após a edição do Decreto 20.047, de 27 de maio de 1931. Isso porque, em 1º de março de 1932, o Governo Federal editou novo Decreto, o de nº 21.111, que aprovou o regulamento dos serviços de radiocomunicação em todo o território nacional.

Este decreto teve crucial importância, na medida em que criou um programa de audição nacional cujo conteúdo editorial era estritamente governamental; liberou a propaganda comercial nas emissoras de rádio; e tornou obrigatória a necessidade de modernização das instalações das emissoras para estabilizar as frequências e dar maior nitidez às transmissões. É o que se vê nos artigos abaixo selecionados:

“O programa nacional é destinado a ser ouvido, ao mesmo tempo, em todo território do país, em horas determinadas, e versará sobre assuntos educacionais, de ordem política, social, religiosa, econômica, financeira, científica e artística, obedecendo à orientação que for estabelecida de acordo com o disposto neste regulamento.

(...)

Art.71 – As sociedades civis mencionadas no § 5º do art.11 deverão, dentro do prazo de dois anos, a contar da data da publicação deste regulamento, modificar as suas instalações, com o fim de manter a estabilidade das frequências nos limites que forem determinados e a pureza das irradiações, bem como localizar, se preciso for, as suas estações de maneira que estas não perturbem a recepção das irradiações de outras congêneres.

Art.73 – Durante a execução dos programas é permitida a propaganda comercial, por meio de dissertações proferidas de maneira concisa, clara e conveniente à apreciação dos ouvintes, observadas as seguintes condições:

- a) o tempo destinado ao conjunto dessas dissertações não poderá ser superior a dez por cento (10%) do tempo total de irradiação de cada programa;
- b) cada dissertação durará, no máximo, trinta (30) segundos;
- c) as dissertações deverão ser intercaladas nos programas, de sorte a não se sucederem imediatamente;
- d) não será permitida, na execução dessas dissertações, a reiteração de palavras ou conceitos.”

A edição dos decretos mencionados tornou a comunicação radiofônica largamente comercial, exigindo, ainda, que as emissoras fizessem investimentos em recursos tecnológicos para atender aos padrões de nitidez de transmissão exigidos pelo governo.

Tais diretrizes iam de encontro às funções e usos sempre traçados por Roquette-Pinto, que viu fracassar seu ideal de criar e manter uma estação de rádio não comercial, voltada para a cultura e educação em massa, como estava previsto, inclusive, em suas estipulações estatutárias.

Para não desvincular a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro de sua função original, a saída encontrada por Roquette-Pinto foi doá-la a um órgão governamental que se interessasse e se comprometesse com os propósitos educativos da emissora. Com este intuito, Roquette convocou a assembléia dos associados da Rádio Sociedade para tratar do tema, cuja ata da reunião encontra-se a seguir transcrita.

---

## V.1 ATA DA ASSEMBLÉIA DOS SÓCIOS DA RÁDIO SOCIEDADE

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DOS SÓCIOS EFECTIVOS DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO DE TRÊS DE SETEMBRO DE 1936.

Aos três dias do mês de setembro de 1936, às 17 horas, na Sede Social, à rua da Carioca, 45, 3º andar, na cidade do Rio de Janeiro, reuniram-se os sócios efetivos da Rádio Sociedade, cujos os (sic) nomes constam do livro de presença, em Assembléia-Geral, terceira convocação.

Nos termos dos estatutos assumiu a presidência o Diretor Dr. Ernesto Otero, na falta de Presidente Efetivo, Dr. Álvaro Ozório de Almeida, que deixou de comparecer por motivo justificado. Serviu como secretário o atual Diretor-Secretário da Rádio Sociedade, Cauby C. Araújo, o Presidente deu a palavra ao Diretor-Secretário, que fez minuciosa exposição da situação atual da radiodifusão no Brasil, mostrando que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro não poderá continuar os seus serviços de radiodifusão, senão sofrendo profunda remodelação na sua própria organização, deixando de ser instituição puramente educativa, como tem sido, para adquirir caráter comercial, à vista das exigências da atual legislação em vigor. À vista do exposto, o Sr. Presidente pediu aos sócios presentes que resolvessem a respeito. O Prof. Roquette Pinto diz que por estar de acordo com a exposição feita tomou a iniciativa de dar os primeiros passos para, nos termos do artigo 20 dos estatutos, suspender as suas irradiações, entregando ao Ministério da Educação as suas instalações transmissoras, compreendendo a estação Marconi e o Estúdio, sob condição de manter o Governo os atuais funcionários e assumir a responsabilidade decorrente do contrato de aluguel da casa onde se acham funcionando as referidas instalações. Deu conhecimento à Assembléia

de uma carta do Sr. Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação nos seguintes termos: “Meu Caro Professor Roquette Pinto – Tenho muita satisfação em comunicar-lhe que o Sr. Presidente Getúlio Vargas me autorizou a aceitar o oferecimento contido em sua carta de 1º deste mês, reiterado na de 14, também do flúente no sentido de propor o prezado amigo, em Assembléia da Rádio Sociedade, a entrega dessa estação transmissora ao Ministério da Educação e Saúde Pública, que a confirmaria na sua feição educadora e conservaria, mediante contrato, os seus atuais empregados. Na expectativa, pois, de satisfatório seguimento do assunto e reiterando ao ilustre amigo os meus agradecimentos pela sua alta preocupação de servir aos nossos interesses educacionais, subscrevo-me cordialmente. (a.) Gustavo Capanema – Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1936.” Posto em discussão o assunto, a assembléia resolveu por unanimidade de votos:

- 1º - Aumentar para dez mil réis a mensalidade dos sócios efetivos;
- 2º - Aprovar as contas e os atos da Diretoria, autorizando a solver todos os compromissos da Rádio Sociedade, por ventura (sic) ainda existentes;
- 3º - Suspender provisoriamente as suas irradiações, entregando ao Ministério da Educação a sua estação transmissora PRA 2, em pleno e perfeito funcionamento à rua da Carioca, 45 – 3º andar, mediante uma ata que será assinada pelo Senhor Ministro da Educação e pela Diretoria da Rádio Sociedade. Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente, mandou lavrar esta ata, que feita por mim, Diretor Secretário Cauby C. Araújo, lida e achada conforme e unanimemente aprovada. (a. ) Cauby C. Araújo, Diretor Secretário. (a. ) Ernesto Otero.

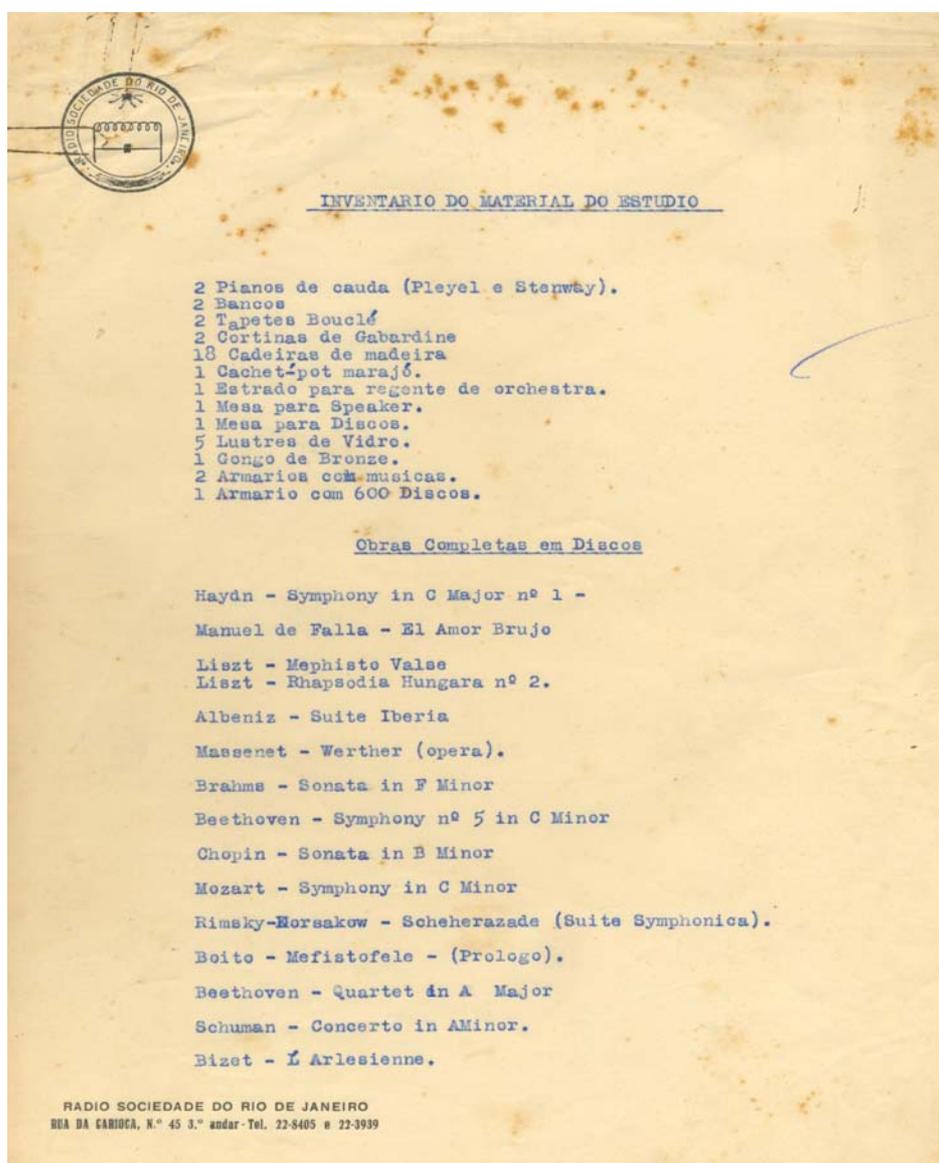
Fls. 42 e seguintes do Livro de Atas, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. <sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Transcrição do Livro de Atas da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Acervo RS.

## V.2 INVENTÁRIO DE BENS E DE FUNCIONÁRIOS DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

A seguir documentos, constando o inventário dos bens do estúdio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e também a relação de seus empregados.



Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.



Relação dos empregados da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Beatriz Roquette Boyunga - Chefe Departamento Infantil		500\$000
Lucio de Oliveira Mesquita	Caixa	1:300\$000
Augusto Miranda	Guarda Livros	150\$000
João Labre Junior		1:000\$000
René Cavé	Chefe Secretaria	600\$000
Pedro Autran de Abreu	Aux. Secretaria	350\$000
Ignacio de Almeida Guimarães	Speaker	900\$000
Jorge Wandery	Aux. Operador	400\$000
José Maria de Araujo	Cobrador	300\$000
Alberto Jooris	Continuo	120\$000
Cassiano Branco Moreira	Vigia	270\$000
Matheus Collaço	Aux. Operador	300\$000
		<u>6:190\$000</u>

---

### V.3 Carta de Gustavo Capanema para Roquette-Pinto <sup>90</sup>

No acervo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, encontra-se a resposta de Gustavo Capanema à carta emitida por Roquette-Pinto em 1/8/1936, cujo teor é o seguinte:

“Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1936.

Meu caro professor Roquette Pinto,

Tenho prazer em acusar recebimento de sua carta de 1º de agosto e em agradecer a comunicação, nela contida, de que é seu pensamento propor a entrega das instalações transmissoras da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação, desejando antes, porém consultar-me a respeito dessa iniciativa.

Certamente que receberei com viva simpatia qualquer gesto da Rádio Sociedade, no sentido de incorporar ao Ministério a sua aparelhagem de radiodifusão. Estação que se fundou com objetivos culturais, esses objetivos estariam resguardados e poderiam, mesmo, alcançar maior desenvolvimento, com a entrega que o ilustre patricio tem em vista. Assim, quero agradecer-lhe, qualquer que seja o andamento desse assunto, o pensamento elevado que lhe acudiu e que diz bem do seu infatigável devotamento à causa da educação popular no Brasil.

---

<sup>90</sup> A carta original integra o acervo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e foi datilografada em papel timbrado do Gabinete do Ministro Gustavo Capanema, então Ministro do Ministério da Educação e Saúde Pública do governo Getúlio Vargas. No final da missiva, o ministro após sua assinatura. Foi efetuada atualização ortográfica no documento.

Parece-me, porém, que tal doação deveria ser feita ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, de vez que esse é o órgão pelo qual o Governo Federal faz, normalmente, o seu serviço de radiodifusão.

Agradecendo a fineza de sua resposta, apraz-me enviar ao ilustre amigo a segurança do cordial apreço em que o tem.

Seu patr<sup>o</sup>, am<sup>o</sup> e adm<sup>o</sup>r.

Gustavo Capanema

Em resposta, Roquette insistiu que fosse o Ministério da Educação e Saúde o responsável pelo recebimento e prosseguimento das atividades da Rádio Sociedade, o que foi, então aceito pelo presidente Getúlio Vargas e formalizado pelo Termo de Recebimento que está abaixo.

---

### **V.3 Termo de Recebimento da Rádio Sociedade**

Termo de recebimento da estação Rádio Difusora PRA 2, doada pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Saúde Pública, como abaixo se declara.<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> Acervo Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Aos sete dias do mês de setembro de mil novecentos e trinta e seis na sede da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, à rua da Carioca número quarenta e cinco, terceiro andar, nesta Capital, presentes o senhor Hilário Luiz Leitão, Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Educação e Saúde Pública designado pelo Aviso número G – duzentos e trinta, de cinco do corrente mês, para em nome do mesmo Ministério receber a estação Rádio Difusora PRA 2, doada ao Governo pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e a Diretoria da mesma Sociedade constituída dos senhores Dr. Álvaro Ozório de Almeida, Presidente Efetivo, representado neste ato pelo Almirante Moraes Rego, Membro do Conselho Diretor. Dr. Cauby de Araújo, Secretário, Dr. Álvaro Alberto, Tesoureiro, foi por ele declarado que de acordo com a resolução da Assembléia Geral dos Sócios Efetivos da mesma Sociedade, realizada em três do corrente mês, entregava ao Ministério da Educação e Saúde Pública suas instalações transmissoras, compreendendo a estação Marconi e o estúdio, conforme discriminação constante da relação anexa, devidamente autenticada, sob a condição de conservar o Governo os atuais funcionários enquanto mantiver o serviço de Rádio Difusão e assumir a responsabilidade do contrato de aluguel da sede onde ela está instalada, tudo conforme se vê da ata da referida Assembléia Geral, em cópia junta, que fica fazendo parte integrante deste termo o qual em duas vias depois de lido e achado conforme vai por mim assinado e por todos os membros da Diretoria da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro acima referidos pelas testemunhas e demais pessoas presentes ao ato. Rio de Janeiro, sete de setembro de mil novecentos e trinta e seis.

Formalidades atendidas, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro passou a se chamar Rádio Ministério da Educação, popularmente, Rádio Ministério ou Rádio MEC.

Selava-se ali o propósito iniciado pelos membros da Academia Brasileira de Ciências de efetivar uma verdadeira revolução nacional, disseminando educação de massa pelas ondas do rádio.

Roquette continuou vinculado, a pedido de Gustavo Capanema, a várias iniciativas governamentais ligadas à educação, seja na rádio ou no cinema educativos. Tornou-se, pela sua trajetória, importante figura no cenário da comunicação brasileira, merecendo assim todo o destaque a ele concedido neste trabalho.

---

#### **V.4 Entrevista com Beatriz Roquette-Pinto Bojunga <sup>92</sup>**

*Por favor, explique o que levou a Rádio a ser doada.*

Foi o seguinte: a Rádio Sociedade, quando foi dada ao Governo, estava com suas contas em dia, tudo pago, não devia a ninguém; estava funcionando maravilhosamente bem. Mas, o dr. Roquette-Pinto não deixava, por exemplo, fazer anúncio da Casa Mathias, anúncio de bebida (...).

O prefixo da PRA2, quando foi doado ao Governo e está no ar até hoje, transformou-se, em 1936, na Rádio Ministério da Educação e Cultura. A primeira emissora educativa do país, núcleo de onde se originaram dezenove emissoras de rádio e as vinte emissoras de televisão, hoje vinculadas à programação educativa do MEC. Somadas às emissoras em implantação, pode-se dizer que Roquette-Pinto criou a matriz de nada menos que 46 emissoras dedicadas à formação do cidadão brasileiro, eu acho isso muito importante. Eu digo que a rádio foi doada, porque muita gente diz: "Ah, mas os canais são do Governo, ele não tinha que doar uma coisa que não era dele, foi cedido..." Vai perguntar ao Roberto Marinho ou ao Bloch se eles vão reverter os canais.

---

<sup>92</sup> Beatriz Roquette-Pinto Bojunga é filha de Roquette e o texto apresentado são trechos da entrevista que ela concedeu para o programa especial sobre Roquette-Pinto, gravada em maio de 1990, ao radialista Renato Rocha. A íntegra da entrevista está em arquivo de áudio que compõe o CD, anexo deste livro.

Ele viu que não poderia aumentar a Rádio para poder competir com as outras e, para aumentar, não havia dinheiro necessário. Se ele quisesse fazer anúncio, faria como outra qualquer, aí estaria como outras, como a Tupi, como a Nacional, mas ele não queria.

Eu me lembro como se fosse hoje, ele me chamou, a mim e meu irmão, nós ficamos de cada lado assim e ele sentado, eu de um lado, meu irmão do outro. Ele disse "Olha, eu chamei vocês dois porque eu sou um homem pobre. Eu só tenho de fortuna hoje, realmente fortuna, este prefixo desta Rádio e meu ideal é que ela nunca se transformasse, porque foi fundada para educação do povo (...). Eu me levantei e disse "Papai, é seu ideal?" Ele disse "*É, minha filha.*" Eu digo "Então faça. É tão raro um homem conseguir realizar seu ideal na vida! Um ideal tão bonito. Papai, faça!" Dei um beijo nele, um só não, mais. Mas foi frio, sem emoção, sem nada.

Ele mandou uma carta ao Capanema, perguntando se o Ministério da Educação se interessava pelos canais. E a doação toda tinha móveis e tudo! A Rádio estava montada! Inclusive, seis funcionários, desde a fundação. O dr. Capanema respondeu dizendo que "*O presidente Getúlio Vargas mandava agradecer muito e que aceitava, em nome do Governo, a Rádio*". Papai mandou outra carta: "*Vossa Excelência não me entendeu. Eu não estou doando esta Rádio ao Governo do Brasil. Estou doando à educação do meu povo, da minha gente.*" Então ela ficou vinculada à Educação. O Capanema aceitou e a solenidade foi no dia 7/9/1936.

Quem pôs os selos nos móveis fui eu com o Drummond e o Garrenaud, eles eram Oficiais de Gabinete do Capanema. Eu me lembro, eu e o Drummond botando selos, por isso ele sabia da história toda da Rádio. E nesse dia, o meu pai fez um discurso e acabou assim: "Entrego esta Rádio, com a mesma emoção com que se casa uma filha." E veio chorar comigo num corredorzinho que tinha na rua da Carioca.

(...)

*A senhora poderia falar outra vez a respeito desse ideal, o que ele sonhava para essa Rádio?*

Uma das coisas que se pode entender muito bem é que o ideal do Roquette-Pinto era ter a Rádio Sociedade, ele queria mais uma cultura do que escola. Ele queria uma coisa mais geral. É aquilo que eu estava explicando sobre educação, instrução. Porque aqui confundem muito – tudo é cultura. Você tem que ter uma parte de cultura e uma parte de educação. É verdade que, com a cultura, muitas vezes vem a educação, mas nem sempre, porque é assim. Como Roquette dizia: "Educar é criar hábitos de significação social." Então, ele não queria. O ideal dele era que a Rádio Sociedade irradiasse boa música, ensinasse as pessoas, enfim, transmitisse textos bonitos, um bom jornal, limpo, sem direita, sem esquerda, sem frente, sem atrás, um jornal corrido. Porque o seu ideal era que o pessoal todo que está no Brasil afora, entendesse que "A Rádio é escola". Então, eu acho que o ideal dele é que mantivessem essa parte e o lema *dele está dizendo*: "Pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil!"

Isso é que era o ideal dele.

---

## V.5 Carlos Drummond de Andrade <sup>93</sup>

### Acabaram de Ouvir <sup>94</sup>

Foi há 25 anos. Lembro-me bem. Roquette-Pinto tomou o elevador do Edifício Rex e procurou, no 16 ° andar, o ministro Gustavo Capanema. Ia dar-lhe de graça o prefixo, o equipamento, a tradição da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Tudo isso, que parecia pequeno e era imenso, passava a pertencer ao Ministério da Educação, sem qualquer indenização aos proprietários, todos eles professores, cientistas, homens de letras. Nada, nada? Apenas uma palavra Roquette queria receber em troca de sua emissora.

---

<sup>93</sup> Carlos Drummond de Andrade era chefe de gabinete do Ministro Gustavo Capanema, em 1936, ano da doação da Rádio Sociedade para o Ministério da Educação e Saúde.

<sup>94</sup> Crônica de Carlos Drummond de Andrade, publicada na coluna "Imagens no tempo", no jornal Correio da Manhã em 1961, comemorando os 25 anos da Rádio MEC.

– E que palavra é essa?

– O compromisso de que a Rádio continue a fazer obra cultural e nunca, de forma alguma, faça política.

A palavra foi dada. Preparou-se a transferência legal, e no entardecer do dia 7 de setembro de 1939, este cronista subia com Capanema um outro elevador, rangente e reumático, num velho prédio da rua da Carioca. Íamos para o estúdio da Rádio Sociedade, onde se realizaria a cerimônia oficial da entrega da estação pioneira ao poder público. Mestre Roquette, comovido. Seus companheiros não disfarçavam a emoção. Pendiam lágrimas dos olhos de Beatriz Roquette-Pinto Bojunga. O ato tinha qualquer coisa de casamento no seio de uma família muito unida, que via a filha sair nos braços do rapaz escolhido livremente, sim, um excelente rapaz, tudo estava ótimo, os dois seriam muito felizes, mas...quem sabe? Era uma separação, um dilaceramento de fibras íntimas. Os assistentes bateram palmas. Saímos todos vagamente melancólicos.

Mas o casamento deu certo, e agora que se celebraram as bodas de prata podemos dizer que a união foi abençoada. A antiga emissora particular, alheia à competição comercial, não tinha condições para subsistir.

Ao Ministério da Educação, por sua vez, faltava qualquer experiência no ramo, e teria que improvisar tudo, se não ganhasse o admirável presente de técnicos e boas-vontades. Capanema cumpriu rigorosamente a promessa e marcou a orientação a ser seguida mesmo quando tudo em volta parecia mergulhar em propaganda oficial, Roquette passou depois a direção a Fernando Tude de Sousa, que lhe honrou os ensinamentos e fez da PRA-2 o que ela é. Emissora singular no país, todo o seu tempo está consagrado à obra educativa e civilizadora dos brasileiros: arte, literatura, conhecimento científico, informação geral, diversão amena ali se reúnem e dali se espalham pelo Brasil, sem que essa mistura jamais se torne monótona. Sua história é um lembrete cortês aos que fazem rádio, e muitas vezes o fazem tão mal. Este lembrete não tem sido inútil. Outras emissoras oficiais fazem o que podem para não desmerecer. Há

nas emissoras particulares alguns programas que não seriam possíveis se a estação de Roquette-Pinto não houvesse habituado o público a exigir do rádio mais do que este costuma dar-lhe.

Ainda agora, com a PRA-2 e plena renovação por artes do inquieto e imaginoso Murilo Miranda, assistimos ao aumento espetacular do seu índice de audiência, e isto se faz sem concessão ao mau gosto, pela preservação e aprimoramento de um nível quase impecável.

Esta é uma crônica de saudades. Saudade do querido Roquette-Pinto, cuja bela voz parece-me escutar ainda, locutor ele próprio numa emissora de sábios e educadores, puro sonho, lírica maluquice de alguns homens que amavam sua terra e queriam servir a seu povo. Maluquice e sonho que floresceram. Mudando de nome, a casa não mudou de alma.

*Carlos Drummond de Andrade*

## CONCLUSÃO

A realização do presente trabalho foi capaz de ressaltar a importância da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e seu significado para a história do Brasil, das comunicações, da educação e da cultura do povo brasileiro.

A socialização de parte da documentação que compõe o seu acervo e o destaque do papel desempenhado por Roquette-Pinto, idealizador da Rádio Sociedade e protagonista da organização de seu acervo e de seu desenrolar institucional, demonstraram a importância histórica do material pesquisado.

A emissora surgiu no seio da comunidade científica brasileira e viveu momentos gloriosos, irradiando uma programação que contava com a participação de muitos intelectuais famosos, entre os quais membros da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências, professores do Museu Nacional, artistas e cantores de renome, personalidades internacionais, numa época em que os astros do rádio tinham fama nacional e eram populares.

Durante os treze anos de sua existência, esta rádio manteve uma programação estritamente cultural e foi precursora da idéia do rádio educativo. Seu ideal, contudo, continua extremamente atual, tendo em vista que ainda se discute, na área educacional, como educar aplicando-se os processos tecnológicos hoje existentes e disponibilizando-os para a população.

O objetivo geral do trabalho foi organizar uma coletânea de documentos, priorizando o acervo da Rádio Sociedade, com vistas a socializá-lo por meio de uma publicação acadêmica. O conjunto completo do acervo reúne mais de cinco mil itens, entre livros de registros, atas, cartas de leitores, partituras, algumas fotografias e a bandeira da instituição. Também existem reportagens publicadas nos jornais da época e revistas especializadas em radiodifusão, mas a maior parte do acervo é composta por manifestações dos ouvintes da rádio, o que representa mais de quatro mil itens do

universo total de documentos. É bom ressaltar que trata-se do arquivo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mas ele foi colecionado por Roquette-Pinto, que pode ser considerado seu titular.

Este material proporcionou a análise da trajetória da Rádio Sociedade e das relações mantidas entre ela e seus ouvintes, bem como demonstrou o seu amplo alcance territorial e social.

Nesta coletânea, a figura de Roquette-Pinto e de outros personagens, o contexto em que foi fundada e funcionou são apresentados e ilustrados através do uso de uma documentação textual e audiovisual.

O resultado do trabalho foi extremamente satisfatório, pois propiciou um olhar especial para a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com várias possibilidades de outras pesquisas, seja no campo histórico, sociológico ou das comunicações, sendo possível, ainda, aprofundar a pesquisa em diversos pontos que foram desenvolvidos de maneira mais sucinta, seja na análise das revistas editadas pela Rádio Sociedade, das correspondências dos ouvintes ou ainda discutir o papel do rádio naquele momento histórico ou mesmo desenvolver a biografia de Roquette-Pinto e sua enorme produção intelectual.

Este é um trabalho que pode ser o início de inúmeros outros, que, com certeza, enriquecerão a literatura e o conhecimento sobre a história da primeira rádio educativa fundada no Brasil.

Que seja uma semente a render bons frutos!

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alzira Alves de et al. (org). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, v.II.
- BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os intelectuais da Educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Coleção Descobrimdo o Brasil).
- BORGES, Vavy Pacheco. “Grandezas e misérias da biografia”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- CALABRE, Lia. *O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940-1946)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A Era do Rádio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (Coleção Descobrimdo o Brasil).
- \_\_\_\_\_. “Políticas Públicas Culturais de 1924-1945: O rádio em destaque.” In. *Revista Estudos Históricos*, n. 31, 2003.
- CASTRO, Ruy. “Roquette-Pinto: o homem multidão”. *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro, 1996.
- DANGELO, Newton. “Ouvindo o Brasil: o ensino de história pelo rádio - décadas de 1930/40”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.18, n.36, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- FUNDAÇÃO Roquette-Pinto, *Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC*, Rio de Janeiro, 1996.

- GOMES, Ângela de Castro. “A escola republicana: entre luzes e sombras”. In: \_\_\_\_, PANDOLFI, Dulce, ALBERTI, Verena; FREIRE, Américo et al. (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- \_\_\_\_\_. *História e Historiadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- LÉVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: REMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, FGV, 2003.
- LORIGA, Sabrina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação. Mestrado em Ciências da Informação, IBICT e Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- MATEUS, Roberto Ruiz de Rosa. *Edgard Roquette-Pinto: aspectos marcantes de sua vida e obra*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1984.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Escola Nova (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.
- MILANEZ, Liana (org) *Rádio MEC: herança de um sonho*. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília e Almeida Neves (orgs). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil republicano; v.2).
- PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ROCHA, Amara. *Nas Ondas da Modernização – O Rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, FAPERJ, 2007.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Ensaio de antropologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933 (Coleção Brasileiras).

\_\_\_\_\_. *Rondônia*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950 (Coleção  
Brasilianas).

\_\_\_\_\_. *Seixos rolados. Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: s/editora, 1927.

ROSA, Cristina Souza. *Para além das fronteiras nacionais – Um estudo comparado  
entre os institutos de cinema educativo do Estado Novo e do Facismo (1925-1945)*.  
Tese. Doutorado em História da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: REMOND, René (org.) *Por uma  
história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, FGV, 2003.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio Nacional: O Brasil em  
sintonia*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

VENÂNCIO, Giselle Martins. “Cartas de Lobato a Viana: uma memória epistolar  
silenciada pela história”. IN GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita  
da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Escola Nova e Processo Educativo”. In: LOPES, Eliane  
Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive  
(orgs). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. 1ª reimp., Belo Horizonte: Autêntica,  
2007.

## **ARQUIVOS E FONTES**

Arquivo da Academia Brasileira de Ciências

Arquivo da Rádio MEC

Arquivo da SOARMEC

Arquivo Fundação Getúlio Vargas - CPDOC

Biblioteca Nacional

Centro Cultural Edgard Roquette-Pinto

Revista Estudos Históricos. Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro: Editora FGV, n. 21,  
1998.

## **ANEXO CD**

**O trabalho de conclusão é acompanhado por um CD, contendo três arquivos de áudio, que são:**

- 1) Hino da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.**
- 2) Pronunciamento de Roquette-Pinto no evento em homenagem aos “Pioneiros do Rádio”, organizado pela Associação Brasileira de Telecomunicações, em 1953.**
- 3) Entrevista de Beatriz Roquette-Pinto Boyunga, filha de Roquette, concedida ao jornalista Renato Rocha, em 1990, para um programa especial da Rádio MEC, em homenagem a Edgard Roquette-Pinto.**